

CENOGRAFIA E *ETHOS* DISCURSIVO NAS OBRAS DE AUTOAJUDA PARA ADOLESCENTES

MARÍLIA MOLINA FURLAN

CENOGRAFIA
E *ETHOS* DISCURSIVO
NAS OBRAS DE AUTOAJUDA
PARA ADOLESCENTES

Conselho Editorial Acadêmico
Responsável pela publicação desta obra

Profª Drª Erotilde Goreti Pezatti (coordenadora)
Profª Drª Fabiana Cristina Komesu (vice-coordenadora)
Prof. Dr. Douglas Altamiro Consolo
Profª Drª Maria Cristina Parreira da Silva
Mircia Hermenegildo Salomão (representante discente)

MARÍLIA MOLINA FURLAN

CENOGRAFIA
E *ETHOS* DISCURSIVO
NAS OBRAS DE
AUTOAJUDA PARA
ADOLESCENTES

CULTURA
ACADÊMICA 

Editora

© 2014 Editora UNESP

Cultura Acadêmica

Praça da Sé, 108

01001-900 – São Paulo – SP

Tel.: (0xx11) 3242-7171

Fax: (0xx11) 3242-7172

www.editoraunesp.com.br

feu@editora.unesp.br

CIP – Brasil. Catalogação na fonte
Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ

F984c

Furlan, Marília Molina

Cenografia e *ethos* discursivo nas obras de autoajuda para
adolescentes [recurso eletrônico] / Marília Molina Furlan. – 1. ed. – São
Paulo : Cultura Acadêmica, 2014.
recurso digital

Formato: epdf

Requisitos do sistema: adobe acrobat reader

Modo de acesso: world wide web

Inclui bibliografia

ISBN 978-85-7983-575-9 (recurso eletrônico)

1. Análise do discurso literário. 2. Linguística. 3. Livros eletrônicos.

I. Título.

14-17395

CDD: 401.41

CDU: 81'42

Este livro é publicado pelo Programa de Publicações Digitais da Pró-Reitoria de
Pós-Graduação da Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho" (UNESP)

Editora afiliada:



SUMÁRIO

Introdução 7

1. Pressupostos teóricos e
as obras analisadas 15
Cenografia e *ethos* 16
Sobre as obras de autoajuda
para adolescentes 22
2. A cena do desabafo pessoal 25
Marcadores discursivos 26
Modalidade 32
Léxico 43
Considerações sobre a cenografia e o
ethos da obra em análise 44
3. A cena do almanaque juvenil 49
Gêneros discursivos e cenografia 50
Enunciação aforizante 60
Definições e explicações 66

Modalidade	74
Léxico	79
Considerações sobre a cenografia e o <i>ethos</i> da obra em análise	82
4. A cena da psicoterapia	85
Modalidade	85
Os tons do discurso	93
Modalização autonímica	100
Enumeração, analogias e relações dialógicas	106
Considerações sobre a cenografia e o <i>ethos</i> da obra em análise	116
5. A cena da propaganda	119
Modalidade	120
Glosas	125
Léxico	130
Procedimentos argumentativos	131
Considerações sobre a cenografia e o <i>ethos</i> da obra em análise	143
Considerações finais	149
Referências bibliográficas	155
Sobre a autora	159

INTRODUÇÃO

O sucesso mercadológico das obras de autoajuda pode ser considerado uma amostra do potencial que esse tipo de discurso tem para promover, no contexto sócio-histórico contemporâneo, a ideologia centrada no individualismo pós-moderno que caracteriza as atuais sociedades. De modo geral, os trabalhos que tratam dessa questão (Bauman, 1998; Chagas, 2001; Rüdiger, 1996) afirmam que o individualismo é um fenômeno ideológico que se caracteriza pelos deslocamentos nos referenciais de identificação (de coletivos para individuais) e pela exigência de novos estilos de vida, que levam a construções e reconstruções de identidades que sirvam ao modelo capitalista vigente. Mais exatamente, as subjetividades são pulverizadas e os padrões identitários tornam-se voláteis e submissos à ótica do mercado e do mecanismo de produção capitalista.

Nesse contexto, o sujeito pós-moderno, embora seja um indivíduo que se vê livre para tomar decisões, encontra-se solitário e dependente apenas de si, desprovido de um lugar social bem definido. Além disso, tende a focar em si mesmo, em detrimento das forças sociais que o constituem, que o mobilizam e que o integram em determinada coletividade. Desse modo, o indivíduo pós-moderno se encontra impelido a tentar diminuir suas fragilidades e superar as dificuldades pessoais em busca do bem-estar e da satis-

fação pessoal. Por isso, o individualismo pós-moderno também se caracteriza pela incessante necessidade de satisfação de desejos particulares originados pelas novas relações de consumo características do capitalismo atual.

O enfoque na resolução dos problemas individuais e na constituição de uma personalidade nos moldes capitalistas (determinada, em grande medida, a suprir primordialmente necessidades particulares e, por vezes, indiferentes às condições sócio-históricas que acarretam os problemas de ordem social que afetam as sociedades modernas) parece alavancar as vendas das obras de autoajuda. Assim, tais obras investem na promoção de um indivíduo ideal característico da contemporaneidade: seguro, autoconfiante, determinado e concentrado em alcançar sucesso profissional e financeiro.

Reconhecendo essa estreita relação das obras de autoajuda com a ideologia capitalista e individualista, vários estudos têm se dedicado a explicar o funcionamento do discurso veiculado nesses livros, seja pela descrição específica de aspectos sociológicos e históricos que condicionaram sua constituição, seja pela análise dos mecanismos enunciativos que o particularizam. Dentre estes últimos, encontram-se os trabalhos de Brunelli (2004) e Sobral (2006), pesquisas com as quais este livro dialoga.

Assim, considerando alguns dos resultados das pesquisas citadas, este livro visa contribuir com os estudos sobre o discurso de autoajuda, analisando obras de autoajuda destinadas ao público adolescente, uma de suas vertentes mais recentes e uma das menos pesquisadas. Trata-se de contribuir também com os estudos de discursos sobre a adolescência ou voltados aos adolescentes, revelando mecanismos enunciativos que caracterizam ou especificam o modo de enunciar de produções textuais destinadas a esse público. Para o desenvolvimento desta análise, adota-se o aparato teórico-metodológico da Análise do Discurso de linha francesa (AD, doravante).

De um ponto de vista mais específico, analisa-se o *ethos* do discurso de autoajuda para adolescentes e caracterizam-se as cenas de enunciação nas quais esse *ethos* emerge. O interesse pelo conceito

de *ethos* (considerado, basicamente, como a imagem relacionada ao sujeito enunciador do discurso revelado pelo próprio modo como o enuncia) se deve ao fato de que está diretamente ligado à questão da eficácia de um discurso, isto é, à sua capacidade de suscitar a crença.

A análise do *ethos* vincula-se à análise da cena de enunciação instaurada em cada obra selecionada, uma vez que o *ethos* participa da constituição dessa cena, que é a que o discurso pressupõe para poder ser enunciado e que ele legitima por sua própria enunciação (Maingueneau, 2008b).

Conforme dito, este livro dialoga com outros estudos sobre o discurso de autoajuda, tal como o de Brunelli (2004), que analisa obras de autoajuda para adultos, ligadas à temática do sucesso profissional e/ou financeiro. No trabalho citado, com base na abordagem interdiscursiva proposta por Maingueneau (2005a), a autora centra-se na análise de alguns dos traços semânticos que definem o discurso de autoajuda. Por meio de um estudo da modalidade, verifica, então, que a manifestação de certeza é um dos traços que esse discurso reivindica, ao mesmo tempo em que a manifestação da dúvida é um dos que rejeita.

Posteriormente, a análise revela que o direcionamento para os pontos principais é também uma característica essencial desse discurso. Assim, o discurso de autoajuda manifesta, em seus enunciados, traços de objetividade e assertividade. A esse respeito, a autora observou que o sujeito enunciador desse discurso não promove uma reflexão ou um debate sobre as condições que conduzem o enunciatário a um estado de insatisfação, mas se propõe a ser um guia, um orientador que receita fórmulas, dicas, “truques” para superar esse estado e é nessas sugestões que se concentram seus enunciados, daí, inclusive, a alta frequência de imperativos empregados nas obras.

A partir daí, a autora investiga o *ethos* do discurso em questão, o que a levou à conclusão de que se trata do *ethos* do homem seguro, autoconfiante, determinado e autocentrado, que está voltado para os seus objetivos e interesses e que age em busca de seu pró-

prio benefício, bem de acordo com o individualismo da pós-modernidade. Ainda referente ao *ethos* do discurso de autoajuda, Brunelli (2004) afirma que o sujeito enunciator desse discurso assume um tom autoritário, próprio de quem se coloca no lugar de um orientador e que está apto a dizer ao público o que fazer para resolver seus problemas. Trata-se, então, de um enunciator que se apresenta como um indivíduo confiante e seguro, que se mostra plenamente convicto de suas habilidades e de seu potencial, comprometido com a verdade de suas afirmações.

Ainda no que concerne à imagem do enunciator projetada pela enunciação, a autora destacou o tom otimista que caracteriza a enunciação desse discurso, na medida em que este se sustenta na afirmação de que pensamentos positivos e otimistas atraem o sucesso desejado pelo enunciatário. Segundo Brunelli (2004), na construção da atmosfera otimista da enunciação da autoajuda, ao mesmo tempo em que se apagam as referências aos conflitos e problemas contemporâneos, cria-se uma imagem positiva e estável do mundo pós-moderno.

Considerando o modo de enunciação do sujeito enunciator, a autora também identifica a imagem do público-alvo dessas obras. O leitor desse tipo de autoajuda se caracteriza pelos traços opostos aos do sujeito enunciator: inseguro, descrente de suas habilidades ou de sua capacidade de superação dos problemas, perdido, carente de orientação, pessimista. Assim descrito, o público é convocado a ouvir a “sabedoria”, a “experiência” ou o “conhecimento” do autor da obra para que possa alcançar, por meio dessas orientações, as atitudes e o *status* que o enunciator promove, enunciativamente, de si mesmo, pelo *ethos* que projeta em sua forma de enunciar segura, confiante, positiva.

Tendo em vista os resultados citados, investiga-se em que medida as características do discurso de autoajuda para adultos apontadas por Brunelli (2004) também estão presentes no discurso de autoajuda para adolescentes.

Em relação ao diálogo com a pesquisa de Sobral (2006), trata-se de verificar se as obras em análise têm as mesmas propriedades

que o autor lista para caracterizar a autoajuda de vertente psicocós-mica¹ como um gênero, especificamente em relação aos processos intergenéricos que a constituem. Segundo o autor, essa vertente de autoajuda se caracteriza por propor novas formas de enfrentamento das crises, essencialmente espirituais, que afetam os mais diversos grupos sociais. Nesses termos, a autoajuda se propõe a revelar os modos pelos quais as pessoas, a partir de um processo de autoinvestigação interior, poderiam descobrir forças dentro de si ou o próprio potencial para a superação das crises de diversas ordens que afetam o indivíduo das sociedades contemporâneas. Considerando, então, os processos de cura assinalados pelos autores da autoajuda psicocós-mica, entende-se que é o próprio indivíduo que deve, em seu processo de auto-observação, gerenciar e encontrar as soluções para o crescimento e desenvolvimento espiritual. Dessa forma, reitera-se o poder do indivíduo para solucionar seus dilemas, considerados, pois, como resultados exclusivos das experiências de vida de cada pessoa, sem influência de fatores sociais e históricos que os condicionariam. A respeito dessa vertente de autoajuda, o autor afirma:

Esse tipo de texto se autojustifica pela alegação – e, mais do que isso, pela percepção da parte do público – de haver uma ampla crise que afeta não somente o mundo como um todo, mas, de modo específico, o modelo das autodenominadas profissões de ajuda (Medicina, Psiquiatria, Psicologia, religião etc.). A partir disso, propõem eles a descoberta de forças, principalmente interiores, capazes de melhor servir às necessidades humanas sem recurso a “terceiros”, ao menos humanos, exceção feita precisamente aos membros da comunidade mais ampla de autoajuda – real ou virtual. Esses livros influenciam e/ou tentam influenciar todos os campos da atividade humana, podendo mesmo ser considerados manifestações de uma dada concepção de “natureza humana” e do “bem-agir” no mundo. (Sobral, 2006, p.19.)

1. Designação proposta pelo autor.

Para caracterizar a autoajuda como gênero, o autor adota a perspectiva bakhtiniana. Desse ponto de vista, o gênero está intrinsecamente atrelado a um projeto enunciativo de um sujeito enunciativo em relação aos seus interlocutores específicos em um dado contexto comunicativo, embora seja socialmente compartilhado e disponível para todos os participantes de um tipo particular de comunicação. De acordo com essa perspectiva, os gêneros discursivos se constituem de:

- (i) conteúdos temáticos, ideologicamente marcados e estruturados, que se comunicam pelos gêneros;
- (ii) estruturas comunicativas e semióticas compartilhadas pelos textos de um determinado gênero, denominadas de formas composicionais;
- (iii) ato estilístico, relativo à seleção de meios linguísticos (seleção de meios lexicais, fraseológicos e gramaticais).

Além disso, considera-se que os gêneros discursivos, nos diferentes âmbitos comunicativos, se inter-relacionam e, nas diversas esferas de comunicação, podem adquirir traços uns dos outros, transformando-se não só a si mesmos, mas também as próprias esferas de comunicação às quais estão vinculados. Assim, tal como os discursos, os gêneros também estabelecem entre si relações de confronto, de diálogo, de concorrência, de aliança com outros.

No caso da autoajuda da vertente citada, o autor verifica que ela se apropria de diversos gêneros para se constituir. Assim, por exemplo, apropria-se do gênero médico na medida em que fundamenta suas teses e as apresenta sob forma de prescrições que o interlocutor deve seguir para realizar uma busca espiritual, ou seja, instaura-se uma relação enunciativa em que o autor de autoajuda é detentor de um saber ou de uma experiência que o autoriza a ditar normas de conduta aos interlocutores para atingir a principal meta da vertente em questão: a harmonia espiritual.

A imagem dos autores descritas nas contracapas também contribui para tal constatação: mostrados como autores de várias obras dedicadas ao tema, como palestrantes de sucesso, como líderes

espirituais, como acadêmicos reconhecidos, os autores estão aptos a prescrever os caminhos que os interlocutores devem seguir na busca da paz espiritual.

Por outro lado, o gênero também dialoga com gêneros acadêmicos, em função da presença de dedicatórias e agradecimentos por parte dos autores, tais como verificados em gêneros científicos como teses e dissertações. Mais exatamente, Sobral (2006) constatou que, ao mesmo tempo em que tal gênero de autoajuda se vale de recursos semióticos relativos à sua filiação ao discurso religioso, também se legitima por meio da apropriação de certos traços genéricos do discurso científico, que, segundo o autor, pertence a um lugar diferenciado de saber, isto é, ao universo acadêmico. Entre esses traços, encontram-se: o recurso a definições, a institucionalização do discurso produzido (no caso em análise, as assinaturas dos corpos editoriais nos textos de contracapa, o que os tornam fiadores do discurso produzido), a recorrência ao léxico médico, a presença de enunciados que contrastam os verdadeiros e os falsos sentidos para “cura espiritual”, a citação nas contracapas de outros trabalhos ou a menção às experiências profissionais dos autores, a relação de diagnóstico e cura como modelo de leitura da obra (inserção no meio médico) e a indicação de certa “filiação teórica” das propostas espirituais dos autores.

Assim, imprimindo traços de cientificidade às propostas e valendo-se da perspectiva contemporânea da ciência como parâmetro para legitimação de ideias e propostas, os sujeitos enunciadores buscam emprestar autoridade não só às suas teses, mas também a si mesmos como dignos representantes ou autoridades desse lugar enunciativo. Sobral (2006) denominou o processo de apropriação genérica dessas obras de autoajuda de *parasitismo*, processo em que a recorrência a outros gêneros permite a legitimação desse discurso em um lugar próprio no espaço discursivo.

Diante do exposto, neste livro, investiga-se em que medida o discurso de autoajuda para adolescentes se aproxima ou se diferencia do discurso de autoajuda para adultos, conforme é descrito nos trabalhos citados.

Em relação à estrutura, este livro está organizado da seguinte forma: no primeiro capítulo, descrevem-se os princípios teórico-metodológicos da AD que fundamentam as análises dos livros de autoajuda para adolescentes. Além disso, apresenta-se uma contextualização dessas obras no mercado editorial brasileiro, no que se refere à sua produção e comercialização, e os critérios de seleção das obras analisadas. Nos capítulos seguintes, apresentam-se tanto as reflexões teóricas quanto as análises de aspectos linguístico-discursivos específicos das obras. Por fim, nas considerações finais, comparam-se os resultados das análises desenvolvidas, destacando-se semelhanças e/ou diferenças relativas às suas cenografias e aos seus *ethé*. Também se comparam esses resultados com os dos dois trabalhos citados, que analisam obras para adultos.

1

PRESSUPOSTOS TEÓRICOS E AS OBRAS ANALISADAS

Para a realização da análise do discurso de autoajuda para adolescentes, adota-se, conforme já dito, o aparato teórico-metodológico da AD, especialmente as reflexões de Maingueneau (2008a; 2008b; 2008c) sobre os conceitos de cenas de enunciação e *ethos*.

Cabe informar que a análise da cenografia e do *ethos* das obras se desenvolve a partir de certos aspectos linguístico-discursivos da superfície discursiva, considerados significativos especialmente pela sua regularidade. Para o tratamento desses aspectos, empregam-se certos aparatos teórico-metodológicos da Linguística que auxiliam a compreender os efeitos de sentido que produzem.

Ainda que determinados aspectos possam, a princípio, ser considerados para a análise da cenografia e do *ethos* de todas as obras, a seleção de um ou de outro deve-se à frequência de sua ocorrência na superfície discursiva de cada obra e ao grau de produtividade de sua análise para a caracterização da cenografia e do *ethos*. Convém esclarecer também que a escolha de determinados aparatos teórico-metodológicos não implica que se abandone o ponto de vista da Análise do Discurso de linha francesa, assumindo, por exemplo, pelas escolhas realizadas, os mesmos princípios teóricos subjacentes a esses outros aparatos, que aqui são

convocados apenas na qualidade de dispositivos auxiliares e/ou de instrumentais de análise.

Para apresentar, então, os conceitos e princípios que regem a análise que se desenvolve neste trabalho sobre o discurso de autoajuda para adolescentes, este capítulo está organizado em torno de dois eixos. O primeiro diz respeito aos conceitos e princípios que abrangem os aspectos discursivos que orientam a análise das obras, ou seja, às reflexões teóricas de Maingueneau (2008a, 2008b, 2008c) sobre cenografia e *ethos* discursivo. O segundo destina-se a apresentar os critérios de seleção das obras, considerando-se a comercialização de obras de autoajuda para adolescentes no mercado editorial brasileiro.

Cenografia e *ethos*

De acordo com Maingueneau (2008b), a noção de *ethos* remonta à Retórica antiga, a primeira disciplina a preocupar-se com a construção da imagem de si por um orador em seu discurso. Mais recentemente, outras teorias linguísticas, em especial as pragmáticas e as discursivas, reformulam o conceito em seus respectivos quadros teóricos, como observa Maingueneau (2008b). Convém destacar, portanto, os princípios comuns que norteiam esses diversos tratamentos e as contribuições da Análise do Discurso para o desenvolvimento desse conceito.

Na Retórica, provavelmente a primeira elaboração conceitual de *ethos* foi esboçada por Aristóteles, segundo o qual o *ethos* se destina a “causar boa impressão pela forma que se constrói o discurso, dar uma imagem de si capaz de convencer o auditório, ganhando sua confiança” (Maingueneau, 2008b, p.13). Dessa maneira, para Maingueneau (2008b), o *ethos*, na Retórica, é um saber inferido a partir da enunciação e não um saber extradiscursivo sobre o locutor. Assim, ao destinatário cabe a tarefa de atribuir certas características à entidade que se manifesta como origem da enunciação, considerando o modo como enuncia.

Conforme afirma Maingueneau (2008b), para Aristóteles, um orador, tendo em vista o auditório ao qual se destinava a sua enunciação, organiza seu discurso considerando três aspectos: os argumentos (*logos*), as paixões (*pathos*) e as condutas (*ethos*). Além disso, deve observar três qualidades fundamentais na construção do *ethos*: a prudência (*phronesis*), a virtude (*aretè*) e a benevolência (*eunoia*). Empregando corretamente os argumentos, recorrendo às paixões e adequando sua enunciação a certas condutas, o orador oferece ao destinatário uma experiência sensível desse discurso, predispondo-o à sua adesão. A persuasão do auditório será resultado, portanto, também do *ethos* do orador, que deve se aproximar do público, para criar a impressão de que o enunciador é parte daqueles que o ouvem.

Segundo Maingueneau (2008b), é possível encontrar em Ducrot uma contribuição para a compreensão da noção de *ethos*, considerando-se a distinção que o último faz entre o locutor enquanto instância enunciativa e o locutor enquanto sujeito real, existente no mundo extradiscursivo. Tendo em vista essa distinção, entende-se que o *ethos*, assim como o locutor apreendido como enunciador, mostra-se na enunciação, sem ser dito no corpo do enunciado. Ou seja, essa imagem do enunciador é percebida no discurso, sem ser o objeto desse discurso, o que significa que o *ethos* não se identifica com os atributos reais do locutor, mesmo que esteja a ele associado. A esse respeito, Maingueneau (2008b) afirma que o destinatário atribui ao locutor inscrito no mundo extradiscursivo traços que são, na verdade, intradiscursivos, pois são associados a uma forma específica de dizer, de enunciar. Na verdade, não se trata de traços exclusivamente intradiscursivos porque também intervêm na elaboração do *ethos* pelo destinatário dados exteriores ao discurso do locutor, tais como mímicas, trajes, gestos etc.

Uma dificuldade apontada por Maingueneau (2008b) concernente à noção de *ethos* diz respeito justamente ao fato de que a sua caracterização depende da atuação conjunta de fatores de diversas ordens, linguísticas ou não: registro da língua, planejamento textual, ritmo, gestos, modo de vestir etc. Isso implica para o enuncia-

tário uma percepção e uma postura interpretativa mais complexa, já que deverá observar indícios linguísticos e do ambiente em que ocorre a enunciação. O *ethos* abrange, então, o comportamento verbal e não verbal do enunciador. Como ressalta Maingueneau (2008b), há sempre elementos contingentes num ato de comunicação em relação aos quais é difícil dizer se fazem ou não parte do discurso, embora influenciem a construção do *ethos* pelo destinatário. Além disso, essa apreensão do *ethos* pelo destinatário pode não corresponder ao pretendido pelo enunciador.

O *ethos* também pode ser considerado por diversas perspectivas: ele pode relacionar-se a um aspecto mais concreto (imagem, feições, ar, tom) ou mais abstrato da figura do enunciador (costumes oratórios, caráter, retrato moral); pode ser considerado mais ou menos saliente, manifesto, singular ou coletivo, partilhado, implícito, visível, fixo, convencional ou ousado. Para Kerbrat-Orecchione (1996 apud Maingueneau, 2008b), por exemplo, o *ethos* é o conjunto de hábitos locucionais partilhados por membros de uma comunidade, compondo um quadro invisível e imperceptível.

Maingueneau, apesar das dificuldades associadas ao *ethos*, elenca os seguintes princípios mínimos que embasam seu construto teórico da noção: (i) o de que se trata de uma noção discursiva, isto é, que ele se constrói através do discurso (não é uma imagem independente da enunciação); (ii) o de que se trata de um processo interativo de influência sobre o outro; (iii) o de que se trata de uma noção híbrida (sociodiscursiva), “um comportamento socialmente avaliado, que não pode ser apreendido fora de uma situação comunicativa específica, integrada ela mesma numa determinada conjuntura sócio-histórica” (Maingueneau, 2008b, p.17). Além disso, embora o autor afirme que o modo como trabalha a noção no interior do quadro da AD não seja essencialmente infiel às linhas de força da concepção aristotélica, ele também deixa bem claro que o tratamento que dá à noção de *ethos* se distancia de uma questão de argumentação propriamente dita. A esse respeito, afirma:

Fui levado a trabalhar essa noção de *ethos* no quadro da análise do discurso e sobre *corpora* de gêneros “instituídos”, que oponho aos gêneros “conversacionais”. *A perspectiva que defendo ultrapassa e muito o domínio da argumentação*. Para além da persuasão por argumentos, essa noção de *ethos* permite refletir sobre o processo mais geral de adesão dos sujeitos a um certo discurso. (Maingueneau, 2008b, p.17, grifos nossos.)

Para o autor, a noção de *ethos* mantém um laço especial com a reflexividade enunciativa e permite articular corpo e discurso para além da distinção entre oral e escrito. Mais exatamente, a instância subjetiva que se manifesta no discurso se deixa conceber como uma espécie de “voz” indissociável de um corpo enunciante, que é historicamente especificado. Desse modo, todos os textos, mesmo os escritos, têm uma oralidade, que pode se manifestar numa multiplicidade de tons¹ associados a uma certa caracterização do corpo do enunciador, considerado o “fiador”, isto é, o responsável pela enunciação. Esse fiador é construído pelo destinatário a partir dos índices liberados na enunciação.

Com essa perspectiva, Maingueneau (2008a) desenvolve uma concepção de *ethos* que ele chama de “encarnada”, recobrando não só a dimensão verbal, mas também o conjunto de determinações físicas e psíquicas do “fiador”. Essas determinações, por sua vez, dizem respeito a representações coletivas estereotípicas. Assim, atribui-se ao fiador certo *caráter* (concebido como um feixe de traços psicológicos) e certa *corporalidade* (uma constituição física associada a uma forma de se vestir), que juntos implicam uma forma específica de se mover no espaço social, um certo comportamento associado a estereótipos sociais que a enunciação contribui para manter ou transformar e nos quais os destinatários se apoiam para sua apreensão da imagem do enunciador. Assim, entende-se que o destinatário tem um papel relevante na construção do *ethos*

1. Maingueneau prefere empregar o termo “tom”, pela vantagem de valer tanto para o escrito quanto para o oral.

do enunciador, pois é ele que, com base nos traços intradiscursivos, relaciona o modo de dizer do enunciador a representações coletivas e culturais relativas a modos específicos de habitar o mundo, atribuindo, desse modo, ao fiador certa imagem psicológica e social.

Com essa concepção encarnada de *ethos*, Maingueneau (2008a) explica como se dá o processo de adesão de um destinatário a determinado discurso. Esse processo, chamado pelo autor de *incorporação*, é constituído pelas seguintes etapas:

- num primeiro momento, a enunciação dá corporalidade ao seu fiador;
- em seguida, o destinatário incorpora, assimila, um conjunto de esquemas que corresponde a maneiras específicas de se remeter ao mundo, habitando seu próprio corpo;
- as duas incorporações anteriores permitem a constituição de um corpo da comunidade imaginária dos que aderem a um mesmo discurso.

Maingueneau (2008a) distingue o *ethos pré-discursivo* do *ethos discursivo*. Se neste a imagem do enunciador é construída pelo enunciatário com base nos indícios discursivos, o primeiro resulta de representações prévias do enunciador. Maingueneau (2008a) acrescenta que a existência dos dois tipos de *ethé* não se dá necessariamente em todos os discursos, pois há discursos que prescindem dessas imagens construídas *a priori* pelos destinatários dos discursos.

Ainda segundo Maingueneau (2008a), o *ethos* discursivo é o produto da interação de outros dois tipos: o *ethos dito* e o *ethos mostrado* pela enunciação. O primeiro diz respeito aos fragmentos dos textos que evocam sua própria enunciação, revelando a imagem que tem de si, e/ou nos quais o enunciador faz alusões a outras cenas de fala. Para Maingueneau (2008a), os limites entre o *ethos* dito sugerido e o mostrado não são muito claros, por isso defende um *continuum* entre esses dois tipos de *ethé*.

Além dessas propriedades, o *ethos* está vinculado à cena de enunciação, que, segundo Maingueneau (2008a), apresenta três tipos: a cena englobante, a cena genérica e a cenografia. A *cena englobante* corresponde ao tipo de discurso; ela confere ao discurso seu estatuto pragmático (por exemplo: discurso literário, discurso religioso, discurso filosófico, discurso publicitário). A *cena genérica*, por sua vez, diz respeito ao contrato associado a determinado gênero (editorial, sermão, guia turístico, visita médica, receita etc.). Finalmente tem-se a cenografia, cena construída pelo próprio texto, que não é necessariamente imposta pelo gênero; assim, por exemplo, um sermão pode ser enunciado por meio de uma cenografia professoral. A *cenografia* é exatamente o lugar onde o fiador do discurso está inserido, assumindo certo modo de enunciação.

Dada a importância desse último tipo de cena para a análise das obras selecionadas, já que é nessa cena que emerge o *ethos* discursivo, convém destacar outras observações de Maingueneau (2008c) a respeito da noção de cenografia. A importância da cenografia para o discurso pode ser assim descrita:

A escolha da cenografia não é indiferente: o discurso, desenvolvendo-se a partir de *sua* cenografia, pretende convencer instituindo a cena de enunciação que o legitima. O discurso impõe sua cenografia de algum modo desde o início; mas, de outro lado, é por intermédio de sua própria enunciação que ele poderá legitimar a cenografia que impõe. Para isso, é necessário que faça seus leitores aceitarem o lugar no universo de sentido que ele instaura. (Maingueneau, 2008c, p.117, grifo do autor.)

Desse modo, entende-se que, para o autor, a cenografia não se confunde com um quadro predeterminado dentro do qual uma enunciação é inserida. Trata-se de um dispositivo próprio ao discurso que se desenvolve simultaneamente à sua enunciação e que, ao mesmo tempo em que a legitima, é legitimado por ela. É a própria enunciação que especifica a cenografia e esta é a única que per-

mite que tal enunciação funcione para determinado universo de sentido que um discurso manifesta, contribuindo, inclusive, para a aceitação, convencimento e adesão dos coenunciadores do discurso em questão. Dessa forma,

a cenografia é, ao mesmo tempo, *origem e produto do discurso*; ela legitima um enunciado que, retroativamente, deve legitimá-la e estabelecer que essa cenografia de onde se origina a palavra é precisamente a cenografia requerida para contar uma história, para denunciar uma injustiça etc. Quanto mais o enunciador avança no texto, mais ele deve se persuadir de que é aquela cenografia, e nenhuma outra, que corresponde ao mundo configurado pelo discurso. (Maingueneau, 2008c, p.118, grifos do autor.)

Por fim, cabe ressaltar uma última observação feita pelo autor a respeito da cenografia discursiva: há certos gêneros de discursos que restringem as possibilidades de cenografia, limitando-as aos seus rituais sociocomunicativos mais típicos e há outros que são mais suscetíveis a variações e modificações, que não se limitam exclusivamente às cenografias típicas geralmente associadas a eles. Neste livro, trata-se, então, de verificar se as obras de autoajuda para adolescentes reproduzem as propriedades do gênero, nos termos de Sobral (2006) ou se desenvolvem outras cenografias.

Sobre as obras de autoajuda para adolescentes

No mercado de vendas de obras de autoajuda para adolescentes em *sites* de grandes livrarias, a oferta de livros de autores estrangeiros é maior do que os nacionais. Segundo dados pesquisados para este trabalho,² são 21 obras de autores de outras nacionalidades e 12 de autores brasileiros. Nota-se também que, dentre todas

2. Pesquisa realizada nos *sites* da livraria Saraiva e Cultura entre os anos de 2009 e 2010. O interesse por esses *sites* de vendas justifica-se por serem comercial-

as obras, incluindo nacionais e estrangeiras, 21 tratam da adolescência em termos dos problemas de diferentes âmbitos da vida do jovem, ao passo que as outras 12 focalizam determinados aspectos da vida adolescente. Destinam-se aos públicos adolescentes de ambos os sexos e tratam de temas como sexualidade, profissão e relacionamentos (com pais, amigos ou parceiros amorosos).

Além disso, essas obras se caracterizam por serem publicações contemporâneas, já que, das 33 obras disponíveis, apenas 3 foram publicadas antes dos anos 2000. Exemplos das obras de autoajuda para adolescentes disponíveis no mercado: *Os sete hábitos dos adolescentes altamente eficazes* (Covey, 2009), *Como fazer amigos e influenciar pessoas para adolescentes* (Carnegie, 2006), *A batalha de toda adolescente* (Arterburn; Elthridge, 2007), *Adolescentes: um bate-papo sobre sexo* (Ribeiro, 2008), *Adolescente de A a Z* (Molinari, 2003) e *Encarando a adolescência* (Rappaport, 2011).

Convém assinalar que, como critério de seleção das obras, optou-se por aquelas que tematizassem a adolescência em si, sem um enfoque delimitado a temáticas específicas, como sexualidade, drogas, relação com os pais. Outro critério de seleção relaciona-se ao público dessas obras: optou-se por aquelas voltadas especificamente aos adolescentes. Portanto, foram selecionadas obras que apresentam uma temática mais abrangente e que não se destinam também a outros públicos relacionados aos adolescentes, como pais e educadores.

Além desse critério de seleção, para que a análise pudesse revelar as características do discurso de autoajuda para adolescentes tal como se encontra circulando atualmente, selecionaram-se obras que ainda estão disponíveis no mercado, ou seja, foram obras lançadas ou reeditadas depois de 2000.

Desse modo, considerando-se conjuntamente os critérios apresentados, as obras selecionadas são: (i) *Tipo assim*: adolescente, em que os autores Jairo Bouer e Soninha Francine (2005) discutem

mente relevantes do ponto de vista de número de publicações disponíveis e volume de vendas.

os principais temas relacionados à adolescência, como sexo, drogas, relação com os pais e relatam as experiências que tiveram nessa fase da vida; (ii) *O livro do adolescente*: discutindo ideias e atitudes com o jovem de hoje, de Liliana e Michele Iacocca (2008), obra em que os autores se manifestam sobre temas de interesse dos adolescentes, como amizade, namoro, medo e família e organizam uma discussão com os adolescentes sobre esses temas; (iii) *Por que estou assim?* Os momentos difíceis da adolescência, de Cybelle Weinberg (2007), psicopedagoga especialista em adolescência; (iv) *Não faça tempestade em copo d'água para adolescentes*, de Richard Carlson (2001), terapeuta norte-americano especializado em relacionamentos.

Nos quatro próximos capítulos, analisam-se a cenografia e o *ethos* de cada uma dessas obras, a partir de seus aspectos linguístico-discursivos, conforme as considerações apresentadas neste capítulo.

2

A CENA DO DESABAFO PESSOAL

A primeira obra a ser analisada é *Tipo assim*: adolescente, escrita por Sonia Francine, ex-apresentadora da MTV do Brasil, e pelo médico Jairo Bouer, que é atualmente uma grande referência na mídia quando o assunto é saúde e comportamento jovem. Nessa obra, os autores abordam alguns dos temas mais comumente relacionados à adolescência, como sexo, drogas, relação com os pais, a adaptação e a convivência entre grupos de amigos, e comentam algumas experiências que tiveram nessa fase da vida. Desse modo, entende-se que essa seja uma obra voltada para adolescentes, de autores conhecidos entre esse público. Ou seja, não se trata de orientações aos pais de como lidar com as situações-problema dos filhos, mas de uma discussão voltada aos adolescentes na busca de sua compreensão sobre o momento em que vivem.

A análise do *ethos* da obra selecionada desenvolve-se a partir dos indícios da superfície discursiva que foram considerados significativos e produtivos para caracterizá-lo. Desse modo, observando a materialidade linguística do texto, selecionam-se três focos de investigação – a saber: ocorrências de marcadores discursivos, ocorrências de itens modais e aspectos do léxico empregado – cuja análise é apresentada nos próximos itens. A articulação dos resultados dessas análises permite identificar não só a cena de enun-

ciação em que o fiador da obra em análise emerge, mas também o perfil desse fiador.

Marcadores discursivos

Na análise do livro selecionado, a frequência de *marcadores discursivos* (MD, doravante) mostrou-se bastante significativa. Para compreender melhor os efeitos de sentido relativos ao emprego desses marcadores, recorre-se a dois trabalhos sobre o tema, a saber: Oliveira e Silva, Risso e Urbano (2006) e Guerra (2007). Segundo observam os primeiros autores, os MD manifestam a presença dos interlocutores no enunciado e revelam algumas características do processo enunciativo. A esse respeito, afirmam:

Por seu intermédio, a instância da enunciação marca presença forte no enunciado, ao mesmo tempo em que se manifestam importantes aspectos que definem sua relação com a construção textual-interativa. (Oliveira e Silva; Risso; Urbano, 2006, p.403.)

Os autores registram a falta de consenso sobre a natureza e as propriedades dos MD nos mais diversos estudos dedicados ao tema. Por isso, ressaltam a necessidade de estabelecer limites para a sua análise por meio da definição de traços básicos que os identifiquem e os especifiquem. Assim, descrevem os MD com base na frequência de dez variáveis que levam em conta os principais trabalhos que existem na literatura sobre o assunto. Apresentam também as variações possíveis das combinações dos traços definidores dos MD e as relações entre essas unidades e as classes gramaticais. As variáveis que consideram na descrição dos MD são as seguintes: padrão de recorrência, articulação dos segmentos do discurso, orientação da interação, relação com o conteúdo proposicional, transparência semântica, apresentação formal, relação sintática com a estrutura gramatical da oração, demarcação prosódica, autonomia comunicativa e massa fônica.

Com base na combinação das variáveis relacionadas à articulação dos segmentos do discurso e à orientação da interação, identificam-se as seguintes tendências funcionais básicas dos MD:

- a) maior projeção da interação quando o foco funcional não está no sequenciamento de partes do texto;
- b) em contrapartida, maior projeção da articulação textual quando o foco deixa de incidir no eixo da interação. (Oliveira e Silva; Risso; Urbano, 2006, p.409.)

Assim, os MD são divididos em dois subgrupos: os basicamente sequenciadores e os basicamente interacionais.

Os autores constataram ainda que os traços mais significativos para definir e especificar os MD são: alta frequência no espaço discursivo, exterioridade dos MD ao conteúdo proposicional dos enunciados, parcial transparência semântica, restrição de formas variantes, independência sintática, presença de pauta prosódica demarcativa, não autonomia comunicativa e predominância de formas mais curtas.

Com base nos cruzamentos de todos esses traços, os autores apontam seis padrões para os MD, com alterações somente nos traços funcionais (articulação tópica e orientação interacional) e na descrição da apresentação formal (forma única ou variantes). Entretanto, deixam claro que a classe dos MD não é discreta, nem se esgotam nos padrões apresentados. Segundo eles, os MD formam uma classe gradiente entre MD prototípicos e MD menos prototípicos. Assinalam também que as principais fontes gramaticais dos MD são as formações mistas de classes gramaticais, advérbios, verbos e conjunções.

Ainda de acordo com essa investigação, os aspectos mais específicos dos MD, isto é, os traços que lhes conferem identidade são: exterioridade ao conteúdo proposicional, independência sintática, não autonomia comunicativa e as funções contrabalanceadas de articulador tópico e de orientador da interação. Esses traços diferenciam discursivamente os MD das proposições tópicas: os MD

operam no plano da atividade enunciativa enquanto as proposições tópicas, que comportam uma informação conteudística, operam no plano do conteúdo. Por outro lado, os MD asseguram a ancoragem pragmática do enunciado, definindo: a força ilocutória com que ele pode ser tomado, as atitudes assumidas em relação a ela, a checagem de atenção do ouvinte para a mensagem transmitida, a orientação que o falante imprime à natureza do elo sequencial entre os elementos textuais. Enfim, trata-se sempre de uma informação de natureza pragmática. Assim, os MD estabelecem-se como embreadores dos enunciados com as suas condições de enunciação, apontando para as instâncias de produção do discurso e definindo a relação dessas instâncias com a estrutura textual-interativa. Desse modo, os MD indicam

articulações textuais e relações interpessoais, como foco funcional em um ou outro desses aspectos, que particularizam dois grandes subconjuntos: os *basicamente sequenciadores* e os *basicamente interacionais*. As particularidades funcionais diferenciadas [...] não são exclusivas nem excludentes; pelo contrário, são inter-relacionadas com graus correlativos de projeção das duas funções básicas: o maior peso do fator interacional corresponde normalmente a uma diluição do papel articulador; e, inversamente, o crescimento da atuação sequenciadora convive com um grau mais atenuado de manifestação do jogo de relações interpessoais. (Oliveira e Silva; Risso; Urbano, 2006, p.424-5, grifos da autora.)

Do trabalho de Guerra (2007), destaca-se a proposta de subdivisão das funções textuais e interativas dos MD. Em relação a essa proposta, a autora afirma que os MD predominantemente textuais exercem, então, as seguintes funções: introdução de segmento tópico, sequenciamento de segmento tópico, fechamento de segmento tópico. Aqueles de funcionamento predominantemente interacional exercem as funções de: *feedback*, *checking*, injuntivo, iniciador, interpelativo.

Os elementos com função de *feedback* “são itens que expressam uma nítida orientação por parte do ouvinte em direção ao falante, através da manifestação de um acompanhamento atencioso da fala do outro” (Guerra, 2007, p.62). Os que desempenham a função de *checking* “expressam nítida orientação por parte do falante em direção ao ouvinte, através da busca de uma aprovação discursiva” (Guerra, 2007, p.62). Iniciadores, por sua vez, são itens que representam sinais do falante ou do ouvinte, que promovem o desencadeamento da interação e que envolvem indiretamente o interlocutor. Quando desempenha a função injuntiva, o MD implica um maior comprometimento entre falante e ouvinte com a continuação da interação, por guardar a forma de ilocução imperativa. Na função interpelativa, o MD invoca ou chama a atenção do interlocutor para o ato de interação.

Considerando-se o tratamento dados aos marcadores discursivos nos trabalhos de Oliveira e Silva, Risso e Urbano (2006) e Guerra (2007), foi feito um levantamento dos MD presentes na obra em análise. Nessa obra, constata-se várias ocorrências de MD, conforme indica a Tabela 1.

Tabela 1 – Classificação dos marcadores discursivos presentes em *Tipo assim*: adolescente

<i>Tipo de marcador</i>	<i>Número de ocorrências</i>	<i>%</i>
Marcador textual	17	18,2
Marcador de interação	76	81,8
Total	93	100

Dentre os MD com funções textuais, encontraram-se ocorrências de “mas” e de “ai” como sequenciadores tópicos. Entretanto, considerando-se sua menor frequência e os efeitos que os MD interacionais promovem na constituição da cenografia da obra, não se caracterizará mais detalhadamente os MD textuais.

Conforme indica a Tabela 1, 81,8% dos MD encontrados são do tipo interacional, entre os quais foram encontrados os seguintes marcadores: *aí*, *sabe*, *né*, *olha*, *nossa*, *entende*; vejam-se alguns exemplos (destacados em itálico):

- (1) “O que é, para que serve, o que significa, *sabe?*” (Bouer; Francine, 2005, p.34.)
- (2) “*E aí*, o que vocês acham?” (Ibidem, p.38.)
- (3) “Há sempre um pouco de transgressão, *né?*” (Ibidem, p.16.)
- (4) “Não para fofocar, só para saber mesmo, *entende?*” (Ibidem, p.20.)
- (5) “*Olha*, acho que agora você já tem idade para beijar.” (Ibidem, p.15.)

A seguir, a frequência dos MD interacionais presentes na obra:

Tabela 2 – Frequência dos MD interacionais na obra *Tipo assim: adolescente*

<i>Marcador discursivo</i>	<i>Número de ocorrências</i>	<i>%</i>
olha	5	6,5
entende	9	11,9
aí	10	13,2
nossa	11	14,5
sabe	14	18,4
né	27	35,5
Total	76	100

Dos MD de interação encontrados na obra, a maior parte exerce a função de *checking*, conforme indica a Tabela 3, relativa às funções exercidas por esses MD, de acordo com a classificação proposta por Guerra (2007).

Tabela 3 – Tipos dos marcadores de interação encontrados em *Tipo assim: adolescente*

<i>Função do marcador discursivo</i>	<i>Número de ocorrências</i>	<i>%</i>
Injuntivo	5	6,5
Iniciador	11	14,4
<i>Checking</i>	60	79,1
Total	76	100

Conforme os dados das últimas tabelas indicaram, o principal MD interacional encontrado na obra é o *né*, que exerce a função de *checking* nas ocorrências da obra em análise. O emprego desse MD tem como objetivo a busca de aprovação do interlocutor em relação ao tópico da interação, o que evidencia a relação de amizade que há entre os interlocutores e contribui para a diluição do distanciamento ou a atenuação de hierarquia entre os enunciadores da obra. Assim, a presença dos MD de interação aproxima os interlocutores do texto entre si, que são os autores do livro, e implica, justamente, o comprometimento dos falantes com a continuidade da interação. A esse respeito, vale dizer que o livro se apresenta como um diálogo entre esses autores, diálogo esse que se manifesta de maneira informal e próxima, com relatos de experiências e sentimentos pessoais; daí a alta frequência dos MD que imprimem ao texto um tom informal e interacional, caracterizando-o como um diálogo entre amigos (e não entre os profissionais que assumem a autoria do livro, a saber, um médico e uma apresentadora de TV). Esses MD caracterizam a cena de enunciação da obra, que pode ser entendida como a de uma conversa informal entre dois amigos a respeito da adolescência, um desabafo entre pessoas próximas que têm problemas em comum. Os fiadores do texto são, portanto, dois amigos, que se expressam informalmente e de um modo que conota intimidade e proximidade, daí a presença significativa e recorrente dos marcadores discursivos do tipo interacional, que atestam a natureza interativa do gênero do texto em análise e a relação de proximidade de seus interlocutores.

Na próxima seção, analisam-se os efeitos de sentido das modalidades na obra em análise.

Modalidade

A análise da categoria linguística da modalidade, além de determinada pelo grande número de ocorrências de verbos e itens lexicais modais verificados nos enunciados, justifica-se também, neste livro, pelo próprio conceito de modalidade e sua contribuição para projeção da imagem do enunciador.

A modalidade é uma categoria da língua que se refere à relação do enunciador com o enunciado e reflete um julgamento do enunciador tanto sobre o conteúdo proposicional descrito no enunciado como sobre a relação intersubjetiva que é instaurada por essa enunciação (Saint-Pierre, 1992 apud Neves, 1996). Por conseguinte, o estudo da modalidade promove uma adequada reflexão sobre a imagem do sujeito enunciador, na medida em que este imprime marcas de sua relação com o dizer e com o enunciatário a quem direciona este dizer no seu próprio enunciado.

A análise dessa categoria se baseia em Brunelli e Dall'Aglio-Hattner (2010), que analisaram a modalidade no discurso de autoajuda.¹ Para tanto, as autoras adotaram a abordagem funcionalista de Hengeveld (2004), que classifica as modalidades a partir de dois critérios principais: o tipo de alvo de avaliação, ou seja, a parte do enunciado que é modalizada, e o domínio semântico a partir do qual a avaliação é feita. Segundo as autoras, pelo parâmetro alvo de avaliação, identificam-se as modalidades orientadas para o participante, para o evento e para a proposição; e pelo parâmetro domínio semântico, as modalidades facultativa, deôntica, volitiva, epistêmica e evidencial. Do cruzamento dos dois parâmetros ci-

1. O *corpus* desse trabalho é o mesmo de Brunelli (2004).

tados, têm-se os seis tipos de modalidades, apresentados a seguir juntamente com os seus subtipos:

- a) *modalidade facultativa*: (i) orientada para o participante: descreve a habilidade de um participante no evento designado pelo predicado; (ii) orientada para o evento: faz uma caracterização dos eventos em termos das condições físicas ou circunstanciais que possibilitam as suas ocorrências. Nesse tipo de modalidade, a possibilidade de ocorrência de um evento advém das circunstâncias em que o evento ocorre, ou seja, independe das capacidades intrínsecas do participante;
- b) *modalidade deôntica*: (i) orientada para o participante: descreve um participante que se encontra sob uma obrigação ou que tem uma permissão para se engajar no evento designado pelo predicado; (ii) orientada para o evento: descreve a existência de obrigações, permissões e proibições gerais, sem que o sujeito enunciador assuma a responsabilidade por esses julgamentos;
- c) *modalidade volitiva*: (i) orientada para o participante: descreve o desejo de um participante de se engajar no evento descrito pelo predicado; (ii) orientada para o evento: caracteriza um evento como desejável ou indesejável, sem o envolvimento do sujeito enunciador nessa avaliação; (iii) orientada para a proposição: tem o sujeito enunciador (e não o participante do evento descrito na oração) como a fonte da atitude volitiva expressa na proposição;
- d) *modalidade epistêmica*: (i) orientada para o evento: caracteriza um evento como possível ou não a partir do que é sabido sobre o mundo; (ii) orientada para a proposição: especifica o grau de comprometimento do sujeito enunciador com relação à proposição que ele apresenta;
- e) *modalidade evidencial*: (i) orientada para a proposição: está relacionada à fonte da informação contida no enunciado e ao modo como o enunciador obteve essa informação. Os di-

ferentes tipos de fonte (o falante, uma fonte in/definida ou um conhecimento comum) e o modo como o falante obteve essa informação são responsáveis pelos diferentes graus de confiabilidade da informação expressa pela proposição.

Em seu trabalho, Brunelli e Dall’Aglio-Hattner (2010), interessaram-se especialmente pelas qualificações facultativas, relacionadas à expressão de capacidade e habilidade, pelas deônticas, relativas ao que é legal, social e moralmente permissível, e pelas qualificações epistêmicas, relativas ao que é sabido em relação ao mundo real. Considerando-se, então, os diferentes alvos e domínios de avaliação dessas modalidades, elas analisaram os efeitos de sentido associados à manifestação das modalidades no discurso de autoajuda, estabelecendo as relações possíveis entre as coerções semânticas do discurso, o estatuto do sujeito enunciador e o domínio de avaliação. Analisando os modais epistêmicos, as autoras notaram que, no discurso de autoajuda, não há nenhuma manifestação do comprometimento do sujeito enunciador com a verdade de seu enunciado, o que imprime maior autoridade às declarações desse sujeito. Por isso, embora tenham encontrado no discurso analisado manifestações de possibilidade (ou seja, de modais epistêmicos orientados para o evento, que indicam possibilidade; portanto uma manifestação de incerteza), observaram que elas não se apresentam como manifestações de incerteza do sujeito enunciador em si, que se esquia desse comprometimento, apresentando a possibilidade como algo que independe dele. Segundo afirmam, trata-se de um indício da pertinência da tese formulada por Brunelli (2004) sobre o discurso de autoajuda, isto é, que a manifestação de certeza é um dos seus traços semânticos constitutivos.

Quanto ao uso de modais facultativos, a análise de Brunelli e Dall’Aglio-Hattner (2010) destaca a importância desse tipo de modal no discurso analisado: trata-se do modal mais frequente nesse discurso, o que se justifica pelo fato de que o discurso de autoajuda prega que cada um tem o poder de solucionar os próprios problemas, ou seja, cada um pode (tem condições, tem capa-

cidade) de alcançar sucesso, de fazer fortuna etc. Daí os vários enunciados em que o verbo modal *poder* é empregado com valor facultativo, exprimindo capacidade.

As autoras verificam que valores deônticos, expressos por verbos modais e por adjetivos em posição predicativa, são, no discurso de autoajuda para adultos, o segundo tipo de modal mais empregado, representando 32% do total de ocorrências. As autoras justificam essa frequência considerando que o discurso de autoajuda, de modo geral, pode ser caracterizado como um discurso que se destina a apresentar um conjunto de orientações para o sucesso de seus leitores. A esse respeito, afirmam:

Espécie de manual de sobrevivência do mundo atual, os livros de autoajuda se destinam a orientar os seus leitores, oferecendo-lhes supostas receitas e segredos para solucionar qualquer tipo de problema. Daí a grande quantidade de frases imperativas que podemos encontrar nesses livros e também a presença dos modais deônticos presentes no *corpus* em análise. (Brunelli; Dall'Aglio-Hattnher, 2010, p.22.)

Em relação à modalidade evidencial, as autoras afirmam que evidenciais de inferência, quando se constroem com os verbos de opinião e crença (como *achar*, *crer* e *acreditar*) empregados na primeira pessoa do singular, inexistem no discurso de autoajuda, uma vez que a evidencialidade que eles indicam é uma crença ou inferência do próprio sujeito enunciador, conforme afirma Dall'Aglio-Hattnher (2007). Esse tipo de evidencialidade comprometeria o sujeito enunciador com aquilo que é dito, fato esse que não se observa no discurso de autoajuda analisado pelas autoras.

A análise da modalidade na obra inicia-se com um levantamento de todas as ocorrências de itens lexicais modalizadores encontrados na obra. A classificação desses modais pode ser vista na Tabela 4.

Tabela 4 – Classificação dos modalizadores presentes na obra *Tipo assim: adolescente*

<i>Tipo de modalidade</i>	<i>Número de ocorrências</i>	<i>%</i>
Volitiva	1	0,3
Facultativa	14	4,7
Evidencial	51	17,3
Deôntica	108	36,4
Epistêmica	122	41,3
Total	296	100

Conforme revela a Tabela 4, o número de ocorrência de modais epistêmicos, que indicam a avaliação de possibilidade ou de certeza do enunciador sobre aquilo que diz, é relativamente alto, especialmente se for comparado com os dados obtidos por Brunelli e Dall’Aglio-Hattner (2010); no discurso de autoajuda analisado pelas autoras, as ocorrências de modais epistêmicos correspondem a apenas 22,3% de todas as ocorrências, ou seja, metade do que foi encontrado aqui. Além de essas ocorrências de modais epistêmicos não serem numerosas, elas não estão, conforme destacam as autoras, associadas às principais teses defendidas pelo enunciador do discurso de autoajuda. No entanto, na obra aqui selecionada, verifica-se que a manifestação de possibilidade ou de incerteza é *recorrente*. A esse respeito, assinalam-se os contextos em que os enunciadores do discurso de autoajuda para adolescentes expressam dúvida nos enunciados que produzem: o que se verifica é que os principais contextos de uso dos modais epistêmicos são aqueles em que os enunciadores descrevem uma situação hipotética relacionada ao adolescente ou em que buscam as prováveis motivações que levaram esse jovem a adotar determinado comportamento. Por exemplo:²

2. Nos exemplos, as ocorrências dos modais estão em *italico*. Doravante, adota-se esse recurso tipográfico para destacar, nos exemplos, as ocorrências em análise.

- (6) “Às vezes ele não é tão apático como parece. [...] Pois é, ele *pode* ter um incrível universo dele e mostrar-se apático porque é muito tímido ou porque acha que ninguém vai entender se ele disser o que pensa.” (Bouer; Francine, 2005, p.29-30.)
- (7) “Assim, *pode* ser que exista um turbilhão acontecendo dentro desse adolescente, mas a gente não consegue acessar.” (Ibidem, p.30.)
- (8) “É um protesto dele, às vezes, por ter de estar lá, por ter de estar pensando, ou *pode* ser medo de mexer nas coisas dele.” (Ibidem, p.32.)
- (9) “Mas também *pode* ocorrer de ele se sentir perdido mesmo, de não saber o que fazer e não querer pensar em nada.” (Ibidem, p.32.)

Pelas ocorrências exemplificadas anteriormente, nota-se que as teses apresentadas são acompanhadas de vários exemplos, o que pode justificar a grande ocorrência de modais epistêmicos. Os enunciadores, ao afirmarem suas teses sobre a adolescência, utilizam-se de inúmeros exemplos para ilustrar as razões que as embasam. Esses exemplos, por sua vez, representam possibilidades de situações que um adolescente pode vivenciar, portanto, justifica-se a alta frequência desse tipo de modal na obra analisada. Assim, entende-se que os enunciadores não manifestam incerteza quanto às ideias que defendem, mas quanto às situações que envolvem os jovens.

Também se observa que os modais epistêmicos encontrados, em geral, estão orientados para o evento, o que confirma um caráter menos subjetivo das avaliações realizadas pelos enunciadores. Isso significa que eles não se comprometem com essas avaliações, apresentando a certeza ou a dúvida como não sendo de sua responsabilidade. Esse resultado parece indicar que o texto se aproxima do discurso de autoajuda. Entretanto, verifica-se uma diferença fundamental, relativa aos evidenciais.

Na obra em análise, constata-se que os evidenciais de inferência são recorrentemente empregados (17,3%), especialmente

aqueles relacionados ao falante (verbo “achar”), o que contrasta com os resultados de Brunelli e Dall’Aglio-Hattner (2010) que, como dito, não constatarem este tipo de evidencialidade no material que analisaram. Seguem-se exemplos de enunciados com esse tipo de modalidade:

- (10) “Então, *acho* que, talvez, o que mais tenha marcado a adolescência, na minha memória, seja essa divisão, esses dois lados da moeda.” (Bouer; Francine, 2005, p.7-8.)
- (11) “Eu *acho* que isso é uma grande perda, uma coisa, que tem consequências diversas, não ter que enfrentar limites.” (Ibidem, p.11.)
- (12) “*Acho* que ele foi ultrapassado porque a gente sentiu que estava na hora, que dava para seguir adiante, em todos os sentidos.” (Ibidem, p.12.)

Esses modais indicam um maior comprometimento dos enunciadores com aquilo que dizem, já que eles (os enunciadores) se apresentam como as fontes de conhecimento das proposições. Além disso, imprimem um grau de incerteza considerável aos enunciados em que aparecem, ao indicar que a informação que eles veiculam depende da confiabilidade dada ao sujeito enunciator, fonte da avaliação.

Disso, pode-se concluir: (i) que a manifestação de certeza não é um traço pertinente para caracterizar o discurso de autoajuda para adolescentes ou, alternativamente, (ii) que a obra em questão realmente não é uma obra de autoajuda. Na verdade, essa questão só poderá mesmo ser resolvida com a análise de outras obras de autoajuda para adolescentes, o que poderá indicar se esse traço é pertinente ou não para caracterizar esse discurso. Se não for, é possível então que a autoajuda voltada para adolescentes assuma outras características.

No contexto em que são empregados, esses evidenciais provocam uma atenuação da assertividade dos enunciados de que fazem parte, já que indicam uma dúvida e/ou incerteza do falante.

Assim, tornam o discurso mais pessoal e menos dogmático e/ou doutrinário, ao contrário do que é o discurso de autoajuda nos termos de Brunelli (2004). Além disso, por se tratar de uma manifestação de subjetividade, eles reforçam o caráter pessoal do discurso e sinalizam a proximidade que há entre os interlocutores (autores), o que também reforça a caracterização da cena de enunciação da obra como um diálogo entre amigos, pessoas próximas, que trocam informações e que deixam transparecer as suas dúvidas.

Em relação aos modais facultativos, na obra em análise, a frequência desse emprego é relativamente baixa (4,7%). Os enunciadores do discurso de autoajuda para adolescentes não propõem, por exemplo, que as situações consideradas problemáticas em que os adolescentes se encontram sejam solucionadas pela sua capacidade de superação, nem que eles teriam o poder de transformar a própria realidade, conforme afirma o discurso de autoajuda. Nesse sentido, a obra analisada distancia-se desse discurso. Em geral, o uso dos facultativos também diz respeito a situações hipotéticas mencionadas pelos enunciadores, como se constata na ocorrência em

- (13) “De um lado, eu *posso* tudo, vou em frente, alguma coisa nova está começando; e, do outro, um freio de mão que é, na verdade, seu mesmo [...]” (Bouer; Francine, 2005, p.8.)

Por outro lado, a alta frequência de modais deonticos (36,4%) na obra revela já uma aproximação maior ao discurso de autoajuda analisado por Brunelli e Dall’Aglio-Hattner (2010). Como os livros de autoajuda são obras destinadas a orientar os seus interlocutores, ensinando e dizendo o que deve e o que não deve ser feito, justifica-se a presença, na obra em análise, de enunciados do tipo exemplificados a seguir:

- (14) “Ao entrar na adolescência, a gente percebe que *tem que* romper com esses limites [...]” (Bouer; Francine, 2005, p.41.)

- (15) “Para crescer, *é necessário* romper com muitas coisas.” (Ibidem, p.41.)
- (16) “Você *tem de* ser capaz de reconhecer quando o pessoal está agindo mal [...]” (Ibidem, p.45.)
- (17) “Você *tem que* olhar para ver se não vem mesmo nenhum carro!” (Ibidem, p.16.)
- (18) “[...] uma vez demonstrada a responsabilidade, o filho ou a filha *pode* atravessar a rua, *pode* atravessar a avenida, pode voltar da festa às nove, *pode* voltar da festa às dez.” (Ibidem, p.19.)

Brunelli e Dall’Aglio-Hattner (2010, p.23) afirmam que os modais deônticos permitem que os enunciados por eles modalizados sejam “instrumentos à disposição do enunciador para impor vontades sobre o enunciatário, regulando seu comportamento por meio de ordens e proibições”. No discurso de autoajuda, conforme indicam as autoras, estabelece-se uma relação assimétrica entre enunciador e enunciatário na medida em que o primeiro se reveste de autoridade para poder regular os comportamentos do segundo. Na Tabela 5, apresentam-se os tipos de modais deônticos presentes na obra quanto ao alvo da avaliação modal.

Tabela 5 – Tipos de modais deônticos encontrados na obra *Tipo assim: adolescente*

<i>Tipo de modal deôntico</i>	<i>Nº de ocorrências</i>	<i>%</i>
Modais orientados para o participante	63	58,3
Modais orientados para o evento	45	41,7
Total	108	100

No caso em que a modalização deôntica é orientada ao evento, a obrigação (ou a permissão) é representada como uma regra geral de conduta sem indicação de sua fonte, o que atenua o caráter autoritário próprio dessa qualificação modal.

Embora os modais deônticos voltados para o participante predominem na obra em análise, constata-se que, na maioria dessas ocorrências, o papel de autoridade do enunciador está atenuado, o que é mais um indício da relação de proximidade que um sujeito enunciador mantém com outro. Desse modo, há sempre uma atenuação do direcionamento de ordens, proibições e sugestões ao interlocutor da obra pelo emprego de recursos relativos à indicação do alvo a que se direciona a modalização deôntica orientada ao participante. Essas formas de atenuação da modalidade deôntica presentes na obra em análise são apresentadas na Tabela 6.

Tabela 6 – Formas de atenuação da modalização deôntica na obra *Tipo assim*: adolescente

<i>Formas de atenuação</i>	<i>Ocorrências</i>	<i>%</i>
Índice de indeterminação do sujeito	5	6,8
“A gente”	7	9,5
Verbos modais na 1ª pessoa do plural	7	9,5
Orações sem sujeito	9	12,3
“Você” impessoal	17	23,3
Expressões na 3ª pessoa	28	38,6
Total	73	100

O pronome *você* encontrado na obra não se refere ao interlocutor imediato do falante (no caso, o outro sujeito enunciador, já que se trata de um diálogo entre dois amigos), mas remete a todos os enunciatários possíveis; trata-se, portanto, do *você* impessoal (Fiorin, 2001) e o seu emprego colabora para diminuir o tom autoritário daquele que enuncia. As expressões referentes à terceira pessoa indicam quem deve assumir determinados deveres, identificando-os, sem apontar diretamente para o interlocutor. Com exceção desse último recurso, todas as formas mencionadas na tabela tornam genérica a referência do alvo de avaliação modal, ou seja, não identifica especificamente a que sujeito(s) são direcionadas as

sugestões dos enunciadores da obra, diminuindo o tom impositivo a que se associa esse tipo de modalidade.

Esses dados representam indícios de que a orientação por parte dos enunciadores é feita de uma forma menos autoritária, mais íntima, na qual não se nota o estabelecimento de uma hierarquia nítida entre os envolvidos, e o sujeito falante estabelece uma postura menos impositiva com seu interlocutor (seja ele o outro enunciatador, seja o adolescente que o lê). Assim, os enunciadores não se apresentam como autoridades que devem ser obedecidas irrestritamente, mas como aqueles cuja experiência lhes permite aconselhar e sugerir. Suas teses mostram-se mais especificamente como sugestões ou condutas naturais do que como imposições.

Outra forma linguística que pode marcar a modalização deôntica de um enunciado refere-se ao emprego de formas imperativas dos verbos. Elas representam mais fortemente o caráter autoritário do enunciatador e, por conseguinte, a posição hierarquicamente superior deste em relação ao enunciatário. Na obra analisada, constatou-se que a frequência de imperativos é relativamente baixa (27 ocorrências) e seus contextos de uso, em grande parte dos casos, são reproduções das falas de pais para os filhos, quando assumem a autoridade sobre eles, ou são aconselhamentos e ordens que adolescentes ouvem durante esse período. Como exemplos desses casos, seguem-se as ocorrências a seguir.

- (19) “E a mãe da menina também estava na minha casa e também disse algo assim: ‘*Venham* já para a casa os dois, porque vocês andaram aprontando’.” (Bouer; Francine, 2005, p.12.)
- (20) “Muitas vezes, os pais, a mídia ficam tentando passar aquela mensagem: ‘*Não faça* as outras coisas só porque os outros fazem, *não se deixe levar* pela influência do grupo’ – principalmente na questão de drogas. ‘*Seja independente, não faça* alguma coisa só porque todo mundo faz, só pela pressão do grupo’.” (Ibidem, p.41.)

De qualquer forma, marca-se um distanciamento dos enunciadores em relação a essas vozes, ou seja, eles não assumem essa autoridade, mostrando-se mais flexíveis e menos asseverativos em suas teses.

Na próxima seção, apresenta-se a análise de aspectos lexicais relacionados ao *ethos* discursivo.

Léxico

Sobre o léxico empregado pelos enunciadores do discurso, observa-se a ocorrência de termos e expressões não somente informais, que poderiam caracterizar também a linguagem de adultos, mas fundamentalmente empregadas por jovens, aproximando esses enunciadores do público a que destina seu discurso. A seguir, apresentam-se alguns exemplos dessas ocorrências:

- (21) “E qual era a grande *noia* da minha mãe?” (Bouer; Francine, 2005, p.20.)
- (22) “Agora, Jairo, *fala sério*: o que é a escola?” (Ibidem, p.33.)
- (23) “Aquela turma do *fundão* que faz *uma tremenda zona* que você acha que não tem *nada a ver*, às vezes tem um cara, uma *mina superbacana* lá que, saindo daquela situação, podem ter um monte de coisa a ver com você.” (Ibidem, p.45.)
- (24) “As meninas que tentavam *botar banca* de mais velhas, usando maquiagem ou fumando escondidas, pareciam ridículas.” (Ibidem, p.68.)

Também se verificou que os termos utilizados pelos enunciadores, apesar de serem informais e de se constituírem de gírias, não são considerados tabus. O vocabulário não diz respeito a uma linguagem “vulgar”, de baixo calão. Essa observação permite assinalar que os enunciadores são jovens que se expressam de uma forma bastante informal, própria desse segmento social, mas não são aqueles “rebeldes sem causa”, que quebram padrões de com-

portamento, que chocam pelas suas atitudes e, no caso, pelo modo de se expressar (atitude verbal). A essa quebra de padrão de comportamento vincular-se-ia também o desrespeito às normas mais rígidas da norma culta da língua (como desrespeito a regras de concordância verbal e nominal), fato esse que não se observa na obra em análise, o que confirma a limitação da rebeldia adolescente também na linguagem. A linguagem informal e juvenil dos enunciadores delimita-se pelo que é considerado ainda aceitável dentro de certos padrões de língua. Observa-se que essa imagem do adolescente aproxima-se daquela que os discursos de Psicologia atuais propagam: ele não é o “rebelde sem causa”, o “aborrescente” do senso comum; ele é um ser com dúvidas, medos e inseguranças, em processo de individualização e de autonomia.

Considerações sobre a cenografia e o *ethos* da obra em análise

Com base nas análises desenvolvidas, pode-se caracterizar o *ethos* dos enunciadores e a imagem dos adolescentes que a obra apresenta. Consta-se que a imagem de adolescente que está presente no texto não se aproxima da imagem propalada pelo senso comum sobre a adolescência (que enfatiza o aspecto de revolta e de rebeldia desses jovens) e mantém pontos em comum com o que diz o discurso da Psicologia sobre essa fase.

Segundo trabalhos inscritos no quadro da Psicologia do Desenvolvimento (Jersild, 1964), o adolescente insere-se em um período da vida marcado pela busca de identidade ou de uma personalidade própria, processo resultante de sua maturação biológica, social, moral, intelectual, vocacional e emocional. Estudos dessa corrente teórica também mencionam a angústia e a insegurança que caracterizam os sentimentos adolescentes, resultantes desse processo de construção identitária, agregados também ao ganho de autonomia e responsabilidade inerentes a essa fase.

O adolescente, tal como se pode verificar na obra em análise, não é um rebelde sem causa, um indivíduo que quebra padrões de comportamento e cria suas próprias normas. Ele não se utiliza de uma linguagem considerada tabu, nem foge às regras, sejam elas sociais ou linguísticas.

O modo de enunciar dos enunciadores, isto é, a linguagem que empregam os aproxima da projeção de público a que a obra se destina. Muito embora seja recorrente o uso de gírias e expressões típicas dos jovens, observou-se que as “transgressões” linguísticas são limitadas. Palavras-tabu não são recorrentes, nem há a quebra dos padrões da norma culta da língua, ainda que a linguagem seja marcada pela informalidade. Essas observações corroboram a imagem de adolescente que, apesar de se mostrar com dúvidas e aflições, não é um transgressor ou reformador de normas sociais e dos costumes.

A presença dos marcadores discursivos na obra permitiu identificar a cena de enunciação que contribui para a construção de determinada imagem dos enunciadores ou dos fiadores desse discurso sobre a adolescência. As ocorrências dos marcadores discursivos interacionais, que indicam uma relação mais direta entre os interlocutores, ou seja, pelos quais os interlocutores se dirigem um ao outro de maneira mais próxima ou íntima, representam, linguisticamente, uma cena de interação próxima entre os enunciadores, mais propriamente um diálogo, o que imprime ao texto um tom mais informal, próprio desse tipo de interação. Estabelece-se uma conversação entre os dois enunciadores, que mantêm entre si uma relação de amizade, de troca de experiências como um desafo entre dois jovens amigos. Eles não apresentam um distanciamento entre si, ou seja, não se manifestam como dois especialistas em adolescência que vão discorrer sobre o assunto com base em seus pontos de vista, mas como dois amigos que pensam a adolescência em função de suas vivências e de suas observações cotidianas, por isso sua enunciação é informal e relata os fatos que marcam a vida dos jovens.

Considerando-se esses dados, o *ethos* dos enunciadores se distancia dos resultados encontrados por Brunelli (2004). Na obra analisada, não se trata de dois enunciadores confiantes e seguros, certos de suas convicções, autocentrados, mas de dois amigos, de duas pessoas próximas e íntimas o bastante para que dividam entre si relatos de fatos pessoais, numa relação sem assimetria entre eles e entre eles e o público-alvo da obra, os adolescentes.

Essa relação de proximidade entre enunciadores e público a que se destinam os aconselhamentos ou as sugestões pode ser constatada na análise da modalidade deôntica, especialmente nas formas relativas aos participantes a quem se destinam os deveres e obrigações instaurados por essa modalidade. Nessa análise, constatou-se que a autoridade dos enunciadores e o caráter impositivo dos seus enunciados deonticamente modalizados são atenuados, o que indica a relação de proximidade que há entre os enunciadores (e, também, entre eles e o seu público), ou seja, não há uma hierarquia nítida entre eles, que não se apresentam como detentores de um saber, o que os revestiria de um poder sobre os demais.

Os enunciadores também não assinalam que a resolução das angústias, dúvidas e inseguranças dos adolescentes seja garantida pela crença na capacidade, no potencial deles em solucioná-las, dado, inclusive, o emprego pouco frequente dos modais facultativos, o que nitidamente diferencia essa obra do discurso de autoajuda para adultos, no qual esses modais são primordiais, dada a tese da crença nas habilidades do interlocutor para que este realize seus sonhos, desejos ou planos.

Por outro lado, a modalização epistêmica é recorrente na obra, muito embora ela se apresente muito mais em exemplos de possíveis situações em que os jovens se encontram do que nas suas teses sobre o que caracteriza a adolescência e sobre os comportamentos dos jovens. Considerando só esse dado, não se pode afirmar, por conseguinte, que a incerteza seja mesmo um traço peculiar desses enunciadores, em contraste com o homem seguro e confiante observado no discurso de autoajuda analisado por Brunelli (2004).

O traço que pode ratificar a postura menos dogmática e/ou doutrinária dos enunciadores e, assim, diferenciar esses discursos, é a presença de evidenciais, em particular daqueles que indicam o falante como fonte da informação e da avaliação de um determinado enunciado. Esses evidenciais marcam a dúvida e/ou incerteza dos enunciadores e, por serem marcas evidentes de subjetividade, tornam o discurso menos impessoal, aproximando os interlocutores de seus leitores, o público adolescente.

3

A CENA DO ALMANAQUE JUVENIL

A obra *O livro do adolescente*: discutindo ideias e atitudes com o jovem de hoje foi escrita por Michele Iacocca, escritor, chargista, cartunista e tradutor italiano radicado no Brasil, em parceria com sua esposa Liliana Iacocca, jornalista e reconhecida escritora de obras infanto-juvenis. Nessa obra, os autores discutem variados temas, desde aqueles mais próximos da vida do adolescente, como família, namoro, amizade, profissão, aparência, drogas, internet, televisão até temas mais relacionados à preparação do adolescente para a vida adulta, como cidadania, violência, discriminação, direitos humanos, ética, meio ambiente, política e voluntariado.

Para a análise da cenografia e do *ethos* da obra em questão, são considerados os seguintes aspectos linguístico-discursivos, selecionados por serem considerados produtivos para essa análise: as relações intergenéricas, o tipo de enunciação (Maingueneau, 2010) e de modo de organização discursivo (Charaudeau, 2010a), a modalidade e o léxico.

Gêneros discursivos e cenografia

Conforme já dito anteriormente, Sobral (2006) afirma que o gênero¹ de autoajuda psicocósmica se apropria, em um processo denominado de parasitismo, de gêneros religiosos e médicos para legitimar não somente o lugar enunciativo ao qual se vinculam os enunciadores, mas também o próprio gênero autoajuda. Dessa forma, nos paratextos que apresentam as obras nas contracapas, relatos de personalidades acadêmicas e a descrição da biografia profissional dos autores são procedimentos que conferem aos autores uma imagem de autoridade, de especialista. Apresentados como líderes espirituais ou como palestrantes de sucesso, reconhecidos por outros membros da comunidade acadêmica, os autores são apresentados como profissionais revestidos pelo prestígio decorrente do pertencimento a um lugar de saber institucionalmente constituído, isto é, o meio acadêmico.

Ainda de acordo com Sobral (2006), a disposição dos capítulos nos sumários como etapas sequenciais do percurso de cura espiritual também está associada ao modo de composição de gêneros científicos, tal como teses e dissertações, em que cada capítulo se apresenta em uma relação contígua com os outros capítulos, com a consequente impossibilidade de alteração da ordem. Além disso, tanto pelo léxico empregado, originado do discurso médico (“cura”, “remédio”, “diagnóstico”), quanto pela prescrição de receitas para alterar o estado do enunciatário (de um estado de enfermidade espiritual para o de harmonia espiritual), o autor observou a apropriação do gênero da consulta médica no modo de organização dos capítulos. Assim, o enunciadador desse tipo de autoajuda descreve as características da crise espiritual vivenciada pelo enunciatário, realiza o diagnóstico e prescreve fórmulas para a pas-

1. Denominação adotada pelo autor. Do nosso ponto de vista, a autoajuda refere-se a um tipo de discurso ou, nos termos de Maingueneau (2008a), ao estatuto pragmático conferido ao discurso, a cena englobante.

sagem de um estado de “doença” espiritual a um estado de saúde espiritual.

Essa apropriação de um gênero da Medicina confere legitimidade ao discurso de autoajuda, dado o prestígio associado ao discurso médico. Sobral também nota que o discurso de autoajuda dialoga com o discurso religioso, na medida em que seus enunciadores demonstram conhecer bases de diversas doutrinas espirituais, sem se filiar a um posicionamento religioso específico. Esse diálogo com o discurso religioso também reforça a legitimidade do discurso e confirma o lugar de saber do sujeito enunciatório. Confirma ainda a imagem que os autores têm de líderes espirituais, tal como são apresentados nos paratextos das obras. Ressalta-se, por conseguinte, a relação assimétrica de saber entre enunciatório e enunciatário já constituída pela apropriação dos gêneros médicos e científicos anteriormente citados.

Entretanto, cabe esclarecer que o fenômeno que Sobral (2006) compreende por parasitismo é tratado, neste livro, nos termos das reflexões de Maingueneau sobre as cenas de enunciação, conforme as considerações já apresentadas sobre o tema anteriormente. Assim, pretende-se verificar quais são as cenas de enunciação a partir das quais o discurso de autoajuda para adolescentes se desenvolve, o que deve indicar se esse discurso se aproxima ou não do discurso de autoajuda psicocósmica, conforme a análise desenvolvida por Sobral (2006).

Uma das primeiras características da obra analisada é a recorrência a diversos gêneros discursivos na composição dos capítulos. Nesta seção, analisam-se os efeitos de sentido relativos a essa combinação de gêneros, considerando-se as suas características.

Logos no sumário da obra de Iacocca e Iacocca (2008), observa-se um distanciamento em relação às típicas obras de autoajuda. Nessas obras, os sumários apresentam tópicos sequenciais relativos às formas de autodesenvolvimento pessoal ou profissional de acordo com as propostas dos autores. Dessa forma, a leitura de tais obras apresenta-se ao leitor como ordenada por etapas ou fases do

processo de autoajuda, previamente organizadas, o que não se verifica na obra de Iacocca & Iacocca (2008).

A obra em questão está organizada por temas diversificados, apresentados em função de palavras-chave, que englobam diferentes assuntos em um mesmo tópico e que estão ordenadas única e exclusivamente pelo critério da ordem alfabética. Como exemplo, podem-se citar as palavras-chave iniciadas pela letra *p*, que reúnem ora temas mais públicos, como *paz* e *política*, ora mais particulares, como *profissão* e *primeira vez*. Não há títulos, somente ocorrem as palavras-chave, o que converge para uma leitura mais dinâmica e direta. Portanto, desde a organização do sumário, constata-se uma relação entre enunciador e enunciatário que difere da encontrada em Sobral (2006).

Essa apresentação da organização da obra parece condizer com as expectativas de um público adolescente, cuja imagem se distancia do leitor típico de autoajuda. Sem direcionar ou conduzir estritamente a leitura do livro, o enunciador projeta para si mesmo uma imagem menos autoritária, seja pela forma como os capítulos se dispõem, seja pela seleção dos títulos, de modo a dar liberdade e autonomia de leitura aos jovens, tal como ocorre, por exemplo, em revistas ou almanaques para adolescentes.

Em relação à constituição interna dos capítulos, a mesma dinamicidade que se verificou no sumário se encontra na disposição dos enunciados e na combinação de diversos gêneros que são convocados para o tratamento dos tópicos. Os capítulos agregam, simultaneamente, histórias em quadrinhos, textos informativos, textos interlocutivos diretamente direcionados aos leitores, testes, depoimentos, exemplificações de situações cotidianas, listas, o que confere ao discurso de autoajuda uma cenografia mais dinâmica e mais informal.

Tal como nos almanaques e revistas juvenis, os textos informativos são curtos e separadamente delimitados por certos recursos visuais, a saber, tamanho da fonte e enquadramento em espaços específicos no início ou no final dos capítulos. Além disso, os textos não apresentam dados relativos a um saber pessoal ou

cientificamente comprovados, mas um conhecimento geral ou uma verdade universal derivada das observações cotidianas, que poderiam ser realizadas por qualquer pessoa. Assim, tais constatações, que podem ser atribuídas tanto ao enunciador quanto aos jovens, promovem também uma relação mais próxima entre eles, atenuando o traço de conhecimento especializado que se prestaria a sustentar uma hierarquia mais definida entre enunciador e enunciatário.

Os enunciados que mostram claramente uma relação interlocutiva entre enunciador com o público-alvo trazem sugestões, apresentadas especialmente por meio de interrogações, nas quais o enunciador tenta conduzir as atitudes e comportamentos dos adolescentes em determinadas direções, propósito esse que aproxima tal obra do gênero autoajuda, ainda que essa orientação se dê de forma mais atenuada e diluída.

Essas interrogações, que indiretamente propõem reflexões e mudanças nos comportamentos dos adolescentes, também colaboram na construção de uma cenografia de diálogo, de interlocução direta entre os participantes, que não se limita, portanto, a uma mera exposição de dicas, passos e formas para alcançar certas metas.

Não se trata, nessas “instruções”, de instaurar uma relação enunciativa que intimide o enunciatário, pois, no lugar da voz onipotente de um especialista que o guia autoritariamente, o adolescente se depara com o que é, supostamente, a sua própria voz, com as suas próprias emoções e pensamentos, que aparecem listados nessas interrogações. Emerge, assim, a imagem de um enunciador próximo: é respeitoso com o público, com os seus sentimentos e com os seus pensamentos e parece estar interessado no diálogo, cedendo espaço para a voz do próprio adolescente.

Além disso, ao enumerar, nas interrogações, diversos tipos de comportamento ou de sensações que os adolescentes já podem ter experimentado, o sujeito enunciador demonstra conhecer o público ao qual se dirige. Diga-se o mesmo a respeito dos depoimentos, das listas e dos exemplos que apresenta, com fatos que parecem corriqueiros na vida dos jovens. Assim, há condições para

o adolescente se identificar com os tipos de comportamento listados nos enunciados interrogativos que se assemelham muito aos testes dos almanaques juvenis.

Ao mesmo tempo em que esses testes não limitam os tipos de atitude dos jovens, há uma abertura para novas possibilidades de condutas que se enquadrem em determinado tema. A orientação por parte do enunciador torna-se, desse modo, diluída em função do papel de entretenimento normalmente associado aos testes. Com isso, o tom autoritário da autoajuda tradicional é substituído por um tom mais sugestivo, em especial nos enunciados iniciados pela expressão interrogativa *que tal*, recorrente na obra. Nesses termos, entende-se que o enunciador se mostra interessado no que os próprios adolescentes sentem e pensam.

Como ilustração das *interrogações* referentes a sugestões de tipos de comportamento, observem-se os exemplos de (1) a (3):

- (1) “Você é do tipo que...
 não está nem aí para a própria aparência?
 adora se exibir?
 deseja andar na moda a qualquer custo?
 consegue cuidar da aparência com pouco dinheiro?
 acha que o sucesso de uma pessoa depende da grife que ela usa?
 procura através da aparência mostrar exatamente quem você é?
 vive se comparando aos ídolos que aparecem nas de revistas e na TV?” (Iacocca; Iacocca, 2008, p.11.)
- (2) “Como anda sua autoestima? Está satisfeito em ser como é?
 Vive querendo ser diferente do que é? Consegue reconhecer suas qualidades e dificuldades? Pensa sempre de forma negativa a seu respeito?” (Ibidem, p.12.)
- (3) “O que você acha que vai ganhar se...
 deixar a timidez de lado e expor suas opiniões?
 der férias para a preguiça?
 perceber que você não é culpado de tudo o que acontece, pois não está sozinho no mundo?
 apostar no otimismo?”

mostrar interesse pelo que ocorre ao seu redor?
 controlar aquele medo bobo que só atrapalha?
 contar até dez antes de estourar?
 gostar mais de si mesmo e adquirir confiança?” (Ibidem, p.21.)

No que diz respeito aos exemplos e às listas de comportamentos apresentados, observa-se que expressam valores dicotômicos. Se o jovem identifica-se, por exemplo, com alguém que separa o lixo para ser reciclado, esse comportamento está associado a um valor positivo, mas, por outro lado, ele pode se identificar com alguém que não guarda os segredos de uma amiga (valor negativo). Assim, há uma sugestão, por meio das listas, do que é correto fazer ou não, sem comprometer diretamente o enunciador com essas orientações, pois caberia ao enunciatário, por si mesmo, identificar os bons e maus comportamentos entre aqueles que são listados. Trata-se de mais um recurso que dilui o tom autoritário dos enunciados que se prestam a orientar aos jovens. Como exemplos, seguem-se os enunciados de (4) a (7):

- (4) “Tem o jovem cheio de certezas e o confuso, o que acha que sabe tudo, o que acha que não sabe nada, o que quer mudar o mundo e o que não está nem aí, o bem-humorado e o mal-humorado, o pacífico e o agressivo, o controlado e o impulsivo, o que tem dinheiro para gastar e o que não tem, o considerado bonito e o considerado feio, o ligado e o desligado...” (Iacocca; Iacocca, 2008, p.76.)
- (5) “Qual destas pessoas se comporta com mais agressividade? A nervosa que vive estourando e quer bater em todo mundo. A metida a engraçadinha que dá risadinhas, faz pouco caso e conta piadinhas preconceituosas contra os outros. A arrogante que invade o espaço alheio. A impulsiva que ofende com palavras pesadas.” (Ibidem, p.15.)
- (6) “Você age assim... Espalha na turma um segredo que a amiga pediu que guardasse. É gentil. Grita, xinga e bate portas quando é contrariado. Aceita críticas sobre suas atitudes. Fala ‘bom dia,

boa tarde, dá licença, me desculpe, muito obrigado'. Aponta mais defeitos que as qualidades dos outros. Provoca, provoca... até as pessoas perderem a paciência." (Ibidem, p.31.)

- (7) "Alguns exercícios cotidianos de cidadania. A defesa do meio ambiente. O comportamento civilizado no trânsito. A busca de informação. O combate à discriminação. O voluntariado. O respeito à liberdade de pensamento e de ação do outro. A não-violência. O cultivo da tolerância. A não aceitação das injustiças sociais." (Ibidem, p.33.)

Com relação aos depoimentos, são gêneros comumente presentes em almanaques juvenis e o seu emprego certamente colabora para que o público-leitor possa se identificar com as situações citadas. Para ilustrar esses depoimentos, seguem-se as ocorrências (8) a (11):

- (8) "Esta é a opinião de Leandra, 14 anos, sobre a amizade: 'Acho que viver sem amigos é praticamente impossível. É com eles que eu me entendo, que converso do jeito que gosto de conversar, que me divirto... De vez em quando acontece uma discussão, uma briguinha, mas depois tudo volta ao normal... acho que isso faz parte!'. " (Ibidem, p.16.)
- (9) "O que você pensa das bebidas alcoólicas? 'Bem,acho que é uma coisa complicada. Tem muita gente que sai bebendo e acaba fazendo besteira. Não acho graça nenhuma em quem cai na bebedeira e fica todo zoadado arrumando briga e acidentes.' (Igor, 15 anos)." (Ibidem, p.23.)
- (10) "'Eu gosto da escola em que estudo agora. Deixam a gente bem à vontade, os alunos podem dar opiniões e participar, alguns professores são mais compreensivos e outros, mais, mais, nem sei... E é na escola que eu encontro meus amigos.' (Isa, 14 anos)." (Ibidem, p.52.)
- (11) "Cícero, 16 anos, e a internet: 'Se pudesse, eu passaria dia e noite navegando. Só saio da rede quando alguém em casa quer usar o telefone. Meus pais reclamam... vivem dizendo que

meu caso já virou doença... O que sei é que não vejo a hora das aulas serem *on-line*'." (Ibidem, p.74.)

Ainda no que concerne aos depoimentos, na obra em análise, eles estão sempre destacados, assim como é feito nos almanaques e nas revistas juvenis. Na obra analisada, antes de citar a voz dos jovens, por meio do discurso relatado em estilo direto, o enunciador não faz nenhum tipo de comentário introdutório, o que se pode interpretar como uma forma de respeitar a palavra do adolescente, dada a distância, isto é, a ausência de um contato mais direto entre as vozes. Com esse afastamento, o depoimento pode ser percebido como a voz do adolescente, daquele ser que merece um espaço próprio para manifestar-se e dizer o que sente, o que experiencia e o que pensa.

Na organização dos capítulos que apresentam tais depoimentos, a maioria de suas ocorrências finaliza as discussões de um determinado tópico, indicando que é o adolescente que dá a palavra final. Esse procedimento, além de valorizar a palavra do adolescente, também indica que o sujeito enunciador concorda com o seu ponto de vista, o que os aproxima e confere uma imagem positiva a esse sujeito.

Outras vezes, inclusive, o desenvolvimento de um tópico está todo baseado nos depoimentos, o que indica que o enunciador se vale do próprio dizer dos adolescentes para validar um posicionamento sobre determinado tópico, funcionando como mais um tipo de recurso enunciativo que os aproxima. Esse expediente de uso de depoimentos é altamente recorrente nas revistas adolescentes, cuja comercialização está estritamente vinculada a esse estreitamento de laços de identificação entre os enunciadores dos textos ao enunciatário adolescente.

Assim, a tal enunciatário associa-se uma imagem de descontração, de proximidade, de informalidade, de sociabilidade que faz com que quem a eles se dirija procure estabelecer uma relação mais simétrica e menos impositiva, respeitando o espaço e a autonomia que almejam alcançar.

Cabe ressaltar que o traço de humor, de diversão e de entusiasmo que o senso comum atribui aos adolescentes se manifesta na obra em análise por meio da recorrência às histórias em quadrinhos, gênero comumente associado a esse público.

Na obra, tais histórias contêm sempre um tom de irreverência e, ao iniciarem os capítulos, funcionam como um recurso para desarmar o público-alvo de possíveis objeções ao texto, principalmente quando os temas estão vinculados aos cenários da vida cotidiana considerados mais “sérios”, tais como alcoolismo, cidadania, consumo, discriminação etc. Não se trata, no entanto, de histórias com tom crítico ou sarcástico, mas de histórias cujos enredos provocam riso pelas situações de desencontros entre os posicionamentos dos personagens (os adolescentes) ou pela sua desorientação em relação aos temas tratados em cada capítulo. Dessa maneira, tais situações projetam a seguinte imagem da adolescência: etapa da vida humana marcada por confusões, desencontros, dúvidas e questionamentos sobre os tipos de comportamentos adequados ou não para o ingresso na vida adulta.

Nesses termos, entende-se que o adolescente é retratado como um ser envolvido em pequenos dilemas cotidianos que serão esclarecidos no desenvolvimento dos capítulos, os quais introduzem os temas correspondentes, por meio de uma abordagem didática e elucidativa, e não autoritária.

Por fim, quanto à disposição dos gêneros apresentados na composição dos capítulos, convém observar que as histórias em quadrinhos funcionam como “porta de entrada” para o tema em questão, já sinalizando, pelos diálogos estabelecidos, certa orientação de tratamento desse tema, com um tom de humor típico dos almanaques juvenis de entretenimento.

Na sequência da composição dos capítulos, encontram-se, em um espaço gráfico delimitado, as definições, as exemplificações, os textos informativos, a introdução do tema pela voz do enunciador. Tais textos são muito curtos e não ultrapassam, em geral, dez linhas, contribuindo para uma enunciação mais direta. Esses são os gêneros que introduzem os capítulos.

Posteriormente, seguem as listas, testes, depoimentos, delimitados também em espaços gráficos próprios, que podem estar entremeados ou não por novas ilustrações e histórias em quadrinhos. Na finalização dos capítulos encontram-se novos depoimentos, resumo do que foi dito e indicações de como pensar ou agir em relação ao tema proposto, orientações estas que também se encontram na autoajuda para adultos (Sobral, 2006; Brunelli, 2004). Constata-se, assim, uma dinamicidade promovida pela alternância de gêneros, característica que não raramente é associada ao adolescente, visto como um indivíduo irrequieto e extremamente ativo.

Os jogos de cores entre as seções dos capítulos (preto, branco e verde) também destacam partes do texto, agregando mais dinamicidade à leitura de cada parte, conforme haja um efeito visual diferente para cada gênero utilizado. As seções (cada uma relativa a certo gênero) também são formatadas em diferentes fontes, em diferentes enquadramentos, o que reforça, mais uma vez, a independência da cada seção.

Outro recurso que permite uma leitura mais dinâmica é o espaço de duas páginas destinado a cada capítulo, espaço reduzido se comparado às páginas destinadas a cada capítulo pela obra *Tipo assim*: adolescente, analisada anteriormente.

Diante do exposto, pode-se dizer que a obra em análise, embora comercializada como pertencente à categoria de autoajuda, organiza e projeta em sua enunciação traços de outros gêneros discursivos, mais especificamente a de um almanaque ou revista juvenil. Dessa forma, observa-se uma cenografia que se distancia da cena enunciativa típica de autoajuda, na qual o enunciador, assumindo um lugar de saber, se coloca num lugar hierarquicamente superior ao enunciatário, ditando-lhe autoritariamente o comportamento correto.

Em outras palavras, diferentemente do processo de *parasitismo* do gênero de autoajuda psicocósmica analisada por Sobral (2006), em que a interação de outros gêneros visa reforçar o estatuto de saber diferenciado dos sujeitos enunciadorees em relação ao público leitor e a autoridade que lhes é conferida em função desse saber, na

obra em análise, a interação dos gêneros visa amenizar a distância entre enunciador e público constitutiva do discurso de autoajuda tanto da vertente psicocósmica quanto da vertente empresarial, analisada por Brunelli (2004). Portanto, na obra em questão, com a cenografia do almanaque juvenil, atenua-se essa relação assimétrica entre os participantes da enunciação, o que dilui o tom autoritário típico do discurso de autoajuda.

Na próxima seção, analisa-se a presença de enunciados destacados sob o regime de enunciação aforizante e seus efeitos de sentido.

Enunciação aforizante

Analizando fórmulas, isto é, enunciados curtos, dotados de certas propriedades que facilitam a sua memorização, Maingueneau (2010) nota que muitos desses enunciados foram extraídos, quer dizer, destacados de textos, o que leva o autor a chamá-los de *enunciados destacados*.

Esses enunciados pertencem a duas classes distintas, conforme o destacamento do enunciado seja constitutivo ou por extração. Entre os casos de destacamento constitutivo, estão os provérbios e todas as fórmulas sentenciosas que não são dotadas de um contexto situacional nem de contexto original. No outro grupo, encontram-se os fragmentos extraídos de um texto específico. Segundo Maingueneau, essa extração não acontece de maneira aleatória, pois alguns fragmentos têm propriedades (por exemplo, uma forte relação com a temática do texto, o fato de ser enunciado generalizante etc.) que favorecem sua extração.

Conforme nota Maingueneau, os enunciados destacados têm um *status* pragmático especial, isto é, eles decorrem de um regime de enunciação específico, que o autor chama de *enunciação aforizante*, em oposição à *enunciação textualizante*.

Na enunciação textualizante, cada gênero do discurso atribui papéis específicos aos sujeitos envolvidos em sua produção e

recepção. No entanto, na enunciação aforizante, há somente uma dessas instâncias, que se dirige a uma espécie de público universal, ou seja, a enunciação não está orientada a um destinatário ou a um grupo de destinatários particular. Não há, portanto, a presença de duas figuras enunciativas, pois a enunciação aforizante tem, nas palavras do autor, “como efeito, centrar a enunciação no locutor” (Maingueneau, 2010, p.13).

Na enunciação textualizante, os pensamentos estão articulados por meio de jogos de linguagem de diversas ordens, tais como argumentar, narrar, responder. A enunciação aforizante, por sua vez, não se insere em qualquer jogo de linguagem, exprimindo apenas o pensamento do locutor.

No que diz respeito aos planos enunciativos presentes em cada tipo de enunciação, o autor ressalta que, enquanto diferentes figuras do enunciador, diferentes *status* polifônicos, diferentes planos textuais estão imbricados na enunciação textualizante, há uma perda dessa heterogeneidade enunciativa na enunciação aforizante, ou seja, os planos enunciativos aí se tornam homogêneos.

Outra diferença diz respeito às formas de subjetividade: se um texto implica diferentes subjetividades vinculadas a suportes e modos de circulação, o mesmo não ocorre com as aforizações, já que essa forma de enunciação, para o autor, “é uma forma de dizer puro, quase próxima de uma consciência” (Maingueneau, 2010, p.14).

Quanto à relação com a dimensão extraverbal, os tipos de enunciação também contrastam: na enunciação textualizante, a produção verbal é um dentre outros elementos da comunicação verbal, mas as aforizações pretende-se que sejam puras, excluindo-se dos outros elementos do quadro de enunciação, tais como imagens, gestualidade, entonações etc.

Além disso, ainda que as enunciações textualizantes não sejam passíveis de memorização, as aforizações o são, implicando uma constante possibilidade de atualização, ou seja, elas formam, segundo o autor, “uma fala viva sempre disponível [...] como parte de uma repetição constitutiva” (Maingueneau, 2010, p.14).

Tendo em vista as características citadas, Maingueneau afirma que a enunciação aforizante implica um *ethos* específico, isto é, o *ethos* do sujeito que está no alto, do indivíduo autorizado, que está em contato com uma fonte transcendente. Esse sujeito, ainda nas palavras de Maingueneau (2010), é aquele que:

se coloca como responsável, afirma valores e princípios perante o mundo, dirige-se a uma comunidade que está além dos alocutários empíricos que são seus destinatários. Na tradição filosófica, o Sujeito, o *sub-jectum*, está situado abaixo, ele é o que não varia, o que escapa à relatividade dos contextos; Sujeito pleno, o aforizador pode responder por aquilo que diz através da pluralidade de situações de comunicação. (Maingueneau, 2010, p.15.)

Maingueneau (2010) também nota que a descontextualização das aforizações pressupõe uma opacificação de seu sentido, que exige um trabalho interpretativo, no qual, dizendo X, o locutor implica Y, em que Y pode ser um enunciado genérico de valor deôntico (Maingueneau, 2010, p.15). Assim, o conteúdo do enunciado deve ser entendido como uma verdade, que prescinde de negociação.

Brunelli (2011) observa que a ocorrência de enunciados aforizados é comum em obras de autoajuda, o que também se constata na obra em análise. Ao tratar de enunciados aforizados em livros de autoajuda voltados à temática profissional e de negócios, a autora nota que tais enunciados são dotados de traços que lhes conferem uma grande independência de contextos, o que lhes permite, aparentemente, a inserção em outros contextos sem prejuízo ou alteração de sentido. Quanto a esses enunciados, a autora afirma:

- a) trata-se de enunciados impessoais, e os eventuais pronomes empregados são termos referencialmente vazios, ou, ainda, são pronomes de percurso que não permitem a identificação de um único objeto, mas levam o interlocutor a percorrer todos os indivíduos a que ele possa se referir;

- b) em função da sua impessoalidade, podem passar da impessoalidade à pessoalidade e vice-versa;
- c) não apresentam dêiticos, sejam eles espaciais ou temporais e tampouco alguma referência definida; as suas referências “dizem respeito a classes ou a indivíduos que as representam, e não a um único referente específico ligado à situação de comunicação”.

Com essas características, a autora conclui que se trata de enunciados genéricos que levam o interlocutor a uma inferência que contenha um universal (como *sempre, jamais, todo, tudo, nenhum, ninguém* etc.). A esse respeito, afirma:

nesses enunciados, a ausência de valor referencial específico para os seres mencionados é fundamental, pois nunca se trata de especificidade, mas de universalidade. Isso também é válido para os enunciados destacados metafóricos, cujas expressões, ao constituírem uma metáfora, perdem seu sentido próprio e específico, levando à inferência de uma verdade universal, expressa no presente genérico. (Brunelli, 2011, p.131-2)

Segundo Brunelli (2011), esses enunciados também estão vinculados a valores imperativos, mesmo se seus verbos estiverem no presente do indicativo anteceditos de sintagma nominal na terceira pessoa. Em outros termos, esses enunciados expressam valores deônticos oriundos de um indivíduo autorizado e, como verdades universais, não podem ser questionados.

Na obra em análise, também foram encontrados enunciados destacados. Esses enunciados, de caráter genérico e universalizante, apresentam-se como verdades ou como enunciações soberanas para todo o público. Essa natureza de tese evidencia-se no emprego de um tipo específico do tempo verbal presente, relacionado à expressão da atemporalidade dos eventos, processos e estados representados pela predicação.

A respeito do emprego do presente, Fiorin (2001) afirma que esse tempo verbal marca a coincidência entre os três momentos básicos que caracterizam a temporalidade linguística: o momento de referência, o momento do acontecimento e o momento da enunciação. O autor ainda elenca os três principais usos desse tempo: o presente pontual, correspondente à enunciação de fatos e eventos que ocorrem simultaneamente ao próprio ato de enunciar; o presente durativo, relacionado à enunciação de hábitos ou de fatos recorrentes, e o presente gnômico, em que o momento de referência para o que é enunciado é ilimitado, ou seja, é um uso em que se indica que a validade das afirmações é atemporal ou não restrita a algum tempo histórico específico. Observa-se, portanto, que esse último valor do tempo presente é recorrente nos enunciados da obra em análise, especialmente nos enunciados destacados.

Desse modo, a validade das afirmações do enunciador ultrapassa contextos específicos, momentos históricos, ideologias etc. Embora os conteúdos desses enunciados possam ser questionados, são apresentados como verdades indiscutíveis, diante das quais só cabe a aceitação. A seguir, apresentam-se alguns exemplos desses enunciados:

- (12) “A lealdade, a sinceridade e a compreensão fazem a verdadeira amizade.” (Iacocca; Iacocca, 2008, p.17.)
- (13) “Ser um bom cidadão, um cidadão de verdade, é participar da sociedade em que se vive, conhecendo e defendendo os próprios direitos e tendo consciência dos próprios deveres.” (Ibidem, p.32.)
- (14) “Fumar é... não preservar a saúde... desrespeitar as pessoas... poluir o ambiente.” (Ibidem, p.41.)
- (15) “Ser ético é saber discernir entre o que é bom e ruim para nós mesmos e para os outros.” (Ibidem, p.54.)
- (16) “Quem começa a ler e descobre tudo o que a leitura proporciona, com certeza não para mais. Quem adquire esse hábito encontra com mais facilidade soluções e respostas para suas questões pessoais, desenvolve o espírito crítico em relação ao

comportamento das pessoas, ao lugar em que vive e aos acontecimentos do mundo...” (Ibidem, p.86.)

Como verificado anteriormente por Brunelli (2011), os enunciados aforizados do discurso de autoajuda não apresentam marcas que os ancoram em um contexto específico que lhes limitaria a validade. Também não apresentam marcas dêiticas ou referências definidas. Em relação aos enunciados aforizados da obra em análise, observa-se que, mesmo que os sintagmas nominais empregados na posição de sujeito da oração sejam expressões definidas, como em (12), eles se referem a entidades com alto grau de abstração e generalidade, sem valor referencial no contexto em que são usados, por isso essa asseveração se valida como uma verdade atemporal, relativa ao uso do tempo presente gnômico. Com esses enunciados, o enunciador enuncia verdades e não opiniões pessoais, ao mesmo tempo em que pode, indiretamente, orientar o comportamento dos adolescentes.

O uso do pronome *quem* também reflete a não ancoragem dos enunciados em questão a uma situação específica, com o sujeito com referência dêitica. Ou seja, observa-se também a impessoalidade desses enunciados. Embora no enunciado (15) haja pronome pessoal de primeira pessoa do plural, esse pronome indica uma coletividade, uma sociedade e não os interlocutores específicos da obra. Conclui-se que o grupo de destinatários implicados por esses enunciados pretende-se o mais amplo possível, o que pode sugerir também uma atenuação do valor injuntivo desses enunciados e uma aproximação do público ao enunciador da obra, já que essas verdades não valem somente para os jovens, mas para todos.

Contudo, convém ressaltar que, embora Maingueneau (2010) tenha caracterizado o enunciador das aforizações como uma instância de saber em uma relação assimétrica hierarquicamente ao público universal a quem se dirige, por sua autoridade em estabelecer verdades inquestionáveis, a recorrência à enunciação aforizante na obra em análise dilui o caráter doutrinário do discurso de autoajuda e do tom autoritário do enunciador, já que o valor deôn-

tico desses enunciados não é explícito. Assim, ordens e proibições são evitadas e substituídas por enunciados que orientam indiretamente, o que está de acordo com a cenografia instaurada pelo discurso, a dos almanaques juvenis, cujo enfoque é o entretenimento e a informação.

Na próxima seção, apresenta-se a análise relativa às definições e explicações nos enunciados aforizados.

Definições e explicações

No discurso de autoajuda para adolescentes é alta a frequência de definições e de explicações. Para o tratamento desse aspecto discursivo, retomam-se as reflexões de Charaudeau (2010a) a respeito do modo de organização descritivo do discurso. Descrever, para o autor, é uma atividade de linguagem que vê o mundo por um olhar que dá existência aos seres, atribuindo-lhes nomes, localizando-os e qualificando-os para particularizá-los. Assim, os componentes do modo descritivo são o “nomear”, o “localizar-situar” e o “qualificar”. Conforme o autor, nomear é

dar existência a um ser (qualquer que seja sua classe semântica) através de uma dupla operação: perceber uma diferença na continuidade do universo e simultaneamente relacionar essa diferença a uma semelhança, o que constitui o princípio da classificação. (Charaudeau, 2010a, p.112.)

Essa classificação, todavia, não equivale a um rótulo dos seres do mundo, mas depende dos modos pelos quais o sujeito que classifica constrói e estrutura a visão do mundo. Este sujeito, por sua vez, ainda da perspectiva do autor, é condicionado pelos traços culturais de seu grupo social. Nessa medida, descrever “consiste em identificar os seres do mundo cuja existência se verifica por consenso (ou seja, de acordo com os códigos sociais)” (Charaudeau, 2010a, p.113).

A determinação de um ser em função de seu posicionamento em um lugar espacial e temporal caracteriza o que Charaudeau denomina componente de “localização-situação” do modo descritivo de organização discursiva. Ou seja, nesse componente, trata-se de atribuir ao ser características do tempo e do espaço que ocupa no mundo ao qual é feita sua referência. O autor destaca que esse recorte espaçotemporal também depende de como um dado grupo social vê ou projeta o mundo.

Qualificar, por sua vez, consiste na identificação de traços internos ou constitutivos aos seres, especificando-os. As explicações e as definições são fenômenos descritivos que constituem o componente qualificar. Diferenciando-se do ato de denominar que estrutura o mundo e os seres de forma não direcionada, o ato de qualificar promove uma orientação na atribuição de um aspecto particular e próprio aos seres do mundo. Mais uma vez, Charaudeau (2010a) reafirma que mesmo as relações entre seres e qualificações obedecem, em alguma medida, às normas estabelecidas por práticas de determinados grupos sociais. Em suas palavras,

qualificar é, então, uma atividade que permite ao sujeito falante manifestar seu imaginário, individual e/ou coletivo, imaginário da construção e da apropriação do mundo [...] num jogo de conflito entre as visões normativas impostas pelos consensos sociais e as visões próprias ao sujeito. (Charaudeau, 2010a, p.116.)

No que concerne às funções que o autor considera para o modo descritivo, o que se destaca é a construção de “uma imagem atemporal do mundo”. Ou seja, pelo uso do modo descritivo, nomeações, localizações e qualificações são dadas como imutáveis e mesmo independentes de contextos sociais, históricos e culturais, como já dados, inalteráveis por valores ideológicos das situações e dos atores sociais pelos quais são construídas. Para o autor, o descritivo opera ainda em uma expansão para fora do tempo e fixa lugares e épocas, maneiras de ser e de fazer das pessoas, características dos objetos.

Pormenorizando os procedimentos de configuração das descrições, Charaudeau (2010a) os associa a cada componente anteriormente mencionado. Assim, ao componente nomear se vinculam procedimentos de identificação; ao componente localizar, procedimentos de construção objetiva do mundo e ao componente qualificar, procedimentos de construção objetiva ou subjetiva do mundo.

Os procedimentos de identificação, ou seja, aqueles referentes ao processo de dar existência aos seres, podem fazer com que tais seres pertençam a um dado grupo ou podem ainda individualizá-los. O primeiro caso é denominado pelo autor de identificação genérica; o segundo, identificação específica.

Os procedimentos de construção objetiva do mundo, referentes tanto ao componente localizar-situar quanto ao qualificar do modo descritivo, “consistem em construir uma visão de verdade sobre o mundo, qualificando os seres com ajuda de traços que possam ser verificados por qualquer outro sujeito além do sujeito falante” (Charaudeau, 2010a, p.120). O autor considera a visão de verdade sobre o mundo como um imaginário social compartilhado que representa o mundo conforme o que se acredita ser verdade. Assim, o mundo “objetivamente” representado depende de um ponto de vista do mundo compartilhado pelos membros de uma comunidade social e de um consenso sobre o estado do mundo (qualidades, quantidades, funções). Esse tipo de procedimento, segundo o autor, encontra-se em textos cujas finalidades são a de definir e a de explicar (em nome de um saber) e as de incitar ou contar (em nome de um testemunho).

Por fim, os procedimentos de construção subjetiva do mundo são empregados pelo sujeito falante para descrever seres e comportamentos pela sua própria ótica, que não é imediatamente ou necessariamente verificável. Trata-se, conforme Charaudeau (2010a), da representação do imaginário pessoal do sujeito sobre o mundo.

Outro aspecto importante do modo descritivo diz respeito aos efeitos ligados ao seu emprego: o efeito de saber, o efeito de realidade ou ficção, o efeito de confiança e o efeito de gênero. Desses

efeitos, para o desenvolvimento da análise da obra em questão, destacam-se os dois primeiros.

Segundo Charaudeau (2010a), o emprego recorrente de identificações e de qualificações fabrica para o descritor uma imagem de sabedoria (homem de ciência, perito, técnico), representando-o como aquele que conhece o mundo em pormenores (observando-o sistematicamente ou estudando-o cientificamente) e que usa esse saber para comprovar a veracidade de seu dizer.

O uso de descrições pode também contribuir para a construção de um ponto de vista sobre o mundo de forma realista ou ficcional; na ficcional, há a interferência da subjetividade do descritor; na realista, o descritor projeta de si a imagem de um sujeito exterior ao mundo descrito.

Considerando-se as três funções do modo descritivo de organização discursivo (*nomear, situar-localizar, qualificar*), observou-se que a maior parte dos enunciados descritivos correspondia a qualificações de conceitos, de atitudes e de comportamentos determinados. Seguem-se alguns exemplos desses enunciados descritivos qualificadores:

- (17) “Enquanto você pensa que a aparência é um corte de cabelo diferente, um tipo de roupa, um corpo malhado, um *piercing* no nariz... Aparência também é a expressão fácil, um jeito de olhar, um sorriso, os gestos, a maneira de alguém andar, as diversas formas de comunicar. É o que cada um tem de pessoal e único no seu modo de ser.” (Iacocca; Iacocca, 2008, p.11.)
- (18) “Enfim, família são as pessoas ao nosso lado, que nos orientam, que torcem por nós... e com quem podemos contar.” (Ibidem, p.58.)
- (19) “Ser ético é saber discernir entre o que é bom e ruim para nós mesmos e para os outros.” (Ibidem, p.54.)
- (20) “Política não é somente a ação de políticos. É a ação de qualquer pessoa, de qualquer cidadão junto à comunidade em que vive.” (Ibidem, p.108.)

- (21) ‘Você sabe o que são bloqueios? São estados de espírito, dificuldades emocionais, maneiras de se comportar e até sentimentos que impedem as pessoas de se sentir bem consigo mesmas e na relação com os outros.’ (Ibidem, p.20.)

Como dito, o ato de qualificar conceitos, atitudes e tipos de pessoas implica, por parte de seu enunciador, uma reflexão sobre o imaginário social, coletivo, referente a determinado posicionamento discursivo e às normas das práticas de certos grupos sociais. Assim, recorrer a esse tipo de mecanismo enunciativo manifesta tanto o lugar social quanto discursivo do qual se enuncia e pelo qual se constrói uma imagem de mundo, que interfere no modo pelo qual se dá a percepção desse mundo pelo público-alvo. Esse tipo de descrição, diferentemente do ato de denominação, implica determinados horizontes de sentido para o que é qualificado. Observa-se, portanto, uma orientação indireta do enunciador sobre as condutas a serem adotadas pelos jovens quanto ao que é qualificado nas descrições, que são basicamente realizadas sob formas de definições e explicações, típicas “ferramentas” de textos de gêneros didáticos.

A qualificação, como uma das funções do modo descritivo, pela forma com que é realizada (sem manifestações explícitas de uma subjetividade que agregaria os traços de caracterização dos elementos descritos) contribui para que haja uma leitura mais informativa do que opinativa das descrições.

Nos enunciados de (17) a (21), admitem-se certas alternativas e não outras para o que é ter uma boa aparência, o que é ser bom cidadão, o que significa adotar uma postura ética, especificando certos traços para identificá-los e não outros que, da perspectiva de outro lugar enunciativo, seriam mais enfatizados ou mais adequados. Qualificar, delimitando os traços essenciais do ser a que se refere o processo de qualificação, é uma forma de manifestar um posicionamento e direcionar indiretamente o comportamento daquele a quem se dirige o enunciado de qualificação. Explicar ou definir sugere, no caso em análise, adotar implicitamente uma pos-

tura de orientação didática em relação ao público-leitor, o que está adequado para a cenografia de entretenimento e de informação, na qual há uma relação mais simétrica entre enunciador e enunciatário, conforme já dito.

Na configuração da função qualificativa do modo descritivo, o principal procedimento adotado nas descrições é a construção objetiva do mundo, por meio de definições e explicações, na medida em que se trata de construir representações ou convenções de determinados grupos sociais a respeito dos temas em questão, vinculados a um modo como certa comunidade organiza seu ponto de vista sobre o mundo.

Não se trata, nessas descrições, de construir uma perspectiva “pessoal” ou “particular” sobre o que é qualificado, definido, mas de descrever condutas, conceitos e tipos de pessoas pela ótica das representações sociais, de forma que a essas entidades descritas seja atribuído o estatuto de verdade ou fato, sem associação a uma visão individual sobre os temas tratados. Em outras palavras: enunciam-se verdades atemporais e não há o comprometimento do enunciador com esses enunciados, pois se trata de “informações” e não opiniões. Há uma naturalização das definições que qualificam, “objetivamente”, os temas em questão, sem haver uma exposição direta e clara de uma opinião ou crença, embora ela esteja implícita pelos sentidos mobilizados na delimitação dos traços qualificadores. Esses efeitos de sentido dizem respeito ao que Charaudeau (2010a) denomina de efeito de realidade e de efeito de saber, de acordo com os quais as descrições aparentam demonstrar: (i) que o sujeito é exterior ao mundo descrito, sem manifestar formas subjetivas de expressão de sua visão do mundo; (ii) que o sujeito, por menorizando e enumerando sistematicamente características dos eventos descritos, é um sujeito sábio que recorre à realidade para comprovar o seu dizer.

Dadas como fatos e verdades oriundas de um saber específico, tais definições (que se apresentam sob o regime de enunciação aforizante) e explicações permitem que o enunciador oriente de modo indireto os adolescentes, ao conferir aos seus enunciados um ca-

ráter professoral, didático, informativo, contudo não impositivo, ao descrever os fenômenos em foco, pormenorizando causas, motivações, circunstâncias.

Tais definições também se caracterizam por não mencionar outras alternativas para o que é definido, que poderiam aparecer, por exemplo, sob a forma de negação. Reitera-se, assim, que a definição proposta pelo enunciador é a única possível, porque é um fato informado, não uma crença.

Os enunciados de qualificação, em geral, caracterizam-se também por alguns procedimentos comuns que visam atenuar a determinação das condutas pelo enunciador. Dentre esses outros recursos, encontra-se o emprego de orações reduzidas de infinitivo em posição sintática de sujeito que dizem respeito a um comportamento geral e não aos comportamentos do enunciatário, como em (19).

O emprego dessas orações parece atender a uma tentativa do enunciador de neutralizar uma possível ameaça à sua face positiva (relativa à imagem social que apresenta aos outros), na medida em que poderia se mostrar autoritário, e a negativa (relativa à imagem pessoal, íntima de cada indivíduo) do enunciatário, que poderia se sentir ameaçado em seu território pessoal, o que pode ocorrer quando há uma expressão direta de ordens e obrigações (cf. a teoria de preservação das faces de Brown e Levinson, 1987). Além desse recurso, constata-se também a recorrência de expressões metafóricas como *meio caminho andado*, *o caminho*.

Em menor escala, percebem-se ocorrências de enunciados com função de identificação que visam agrupar seres por fatores de pertencimento comuns ou individualizá-los por propriedades específicas, enumerando características e traços por meio da coordenação de interrogações. Tais enunciados organizam-se principalmente sob a forma do gênero teste, em que se manifesta um tipo de recenseamento de tipos de atitudes e comportamentos a que podem recorrer os adolescentes em determinadas circunstâncias, atenuando o direcionamento de condutas e promovendo um jogo de identifi-

cação com o leitor, baseada na função de entretenimento ao qual o gênero está atrelado. Exemplos:

- (22) “*Você é do tipo que...*
 não está nem aí para a própria aparência?
 adora se exhibir?
 deseja andar na moda a qualquer custo?
 consegue cuidar da aparência com pouco dinheiro?
 acha que o sucesso de uma pessoa depende da grife que ela usa?
 procura através da aparência mostrar exatamente quem você é?
 vive se comparando aos ídolos que aparecem nas revistas e na TV?” (Iacocca; Iacocca, 2008, p.11.)
- (23) “*Seu corpo está mudando e você...*
 se sente um tanto desajeitado?
 vive se olhando no espelho para conferir as novidades?
 se exhibe o tempo todo?
 detesta que os outros façam comentários sobre o seu corpo?
 acha o máximo o que está acontecendo?
 sente muito sono?
 o tempo todo fica se comparando com os outros?” (Ibidem, p.39.)

Verifica-se, portanto, que o modo descritivo é um elemento de ordem linguístico-textual que contribui para a construção de uma cenografia didática, informativa, na qual o enunciador se apresenta não como um especialista, mas como aquele que destrincha as dificuldades do mundo a ser experienciado pelos novos adultos em construção, os adolescentes. Esse modo de enunciação está atrelado a uma relação de aproximação com o público, pela adoção de gêneros do entretenimento, tal como o teste, e a uma diluição da função de orientação típica do gênero autoajuda, como nos termos de Brunelli (2004) e de Sobral (2006). Assim, mesmo que essa relação entre enunciador e enunciatário esteja mediada por diferentes

graus de saber, a enunciação mostra uma diluição dessa assimetria entre as instâncias enunciativas de produção e de recepção do discurso analisado.

Na sequência, apresenta-se a análise das modalidades presentes na obra e a produção do *ethos* discursivo.

Modalidade

Outro aspecto linguístico da superfície discursiva considerado relevante para a descrição do *ethos* do enunciador da obra em análise diz respeito à categoria modal. A seguir, a frequência dos modais encontrados na presente obra.

Tabela 7 – Classificação dos modais presentes em *O livro do adolescente*

<i>Tipo de modal</i>	<i>Número de ocorrências</i>	<i>%</i>
Epistêmico	33	36,6
Facultativo	13	14,4
Deôntico	24	26,7
Evidencial	20	22,3
Total	90	100

Se em Brunelli (2004) os modais facultativos eram os mais frequentes dentre os tipos de expressão dessa categoria no discurso de autoajuda voltado à temática dos negócios, na obra de Iacocca e Iacocca (2008) eles representam somente o quarto tipo de modais em termos de frequência. Esse dado justifica-se pelo fato de que, no discurso orientado ao público jovem, não se afirma que a superação das crises, angústias e conflitos psicológicos depende da crença na capacidade individual (moral, intelectual ou psicológica) para transpor tais problemas.

Os modais facultativos empregados em enunciados interrogativos aparecem direcionados aos próprios adolescentes, como um questionamento do que eles sentem que podem ou não fazer, ou até

mesmo do que as outras pessoas são ou não capazes de fazer. Esses enunciados apenas propõem uma reflexão aos próprios jovens sobre si mesmos, tal como se pode verificar nas seguintes ocorrências:

- (24) “Você *sabe* lidar com isso e fazer suas próprias escolhas?” (Iacocca; Iacocca, 2008, p.10.)
- (25) “Você é do tipo que *consegue* cuidar da aparência com pouco dinheiro?” (Ibidem, p.11.)
- (26) “*Consegue* reconhecer suas qualidades e dificuldades?” (Ibidem, p.12.)
- (27) “Mas será que todos *conseguem* perceber onde termina a liberdade deles e começa a do outro?” (Ibidem, p.81.)

Esses questionamentos sobre as capacidades e potencialidades dos jovens, sejam do tipo que forem, visam conduzi-los a determinadas respostas, já que, nas próprias perguntas, são projetadas as respostas esperadas.

Dessa forma, ao se interrogar o jovem leitor da obra com enunciados como os exemplificados em (24) e (26), sugere-se de antemão que essas habilidades, a de lidar com as escolhas e a de reconhecer qualidades e defeitos, são desejáveis ou devem ser desenvolvidas. Nesses termos, os enunciados em questão podem ser entendidos como uma alternativa para substituir enunciados deonticamente modalizados, nos quais as sugestões cederiam lugar a ordens, à exposição de necessidades e obrigações. Isso se aproxima de um trabalho psicológico sobre autoestima, por exemplo.

Assim, mais do que um orientador, o enunciador dessa obra atua de forma similar, mas não idêntica, a terapeutas, cuja enunciação também tem um tom mais sugestivo do que autoritário. Essa ausência do tom autoritário vincula-se a uma cenografia específica, de estreitamento da relação enunciador-enunciatário e de preservação de suas faces, também característico da relação terapeuta e paciente. Mas isso não desfaz a cenografia de alma-naque, porque também nos exemplares desse gênero se encontram seções com as mesmas características.

Outro dado que pode indicar tal direção na análise é o emprego dos *modais deônticos* encontrados na obra. Observa-se uma sugestão de reflexão instaurada pelo enunciador sobre o que é permitido, o que é preciso, o que é desejado, o que deve ser feito em determinadas circunstâncias, como em:

- (28) “O que ele *deveria* fazer para mudar essas atitudes?” (Iacocca; Iacocca, 2008, p.13.)
- (29) “Você acha que *pode* fazer o que bem entende, afinal não é mais criança?” (Ibidem, p.83.)
- (30) “Pense em três... sentimentos que *deveriam* estar presentes em todas as crenças.” (Ibidem, p.119.)
- (31) “Para se ter uma sociedade mais justa, que valores *deveriam* ser revistos, discutidos e resgatados?” (Ibidem, p.139.)

Nos exemplos anteriores, a modalização deôntica é atenuada pelo uso do tempo verbal futuro do pretérito. Também há ocorrências da modalidade deôntica orientada para o evento, tal como nos enunciados a seguir:

- (32) “Para manter essa amizade *é necessário* cultivar a tolerância.” (Ibidem, 2008, p.17.)
- (33) “Sem dúvida *é necessário* estar bem informado, saber o que está acontecendo no seu país, no mundo, ter noção das diversas realidades sociais e culturais. Mas também *é necessário* fazer escolhas, analisar as informações que nos são passadas, adquirir espírito crítico, formar a própria opinião a respeito das coisas, e não ficar simplesmente repetindo o que se leu ou ouviu.” (Ibidem, p.72.)
- (34) “Então, para não ser influenciado, para não se distrair, para não errar na escolha de um político, *é necessário* dar uma de detetive: informar-se sobre o político escolhido, sobre sua atuação na vida pública e na vida privada, seus projetos e intenções perante a sociedade.” (Ibidem, p.108.)

Outro fator que pode alterar o tom autoritário dos enunciados deonticamente modalizados é o escopo dos itens lexicais modais. Os modais deônticos podem incidir sobre os participantes do evento narrado ou sobre o próprio evento. Na obra em questão, observa-se que treze das dezenove ocorrências de modais desse tipo incidem sobre o evento, indicando mais especificamente a necessidade de ocorrência de um evento do que uma obrigação que recaia sobre os enunciatários.

Embora a frequência de modais epistêmicos seja consideravelmente muito mais recorrente nessa obra do que no discurso de autoajuda voltado aos negócios – praticamente o dobro do que encontrado em Brunelli (2004) –, o seu emprego não implica necessariamente uma manifestação de incerteza ou dúvida por parte do sujeito enunciator.

A maior parte dos modais epistêmicos encontrados na obra qualifica o evento como possível ou certo. Os enunciados modalizados epistemicamente no âmbito da predicação apresentam-se como independentes da avaliação do enunciator, não o comprometendo com a verdade do enunciado (Neves, 1996). Assim, na qualificação epistêmica de eventos, o sujeito enunciator aparenta estar distante dessa avaliação, como nos enunciados de (35) a (39):

- (35) “Sabia que a agressividade *pode* ser controlada?” (Iacocca; Iacocca, 2008, p.14.)
- (36) “Mesmo sem querer, *pode* acontecer...” (Ibidem, p.15.)
- (37) “*Pode* ser alguém da família, um amigo, pessoas que se projetam no mundo artístico e cultural...” (Ibidem, p.70.)
- (38) “Isso *pode* atrapalhar uma carreira segura e bem-sucedida.” (Ibidem, p.111.)
- (39) “Com a globalização e a rapidez dos meios de comunicação, principalmente a internet, *pode* acontecer de pessoas ficarem estressadas em consequência do excesso de informações que recebem diariamente.” (Ibidem, p.73.)

Verifica-se, considerando-se os enunciados (35), (38) e (39), que a indicação da possibilidade de algum evento julgado pelo enunciador como nefasto para o enunciatário pode ser interpretado como um alerta para que este evite a ocorrência de tal acontecimento, podendo ser considerado como um recurso indireto para o sujeito orientar o comportamento dos adolescentes.

Outro índice que poderia implicar a manifestação de incerteza do enunciador em relação aos enunciados é a modalização epistêmica que incide sobre as proposições, já que elas manifestam uma avaliação subjetiva do enunciador. Contudo, das ocorrências analisadas, 90% dos epistêmicos conferem certeza aos enunciados, ou seja, quando o enunciador compromete-se com o que diz, compromete-se com algo que julga certo, embora o grau de certeza em cada enunciado seja variável. Assim, uma proposição qualificada como clara ou lógica, respectivamente (40) e (42), manifesta um grau maior de certeza do que os enunciados modalizados pela negação de dúvida, como em (41) e (43).

- (40) “Harmonia é equilíbrio, você sabe, *é claro*.” (Iacocca; Iacocca, 2008, p.66.)
- (41) “*É sem dúvida* uma das palavras mais faladas.” (Ibidem, p.80.)
- (42) “*É lógico* que é um direito que todos têm.” (Ibidem, p.81.)
- (43) “*Não há dúvida* de que você tem o direito de usufruir seu espaço, de se expor, de ser você...” (Ibidem, p.82.)

Em síntese, embora modalize epistemicamente seus enunciados, o enunciador da obra não manifesta incerteza ao comprometer-se com a verdade. Ele também não propõe aos adolescentes que a crença em seus potenciais de realização os fará superar os obstáculos que enfrentam durante essa fase da vida, mas que pensem a respeito de suas habilidades e capacidades, enunciadas de um modo que se aproxima mais de um terapeuta, um psicólogo e menos de um “guru”, uma autoridade ou um especialista.

Tal forma de enunciação encontra-se vinculada a uma atenuação dos valores injuntivos dos enunciados, que caracterizam grande

parte dos gêneros constituintes da cenografia de almanaque juvenil construída pelo discurso, o qual, por sua vez, também recorre a seções caracterizadas pelo diálogo entre leitores e profissionais da área de Psicologia, o que justifica também o aparecimento desse modo de enunciação na obra em análise. Assim, também o aconselhamento terapêutico é realizado de modo que se preservem as faces de terapeuta e de paciente na orientação e os aproximem, embora ainda haja uma diferença entre o estatuto de saber entre eles. As orientações do enunciador, portanto, também não são tão dogmáticas ou doutrinárias como vistas na pesquisa de Brunelli (2004), já que os deônticos utilizados incidiam primordialmente sobre eventos, qualificando-os como fatos necessários a um dado estado ou realização e não como uma obrigação ou dever dos enunciatários, atenuando o caráter impositivo inerente a esse tipo de modalidade e reforçando a nossa comparação do *ethos* do enunciador ao *ethos* de um terapeuta.

Para concluir a análise do *ethos* da obra e da imagem de adolescente que vincula, na próxima seção, consideram-se alguns aspectos lexicais de seus enunciados.

Léxico

Na obra em análise, observa-se que o léxico se caracteriza pela *informalidade* e pelo uso de termos cotidianos fundamentalmente relacionados a contextos comunicativos em que os interlocutores são mais próximos, íntimos ou amigos. Nota-se uma frequência menor de expressões mais formais. Trata-se, pois, de uma aproximação do enunciador a determinado estereótipo adolescente: aspectos de informalidade, descontração, diversão e até mesmo de entusiasmo e exagero correspondem a uma imagem típica da adolescência. Como exemplos desse vocabulário informal e descontraído,² seguem-se os enunciados de (44) a (48):

2. Expressões destacadas em itálico.

- (44) “Bom mesmo é transformar a agressividade em dinamismo e atitudes positivas: *descarregar a energia* em algum esporte, interessar-se por aprender coisas novas, acreditar mais em si próprio para melhorar a autoestima...” (Iacocca; Iacocca, 2008, p.15.)
- (45) “O que você acha que vai ganhar se... *der férias para a preguiça?* [...] Controlar aquele medo *bobo* que só atrapalha? Contar até dez antes de *estourar?*” (Ibidem, p.21.)
- (46) “Praticar esportes não quer dizer ser o melhor, ficar famoso, *virar* um ídolo, ganhar milhões...” (Ibidem, p.56.)
- (47) “*Jovem... em quais destas propostas você se encaixa mais?* [...] 4. Ir morar sozinho para *ser dono do próprio nariz*. [...] 7. Não *se meter com* drogas nem em situações que geram violência.” (Ibidem, p.77.)
- (48) “É a autopreservação de cada um, que muitas vezes antecipa situações, nos coloca de sobreaviso, nos ajuda a encontrar saídas. Agora, deixar o medo tomar conta da gente, *virar pânico*, viver se sentindo ameaçado... é terrível, um verdadeiro *beco sem saída*.” (Ibidem, p.90.)

Constata-se que, embora as expressões sejam mais informais, elas não necessariamente constituem um repertório de gírias e de léxico especificamente juvenil.

Entretanto, algumas outras ocorrências lexicais nos enunciados permitem associar o modo de enunciação do enunciador a uma imagem corrente no senso comum: o entusiasmo, a intensidade de emoções e o exagero como traços de personalidade adolescente. Para ilustrar tal fato, considerem-se as ocorrências a seguir (expressões destacadas em itálico):

- (49) “É anúncio de produtos na rua, na TV, nos jornais, nas revistas, na internet, no cinema... É de *deixar* qualquer um *louco*... para comprar!” (Iacocca; Iacocca, 2008, p.35.)
- (50) “*Com qual destes consumidores você se identifica?* [...] Indeciso – fica horas olhando o produto, *deixa* a loja *de pernas para o*

ar, o vendedor *louco*, e raramente acaba comprando alguma coisa. Guloso – não resiste quando a compra é para *encher a barriga*. [...] Internauta – *vive ligado* na internet para ver o que está à venda.” (Ibidem, p.35.)

- (51) “Aparece aquele amontoado de ideias novas, os estados de humor sobem e descem, os sentimentos e as emoções *brincam de pingue-pongue*, as paixões *viram* você *de ponta-cabeça*...” (Ibidem, p.39.)
- (52) “Você... acha que pode *fazer o que bem entender*, afinal não é mais criança? Faz o professor perder a paciência e *ficar de cabelos em pé*? Tem o hábito de: *fazer pouco caso* dos outros; ficar agressivo quando nervoso; falar palavrões por qualquer motivo; *estourar* quando as coisas não acontecem do jeito que você quer?” (Ibidem, p.83.)
- (53) “Já aconteceu com você de... na hora de estar com a turma ter aquele *chilique* que atrapalha tudo?” (Ibidem, p.121.)

Outro aspecto que merece ser mencionado diz respeito ao emprego das regras de regência e de concordância da variedade padrão da língua. Esse dado pode indicar que os jovens que empregam esse tipo de linguagem, embora se diferenciem dos adultos por apresentar comportamentos mais informais, mais descontraídos e mesmo mais irreverentes, não são os agentes de atos rebeldes, de atos violentos, nem desestabilizam as normas, os padrões e as convenções sociais de outras gerações. A imagem adolescente que emerge desse modo de enunciar está fundamentalmente ligada ao humor, à diversão, à irreverência e, por vezes, à insegurança, à ansiedade, ao caráter questionador de sua personalidade, mas não à transgressão das normas.

Considerações sobre a cenografia e o *ethos* da obra em análise

Embora apresente alguns traços de enunciação pertencentes ao discurso de autoajuda, a obra em análise distancia-se desse discurso pelo *ethos* e pela relação interlocutiva estabelecida em função dos propósitos comunicativos engendrados no fio discursivo.

Nessa obra, em que se mesclam informação, instrução e entretenimento, a cenografia instaurada é distinta daquela que é costumadamente associada ao gênero de autoajuda: o enunciador, a partir de um conhecimento especializado e de um saber particular, busca orientar o público-alvo por meio de fórmulas oferecidas a um enunciatário apresentado como desorientado em alguma situação concreta de sua vida, seja em âmbito pessoal ou profissional. O enunciador dessa obra não é, portanto, orientador propriamente, mas condutor de uma reflexão, um ponto de apoio que articula opiniões e modos de comportamento e emoções particulares à adolescência, compartilhando e confidencializando conhecimentos do senso comum sobre os mais variados temas da vida cotidiana, particularmente pela construção de uma cenografia de almanaque juvenil.

A apropriação de diversos gêneros, especialmente daqueles que implicam uma relação mais simétrica entre enunciador e enunciatário conduz ao apagamento da relação hierárquica de saber entre esses atores do discurso de autoajuda. Embora haja indícios, na enunciação, de que há uma diferença de saber entre o enunciador e o público jovem, na medida em que cabe ao primeiro o papel de definir, informar e explicar tipos de comportamentos e atitudes para as situações mencionadas, a instauração da cenografia da revista juvenil dilui essa diferença de saber.

Apaga-se ao máximo o *ethos* de orientador do discurso de autoajuda e promove-se uma figura mais relacionada aos terapeutas, aos professores, aos jornalistas que organizam as revistas juvenis: experiente em termos de conhecimento e informação, o enunciador não se apresenta como origem desse saber, mas como um divul-

gador. O jovem, dentro desse cenário discursivo, não é um jovem desorientado, angustiado, em busca de soluções para as suas crises de identidade, para seus problemas de relacionamento, de autoestima, mas um jovem dinâmico e interessado em saber mais, em divertir-se, em comparar seu comportamento com outros jovens, em aventurar-se nos diversos assuntos que se destacam na obra, de maneira divertida e ágil.

4

A CENA DA PSICOTERAPIA

Por que estou assim? Os momentos difíceis da adolescência é uma obra escrita por Cybelle Weinberg, psicopedagoga e psicanalista que atuou como professora e coordenadora em diversas escolas em São Paulo. Atualmente atende pacientes em uma clínica própria em São Paulo e é coordenadora da Clínica de Estudos e Pesquisas em Psicanálise da Anorexia e Bulimia (Ceppan). Também é autora de duas outras obras: uma dedicada à adolescência e outra à temática da anorexia.

Para a análise da cenografia e do *ethos* discursivo da obra, consideram-se os seguintes aspectos linguístico-discursivos: modalidade, tons enunciativos, enumerações, analogias, as relações dialógicas e modalização autonímica.

Modalidade

Na obra em análise, a recorrência de itens lexicais modais, assim como nos casos anteriores, também favorece a eleição da categoria da modalidade como foco de investigação para a caracterização do *ethos* discursivo do livro. O resultado do levantamento dos itens lexicais modais encontrados pode ser conferido na Tabela 8:

Tabela 8 – Classificação dos itens modais presentes na obra *Por que estou assim?*

<i>Tipos de modais</i>	<i>Número de ocorrências</i>	<i>%</i>
Epistêmicos	157	35,3
Deônticos	128	28,8
Facultativos	74	16,7
Evidenciais	85	19,2
Total	444	100

Em termos gerais, verifica-se que o principal modal utilizado na obra é do tipo epistêmico. Como já dito em outros capítulos, o discurso de autoajuda voltado ao público adulto, tal como caracterizado por Brunelli (2004), apresenta uma baixa frequência dos modais epistêmicos, considerando-se que, na construção do modo de enunciar seguro e convicto que é característico desse tipo de discurso, o emprego de modais que exprimem diferentes graus de incerteza por parte do sujeito enunciador é menos frequente. Entretanto, nessa obra, nota-se que a frequência de modais epistêmicos é alta. Assim, o enunciador dessa obra manifesta, com muito mais frequência, diferentes graus de comprometimento com o seu dizer, uma vez que, para além dos usos de epistêmicos que recaem sobre os eventos das predicções (indicando o que pode ou não acontecer como experiência ou fato da vida adolescente), há grande recorrência de enunciados cujos modais epistêmicos modalizam as proposições a que se referem, conforme se pode notar na Tabela 9:

Tabela 9 – Escopo dos itens modais epistêmicos na obra *Por que estou assim?*

<i>Orientação dos itens modais</i>	<i>Número de ocorrências</i>	<i>%</i>
Evento	94	60,2
Proposição	63	39,8
Total	157	100

Os modais que atuam no nível da proposição implicam um maior comprometimento por parte do sujeito enunciador. Na obra em análise, a maior parte deles são modais ligados à expressão da certeza, conforme os dados da Tabela 10.

Tabela 10 – Expressão semântica dos itens modais epistêmicos orientados para a proposição na obra *Por que estou assim?*

<i>Expressão semântica</i>	<i>Número de ocorrências</i>	<i>%</i>
Possibilidade	19	30,7
Certeza	43	69,3
Total	62	100

A maioria das ocorrências registradas na Tabela 10 diz respeito a advérbios ou locuções como *certamente*, *na verdade*, *de fato*, *realmente*, *na certa*. Embora se trate de modais ligados à certeza, o enunciador não se manifesta de forma tão convicta e segura a respeito do que diz; afinal, no extremo da certeza, o que se encontra é um “enunciador que avalia como verdadeiro o conteúdo do enunciado que produz, apresentando-o como uma asseveração (afirmação ou negação), *sem espaço para a dúvida e sem nenhuma relativização*” (Neves, 1996, p.179, grifo nosso). A seguir, apresentam-se ocorrências de enunciados com modais epistêmicos de proposição.¹

- (1) “E aí, é gozação *na certa* se, por exemplo, der azar e o professor ou a professora chamar na lousa – tem que ir com o caderno na frente, pra disfarçar!” (Weinberg, 2007, p.15.)
- (2) “*Na verdade*, é um jeito de falar sobre os sentimentos e comportamentos ambivalentes que são próprios da adolescência.” (Ibidem, p.25.)

1. Grifos meus.

- (3) “Se você ainda não sabe muito bem quem você é, uma coisa *certamente* você sabe: como não quer ser.” (Ibidem, p.27.)
- (4) “E se você é menino, *na certa* queria ser o namorado da sua mãe e morria de ciúmes de seu pai.” (Ibidem, p.42.)
- (5) “*De fato*, se é isso que você quer da vida, já está mais do que bom.” (Ibidem, p.85.)

Como exemplos dos enunciados cujos modais epistêmicos escapam os eventos das predicações, tem-se:

- (6) “As primeiras transas *podem* assustar uma menina.” (Ibidem, 2007, p.26.)
- (7) “Sua mãe *pode* ficar surpreendida quando, na escola, a orientadora diz que você é uma pessoa educadíssima, finíssima.” (Ibidem, p.27-8.)
- (8) “Essa perda *pode* ser de um amigo ou parente querido, mas *pode* ser também de uma coisa ou lugar.” (Ibidem, p.32.)
- (9) “Por isso conversar com alguém de confiança, que o ajude a conviver com suas dificuldades, *pode* trazer um grande alívio.” (Ibidem, p.36.)
- (10) “Essa onipotência *pode* estar escondendo uma baita fragilidade, uma grande insegurança.” (Ibidem, p.64.)

Observa-se que as ocorrências de modais epistêmicos com valor de possibilidade se encontram em enunciados que tratam das experiências específicas que podem afetar os jovens, não como um grupo, mas como indivíduos, em determinadas situações. As situações podem variar e as reações dos jovens também, por isso a possibilidade relativa à variabilidade de fatos e acontecimentos que outros enunciadores também poderiam constatar em função de seus conhecimentos de mundo. Como se trata de modais que atuam na camada da predicação, há um menor comprometimento por parte do sujeito enunciator com aquilo que é enunciado, ou seja, trata-se de uma manifestação de incerteza que o sujeito enunciator não assume como sendo sua.

Considerando esses resultados conjuntamente, pode-se dizer que o sujeito enunciador não enuncia tão convictamente como no discurso de autoajuda voltado ao público adulto, caracterizado por Brunelli (2004). Comparando esses dados com os encontrados pela autora, nota-se que, na obra em análise, se encontram marcas de dúvida e incerteza com muito mais frequência, mesmo que não sejam assumidas pelo sujeito enunciador. Em outras palavras, não se encontra nessa obra um sujeito enunciador tão convicto e seguro quanto o sujeito enunciador típico das obras de autoajuda para adultos, que tratam de temas como o sucesso profissional e financeiro. Assim, essa característica enunciativa pode ser tomada como um primeiro indício de que essa obra se afasta do discurso de autoajuda para adultos.

Entretanto, um dos traços mais pertinentes para a caracterização do modo de enunciação do discurso de autoajuda identificado por Brunelli & Dall'Aglio-Hattner (2010), que também se verifica nessa obra, é alta frequência de emprego de modais deonticos. Os modais deonticos constituem o segundo tipo mais comum na obra (28,8%). Já que a autoajuda se caracteriza como um conjunto de ensinamentos, de orientações, a ocorrência dos modais que apresentam valores de necessidade, obrigação, permissão e ordem se justifica.

Assim, na obra em análise, apresentam-se enunciados cujo objetivo é orientar os jovens sobre suas obrigações e necessidades nos mais variados campos de sua vida, seja por meio da modalização deontica orientada ao participante (no caso, o interlocutor da obra), seja pela modalização deontica orientada ao evento (normalmente os comportamentos adolescentes descritos como necessários, permitidos ou obrigatórios). Há predomínio de uma forma de modalização deontica na obra: os modais deonticos orientados ao evento superam numericamente os modais orientados ao participante, conforme pode ser conferido na Tabela 11.

Tabela 11 – Escopo dos itens modais deônticos na obra *Por que estou assim?*

<i>Orientação dos itens modais</i>	<i>Número de ocorrências</i>	<i>%</i>
Evento	76	59,3
Participante	52	40,7
Total	128	100

O emprego de modais orientados ao evento atenua a força impositiva dos enunciados, já que se trata de uma necessidade que não é imposta diretamente ao interlocutor, como pode se dar com os modais orientados ao participante, no caso de esse participante ser justamente o interlocutor do discurso. Ou seja, como a modalidade orientada para o evento não incide sobre um participante específico, a obrigação ou permissão que o enunciado exprime é representada como uma espécie de regra de conduta geral, o que a torna bem menos impositiva. Os enunciados a seguir exemplificam esse tipo de uso dos modais deônticos (destacados em *itálico*).

- (11) “Então, se o que mais se quer é um grande amor, *é preciso* batalhar por ele.” (Weinberg, 2007, p.51.)
- (12) “E para se saber do que se gosta, primeiro *é preciso* se conhecer, saber quem se é.” (Ibidem, p.93.)
- (13) “E ser diferente significa que *é preciso* respeitar o jeito de ser e o tempo de cada um.” (Ibidem, p.77.)
- (14) “Mas *é necessário*. Ir para a escola é tão necessário quanto escovar os dentes ou tomar banho.” (Ibidem, p.82.)
- (15) “Porque *é preciso* preservar o passado, a infância, aquilo que foi bom, e ao mesmo tempo apaziguar as angústias ligadas ao futuro, ao desconhecido.” (Ibidem, p.89.)

No caso dos modais orientados ao participante, nota-se, assim como na obra analisada no primeiro capítulo, o emprego de recursos que se prestam a atenuar o caráter autoritário da qualificação

modal deôntica, a saber: (i) inclusão do sujeito enunciador no conjunto de indivíduos sobre os quais recaem as obrigações mencionadas (emprego da forma de tratamento “a gente”), como no exemplo (16); (ii) emprego do sujeito indeterminado, como no exemplo (17); (iii) emprego de pronomes pessoais ou de formas nominais de terceira pessoa no sujeito, como nos exemplos (19) e (22). Já nos exemplos (18), (20) e (21) o sujeito enunciador dirige-se diretamente ao interlocutor.

- (16) “E cuidado, porque muitas vezes *a gente nem precisa* de alguém que nos force a deitar numa cama que não é para nós.” (Ibidem, p.30.)
- (17) “Isso significa que *se tem que* estar muito preparado, fazendo cursos atrás de cursos: línguas, informática, faculdade, especialização, pós-graduação e não sei o que mais.” (Ibidem, p.17-8.)
- (18) “Temporariamente, *você* até pode representar o papel dos outros, mas *vai ter que* achar o seu.” (Ibidem, p.30.)
- (19) “*Eles precisam* aceitar você como você é, e você precisa aceitá-los como eles são.” (Ibidem, p.50.)
- (20) “Talvez *você precise* de mais tempo para se conhecer melhor e descobrir do que realmente gosta.” (Ibidem, p.94.)
- (21) “Mas se *você* quer ser uma pessoa interessante, criativa, e principalmente, livre, *precisa* aprender muito mais.” (Ibidem, p.85.)
- (22) “*Ele tem que* se habituar a isso tudo.” (Ibidem, p.89.)

Em relação aos modais facultativos, verifica-se que ocorrência desse tipo de modal é o mais baixo dentre os tipos existentes da categoria (16,7%), provavelmente porque o discurso de autoajuda para adolescentes não defenda a tese de que os adolescentes podem (têm a capacidade de) concretizar qualquer tipo de meta, tal como afirma o discurso de autoajuda para adultos. O emprego dos modais facultativos na obra vincula-se à descrição das habilidades ou capacidades dos adolescentes e seus desenvol-

vimentos durante a adolescência ou a potencialidade/incapacidade de terceiros para adotar determinados comportamentos, por isso também o alto índice de modais facultativos orientados aos participantes dos eventos das predicações.

Mais uma vez, constata-se um distanciamento do discurso de autoajuda para adultos, que apresenta como o mais frequente o uso dos facultativos, vinculados à tese de que a crença no próprio potencial é condição para um indivíduo concretizar suas metas, sejam elas pessoais ou profissionais. Como exemplos dos modais facultativos empregados na obra em análise, seguem-se os enunciados:

- (23) “O problema é que até acabar todos esses cursos e *poder* ganhar dinheiro suficiente para se manter ou manter uma família, já se está perto dos 30 anos...” (Ibidem, p.18.)
- (24) “Se pensarmos bem, também não é exigido de você que não banque o bebezinho da mamãe, que mostre que já é uma mulher que *sabe* fazer muitas coisas sozinha, ou prove que é um homem mostrando firmeza, cara de bravo, chamando para a briga aquele cara que olhou esquisito e você não gostou?” (Ibidem, p.20.)
- (25) “Você *sabe* se cuidar.” (Ibidem, p.33.)
- (26) “Isso significa que, objetivamente, um adolescente *é capaz* de ter relações sexuais e ter filhos.” (Ibidem, p.69.)

Por fim, em relação aos evidenciais encontrados na obra, observa-se que há uma predominância de expressões de terceira pessoa (singular ou plural) definidas como fontes do conhecimento do que é afirmado pelo enunciador, representando mais da metade das ocorrências desse tipo de modal. Os evidenciais com o enunciador como fonte de crenças e opiniões são menos recorrentes, indicando menor comprometimento deste em relação à origem da informação que diz. Ao indicar tal fonte por meio de expressões de terceira pessoa, o enunciador busca angariar credibilidade ao que diz e afastar o enunciatário da interpretação de que o que afirma se ori-

gina de um julgamento ou inferência pessoal, o que tornaria tal enunciado mais questionável e poderia promover uma menor adesão do adolescente ao discurso.

A presença de outras fontes que não o enunciador confere mais credibilidade ao discurso, cujo conteúdo é assegurado por outras vozes, o que, indiretamente, confere ao sujeito enunciador um estatuto de homem sábio, conhecedor dos pensamentos, opiniões e crenças de outros indivíduos. Como exemplos dos evidenciais com expressão da fonte por meio de formas de terceira pessoa (destacados em *itálico*), tem-se:

- (27) “Há pouco tempo *os jornais de São Paulo* noticiaram que uma menina de 13 anos deu à luz um bebê e que o pai, de 14 anos, só pôde tirar o filho da maternidade com autorização do seu pai.” (Weinberg, 2007, p.23.)
- (28) “*Freud já dizia* que a identidade masculina ou feminina deve ser construída.” (Ibidem, p.28.)
- (29) “*Os gregos contavam* que Procustos era um assaltante que vivia na estrada que ligava Megara a Atenas.” (Ibidem, p.30.)
- (30) “Pois bem, *Aberastury diz* que o adolescente deve passar por três lutos.” (Ibidem, p.32.)

Os tons do discurso

Conforme já dito, o *ethos* do discurso está relacionado à vocalidade dos textos, que pode se manifestar numa multiplicidade de tons. Desse modo, a observação dos tons das obras deve contribuir para a análise do *ethos* do discurso de autoajuda para adolescentes.

Em artigo em que analisa *os tons* encontrados em programas humorísticos de televisão, Duarte (2005) apresenta as principais propriedades que são em geral pressupostas quando popularmente se utiliza o conceito de tom; posteriormente, reflete sobre o conceito, adotando, para tanto, o ponto de vista semiótico. Segundo a

autora, os seguintes aspectos caracterizam o que em geral se pressupõe a respeito de tom de um enunciado ou de um texto (considerando-se a análise que realiza de comentários sobre tom feitos por diversas fontes): a correspondência entre o tom e determinado efeito de sentido, o fato de que o tom é conferido ao discurso (lhe é acrescentado), a exigência de que cada texto empregue um tom, o fato de que o conteúdo do tom pode manifestar desde estados da alma a comportamentos e de que sua expressão se dá na/pelas linguagens, a existência de certos mecanismos de conteúdo e de expressão que manifestam um tom ao texto, o desempenho de funções estratégicas pelos diferentes tipos de tons, a identificação do enunciador (e de seus estados de alma, de seus atos de fala) pelo emprego de determinados tons, a graduação ou ênfase de certos tons e a caracterização dos gêneros, que implica também um tom específico para quem enuncia.

Para Duarte, o conceito de tom define-se nos seguintes termos: “*propriedade inflexiva que se confere ao modo de expressar-se em diferentes linguagens*” (Duarte, 2005, p.4, grifos da autora). A noção de tom não corresponde ou se identifica com a força ilocutória ou perlocutória do que é enunciado, mas se vincula ao que a autora denomina de processo de tonalização, ou seja, um conjunto de procedimentos discursivos que visam atribuir ao enunciado diferentes graus de modalização e passionalização em função das condições de produção. É pela tonalização, então, que o tom principal do discurso se articula (pelo processo de modulação) a outros tons e diferentes nuances de um mesmo tom se graduam. Trata-se, pois, de compatibilizar e harmonizar os diferentes tons que se atrelam ao tom principal do texto.

Ainda sobre a noção de tom e a sua relação com o enunciador, a autora afirma que

o tom confere, então, ao discurso produzido um *modo de dizer* que se projeta diretamente sobre os sujeitos da comunicação – enunciador e enunciatário –, operando sobre o *conhecer para fazer sentir*

e sobre o *sentir para fazer conhecer*; sobre o *dizer para fazer fazer* e sobre o *fazer para fazer dizer*. (Duarte, 2005, p.4, grifos da autora.)

Segundo a autora, o tom pode dizer respeito, em relação aos enunciados em que se manifesta, às seguintes nuances: de andamento (*lentidão vs. vagareza*), de atitude (*suavidade vs. rispidez*), de composição (*simplicidade vs. complexidade*), de densidade (*dispersão vs. concentração*), de disposição (*sobriedade vs. ludicidade*), de espessura (*superficialidade vs. profundidade*), de intensidade (*gravidade vs. agudez*), de temperatura (*frieza vs. calor*), de posição (*proximidade vs. distância*), de rigidez (*flexibilidade vs. inflexibilidade*), de ritmo (*regularidade vs. irregularidade*), de saturação (*pureza vs. opacidade*), de textura (*lisura vs. aspereza*), de timbre (*mesmice vs. diferenciação*), de tratamento (*formalidade vs. informalidade*), de valor (*claridade vs. obscuridade*), de volume (*peso vs. leveza*) etc.

Por fim, cabe ressaltar uma última observação da autora, que concerne à relação entre os tons e os tipos de discursos:

as práticas sociais e discursivas de antemão normatizam, legislando sobre os tons principais e complementares adequados a cada formação discursiva agregando, às suas regras de formação, disposições concernentes ao tom. (Duarte, 2005, p.5.)

Em relação à análise da obra, nota-se, em primeiro lugar, a presença de cinco tipos básicos de tons: hiperbólico, jocoso, confidencial, sério, infantil.

O tom hiperbólico dos enunciados, o principal da obra em análise, promove uma aproximação da enunciação do enunciador à de seu público-alvo, muitas vezes caracterizado pelo exagero e intensidade de ações e emoções, conforme o ponto de vista do senso comum sobre a fase adolescente.

A adoção desse tom enunciativo permite ao enunciatário constatar que o enunciador sabe muito bem o que o adolescente pensa,

sente e como age, o que pode, então, aproximá-los. Os comportamentos, pensamentos e emoções dos jovens são sempre descritos em tons desmedidos, isto é, há uma desproporção entre a gravidade das situações e as atitudes por parte dos jovens.

Arelado ao tom hiperbólico, manifesta-se um tom jocoso, relativo a essa desproporção que há entre as reações e sentimentos adolescentes e os fatos que lhe deram origem. O exagero é um mote gerador do riso que, por sua vez, também pode promover uma aproximação com o público, na medida em que, muitas vezes, o mesmo senso comum caracteriza esse público pela sua alegria, irreverência e humor. Na maioria das ocorrências desses enunciados hiperbólicos, nota-se também a presença do discurso relatado em estilo indireto livre, no qual se misturam as vozes do enunciador e do enunciatário.

Convém relembrar os efeitos de sentido derivados dessa forma de citar o discurso alheio. A esse respeito, ao analisar esse estilo de relato em narrativas, Garcia (1986, p.147) afirma que se trata de uma forma de citação em que “a fala de determinada personagem ou fragmentos dela inserem-se discretamente no discurso indireto através do qual o autor relata os fatos”. Ou seja, não se apresentam rupturas ou estruturas sintáticas específicas que delimitem as vozes dos dois enunciadoreis, apenas indícios pontuais que salientam a existência dessas vozes.

Maingueneau (2005b), por sua vez, ressalta que o emprego desse recurso visa vincular a linguagem e o ponto de vista de seus autores aos enunciados citados, restituindo-lhes as palavras e a opinião de quem é citado. Para o autor, nessa polifonia enunciativa, não se distinguem claramente duas vozes, como no discurso direto, nem se absorve uma voz pela outra, como no caso do discurso indireto: é a mistura das duas vozes que impede identificar convictamente quais palavras pertencem ao enunciador ou ao indivíduo que é citado.

Considerando-se tais esclarecimentos, observa-se que é justamente pela adoção do tom hiperbólico dos enunciados, que normalmente é associado ao público juvenil, que se pode identificar o

relato em estilo indireto livre. Tal forma de enunciar permite atribuir ao enunciador a imagem de alguém que conhece os dilemas, o ponto de vista adolescente, de modo a reproduzir praticamente a sua própria enunciação. Abaixo, seguem ocorrências dos enunciados hiperbólicos que aparecem na obra em discurso indireto livre.

- (31) “Ficar sentado na classe então é uma tortura, escutar a explicação do professor ou da professora exige um esforço sobrenatural.” (Weinberg, 2007, p.15.)
- (32) “Parece que o bicho-papão vai atender do outro lado. Se a mãe não ligar para o dentista, o dente cai de podre. Se usar aparelho, então, é o caos.” (Ibidem, p.46.)
- (33) “Pronto, nega-se tudo, pelo que há de mais sagrado no céu e na terra.” (Ibidem, p.63.)
- (34) “É algo mortal, uma sensação horrorosa, desconhecida, um vazio enorme.” (Ibidem, p.110.)
- (35) “E ter vontade de chorar até se afogar nas próprias lágrimas.” (Ibidem, p.101.)

O enunciador dessa obra projeta a imagem de pessoa confiável e conhecedora dos problemas, angústias e inseguranças adolescentes, não só pelo tom hiperbólico de certos enunciados que parecem espelhar o modo de enunciação adolescente, mas também ao assumir em seu discurso um tom de confidencialidade com o jovem, por meio de enunciados em que busca estabelecer um diálogo mais direto com o leitor da obra. Para tanto, emprega os seguintes recursos: interpelação do interlocutor por meio do pronome *você*; perguntas que refletem dúvidas, inseguranças e sentimentos dos adolescentes; antecipação de pensamentos e respostas dos adolescentes; exclamações que manifestam entusiasmo, surpresa, preocupação, irritação.

Assim, conforme o enunciador demonstra conhecer e, mais que isso, compreender o que o jovem experiencia, especialmente em termos emocionais, mais se aproxima do seu interlocutor, ao

criar uma atmosfera de confiança e compreensão entre eles, reproduzindo a enunciação adolescente. Exemplos desses enunciados são apresentados a seguir:

- (36) “Porque mãe é fogo!” (Weinberg, 2007, p.58.)
- (37) “Porque, se souber, estraga tudo!” (Ibidem, p.63.)
- (38) “Não deveria ser suficiente ter um corpão de 1,80 m e barba na cara, ou seios grandes e quadris largos, para provar que não se é mais um menininho ou uma menininha?” (Ibidem, p.22.)
- (39) “Que temores estariam por trás da sua indefinição? O medo de se arriscar? De desapontar seus pais? O medo de fracassar? Ou de ser um sucesso?” (Ibidem, p.94.)
- (40) “Você quer ser independente, quer que seus pais parem com aquelas cobranças todas, mas se eles pararem com toda a enchecção você certamente irá reclamar que ninguém liga para você.” (Ibidem, p.33.)

Em termos mais gerais, os enunciados em que se apresentam os tons hiperbólicos e confidentes abordam temas mais particulares, como a relação com os pais, com os grupos de amigos, com o próprio corpo, com sua identidade etc.

Embora o enunciador se apresente compreensivo e confidente, em outras partes da obra, quando se refere a assuntos de maior gravidade em relação à fase adolescente (como iniciação sexual, violência, uso de drogas e anorexia e bulimia), ele assume um tom mais sério e profissional na orientação dos jovens. Assim, o enunciador assume um lugar de saber pertinente ao estatuto de terapeuta e inicia uma manifestação de seu saber relativo a essas questões. Nesse sentido, o tom acompanha os temas tratados: temas menos sérios, tom mais jocoso; temas mais sérios, tom mais sério também. Nesse último caso, o enunciador trata seu público de forma mais próxima ao público adulto, exigindo responsabilidade e seriedade na consideração desses temas.

Por outro lado, quando o enunciador trata de algum aspecto relativo à infância, ele assume um tom mais infantilizado, empre-

gando termos no diminutivo, tal como nas falas dirigidas às crianças menores. O enunciador trata o adolescente como um indivíduo com resquícios da personalidade infantil, uma vez que ele ainda pode adotar tipos de atitudes características da infância, tal como sugerem estudos de Psicologia do Desenvolvimento a respeito da adolescência, muito embora a esse tratamento também se vincule um tom irônico, já que é justamente desse tipo de vínculo que o jovem procura se desvencilhar. Como exemplos desse tom, apresentam-se as seguintes ocorrências:

- (41) “Se pensarmos bem, também não é exigido de você que não banque o *bebezinho* da mamãe, que mostre que já é uma mulher que sabe fazer muitas coisas sozinha ou prove que é um homem mostrando firmeza, cara de bravo, chamando para a briga aquele cara que olhou esquisito e você não gostou?” (Weinberg, 2007, p.20.)
- (42) “Outras vezes, são os pais que dão um ‘chega pra lá’ aos filhos, quando eles querem continuar com *nhemnhemnhém* e *colinho*.” (Ibidem, p.44.)
- (43) “Essa é uma das contradições do amor: se você encontrar sua metade, alguém que se disponha a abandonar tudo por você, a viver *grudadinho* em *você*, que adivinhe todos os seus desejos e se antecipe a eles e que saiba e-xa-ta-men-te o que você está pensando, você vai querer fugir no primeiro trem.” (Ibidem, p.57.)
- (44) “Conheci crianças que ficavam horas sentadas no *peniquinho*, com a mãe perto contando histórias. Ou se cercavam de brinquedos e ficavam ali no *troninho*, como um *reizinho*, pedindo cada vez mais coisas.” (Ibidem, p.70.)

Por fim, é pertinente que se considere que a flutuação dos tons do enunciador pode servir também para espelhar a flutuação de humor característica da fase adolescente, refletindo a instabilidade de emoções desse público, promovendo, mais uma vez, uma atmosfera de aproximação entre enunciador e enunciatário.

Na próxima seção, analisa-se o emprego de dois recursos de modalização autonímica, a saber, as aspas e o itálico, e os seus efeitos de sentido na obra.

Modalização autonímica

Nesta seção, recuperam-se as reflexões de Authier-Revuz (1998) a respeito da modalização autonímica, fenômeno enunciativo observado na análise.

Seguindo uma perspectiva enunciativa de descrição da categoria, Authier-Revuz (1998) caracteriza a modalização autonímica como fenômeno enunciativo engendrado no fio do discurso em que o sujeito enunciador delimita as supostas fronteiras discursivas entre si mesmo e o seu “Outro”, desdobrando seu discurso por meio de procedimentos que introduzem comentários sobre sua própria fala, ou seja, trata-se de uma autorrepresentação do dizer no próprio fio enunciativo. Convém ressaltar que a delimitação dos discursos de si e dos “Outros” por esse sujeito manifesta, ou melhor, evidencia a ilusão de que ele é um sujeito uno, ideologicamente homogêneo, e não heterogeneamente constituído por esses “Outros” dos quais pretende se desvincular. Assim, essa categoria enunciativa permite analisar o embate do sujeito enunciador para constituir-se em determinado lugar discursivo e afastar-se daqueles que ele supõe serem seus “Outros”, o que se revela como foco de investigação relevante para a análise do *ethos* discursivo.

Authier-Revuz (1998) classifica os tipos de modalização autonímica ou, nos termos da autora, as não coincidências do dizer, nas seguintes categorias:

- a) não coincidências interlocutivas: marcam a distância entre os coenunciadores;
- b) não coincidências do discurso consigo mesmo: marcam a alusão do enunciador a outros discursos no interior de seu próprio discurso;

- c) não coincidências entre as palavras e as coisas: indicam a não correspondência entre palavras empregadas e as realidades às quais designam;
- d) não coincidências das palavras consigo mesmas: registram a ambiguidade de sentidos para uma mesma palavra.

Observa-se que a realização linguística dessas não coincidências no fio do discurso pode se concretizar por várias formas, como o discurso direto, o indireto, a modalização em discurso segundo, as aspas, o itálico, as alusões, o discurso indireto livre etc.

Segundo Authier-Revuz (1998), as aspas e o itálico são formas marcadas de modalização autonímica que exigem um trabalho interpretativo, ou seja, formas que devem ser interpretadas como referência a outro discurso. Assim, pretende-se analisar em que medida o enunciador projeta sobre si determinada imagem por meio da delimitação e do afastamento dos discursos postos em relação (o seu e de seus “Outros”) e por meio dos comentários sobre sua própria fala.

Na superfície linguística da obra em análise, verifica-se a alta recorrência dos recursos gráficos de aspas e de itálico. Em primeiro lugar, o itálico e aspas cumprem, nessa obra, a função de registrar as não coincidências do discurso consigo mesmo, delimitando as citações de terceiros em discurso direto. As ocorrências em que são empregados invocam cenas imaginadas pelo enunciador a respeito das situações de interação entre o público adolescente com adultos, ou de crianças com adultos, reproduzindo as falas características de cada contexto.

Segundo Authier-Revuz (1998), o discurso direto refere-se a uma forma de discurso relatado em que se registra não só uma frase ou um enunciado, mas um ato de enunciação, inclusive os elementos que envolvem a situação em que tal ato de enunciação se desenvolve (tempo, lugar, interlocutores, dados referenciais etc.).

Na obra, entretanto, não se trata propriamente de reproduções de falas reais ou de depoimentos, mas de simulação de diálogo entre adolescentes e adultos; trata-se, portanto, de outras cenas, daí o emprego das aspas.

Por outro lado, quando há reprodução do discurso dos adolescentes, os enunciados aparecem destacados do texto, sem aspas, sem negrito, sem comentários prévios ou subsequentes, ou seja, garante-se um espaço para a manifestação do público adolescente sem nenhum tipo de interferência (comentários) nem marcas que sinalizem que se trata de um outro discurso (aspas, *itálico*, **negrito**). Assim, o sujeito enunciador sai de cena, cedendo seu espaço para a emergência da voz dos próprios adolescentes, o que não deixa de ser uma forma sutil de se distanciar, pelo recuo.

Quanto ao emprego das aspas e do *itálico*, nota-se que esses recursos aparecem nos relatos em estilo direto, por meio dos quais há uma simulação de diálogos entre adolescentes e adultos, mais especificamente os pais. O sujeito enunciador utiliza-se, portanto, desse recurso linguístico para encenar tais situações, revelando conhecer o que de fato acontece nesses tipos de interação, inclusive em termos do que se fala e de como se fala (reprodução dos tons assumidos pelos “personagens” em cada situação simulada); ao mesmo tempo, esse enunciador afasta-se do discurso em questão porque atribui aos personagens envolvidos a responsabilidade sobre o que dizem no ato de enunciação representado. Assim, é recorrente a suposta reprodução das falas entre pais e filhos em diferentes situações, sejam elas de conflitos na fase adolescente, sejam de carinho, afeição e confiança ligadas à infância.

Cria-se, então, a respeito do enunciador, uma imagem de compreensão e confiança com o público leitor pela forma como demonstra entender as relações que esse público estabelece com os adultos e com seus pais, recorrendo às descrições pormenorizadas de cada situação ou reproduzindo seus diálogos, suas inflexões entonacionais e sentimentos envolvidos.

Em outros relatos, apresentam-se diálogos característicos de outras cenas que são frequentemente associadas aos adolescentes (cena de conselho, de cobrança, advertência), o que reforça a imagem do sujeito enunciador como alguém que realmente conhece o universo juvenil. Nesses casos, as aspas reforçam a distância que há entre o discurso dos adultos (que são os sujeitos que

advertem, aconselham, fazem cobranças etc.) e o discurso do sujeito enunciativo, que se limita a reproduzir, à distância, tais cenas. A seguir, exemplos desse uso do discurso direto:

- (45) “E a menina sabe que deve ser muito mais gostoso ejacular do que menstruar. Mesmo que a menstruação seja motivo de orgulho e lhe dê a possibilidade de ter filhos. O que, aliás, também é motivo de medo, porque fica todo mundo falando ‘Olha, cuidado, agora você já pode ficar grávida, hein!’.” (Weinberg, 2007, p.16.)
- (46) “O segundo é o luto pelo papel e pela identidade infantis. ‘Você não é mais uma criança!’, lhe dizem a toda hora. [...] Claro que você agora quer ser responsável pelos seus atos e também independente – ‘Ninguém manda em mim!’.” (Ibidem, p.32.)
- (47) “Quem nunca ouviu esta frase ‘Você continuaria me amando mesmo se descobrisse alguma coisa muito feia em mim?’ ou ‘Você me amaria se eu fosse diferente?’.” (Ibidem, p.57.)
- (48) “Aquela mãe de quem eu falava, por exemplo. Ela precisou suportar a ideia de que seu filho era diferente dela, que para crescer ele precisava se separar dela. Mãe tem que fazer um esforço danado para dizer: ‘Está bem, se é isso mesmo o que você quer...’.” (Ibidem, p.58.)
- (49) “Alguns pais têm dificuldade em entender as idas e vindas do adolescente, e, quando eles se afastam, sentem-se traídos. Então quando eles voltam, os recebem com um ‘Ué!, mas você não era tão independente? Por que precisa de nós agora?’.” (Ibidem, p.99-100.)

Outra função das aspas e do itálico é indicar as não coincidências interlocutivas (entre o sujeito enunciativo e um outro, algumas vezes o próprio adolescente). Marcam-se, com esses recursos gráficos, a distância que há entre o discurso do sujeito enunciativo e as expressões de que faz uso. Trata-se basicamente de expressões informais, mais ligadas ao discurso juvenil, quer dizer, não são

expressões normalmente empregadas por um adulto. A respeito do emprego desses recursos, Authier-Revuz (1998) afirma:

colocar entre aspas uma palavra permite, mesmo que se faça uso da palavra em um discurso, mostrá-la, ao mesmo tempo, como um objeto que, tido à distância, é designado como impróprio de certa maneira ao discurso em que figura: familiar, estrangeiro, contestado etc.; as palavras entre aspas são marcadas como pertencentes a um discurso outro; por isso, o contorno que eles traçam no discurso é revelador daquilo que o discurso tem a demarcar como “outro” em relação àquilo em que ele se constitui. (Authier-Revuz, 1998, p.118.)

Assim, há uma “inadequação” da forma marcada no discurso, que indica que não se trata de uma palavra própria ao discurso, mas de uma palavra de um outro, no caso, de um jovem. Maingueneau (2005b) comenta um caso semelhante, no qual, num texto jornalístico sobre a juventude francesa, uma palavra, normalmente empregada por jovens, aparece aspeada:

Se o jornalista não houvesse empregado as aspas, teria adotado o discurso dos jovens; se não tivesse utilizado o verbo “sentir”, característico da fala dos jovens, estaria se colocando em um universo estranho ao desses jovens. (Maingueneau, 2005b, p.165.)

Ou seja, para se aproximar do público jovem, o discurso jornalístico emprega uma palavra do próprio discurso dos jovens, mas, como se trata de um outro discurso, relativo a um outro grupo com o qual não se identifica perfeitamente, é necessário também se distanciar dessa palavra. O mesmo acontece na obra em análise: expressões mais informais, coloquiais ou mais características da “descontração verbal” do adolescente são empregadas, o que aproxima o discurso do sujeito enunciativo ao do jovem descontraído e informal, mas, ao mesmo tempo, as aspas garantem que não se trata exatamente da mesma fonte. Trata-se, segundo Maingueneau (2005b, p.165), de um meio enunciativo que “estabelece um meio-

-termo entre aproximação e distanciamento” e “de uma certa reserva por parte do enunciador, que indica, assim, uma não coincidência de sua fala”. Para exemplificar tais ocorrências, apresentam-se os seguintes enunciados:

- (50) “E ser responsável e independente é ‘um saco’ e custa caro (para todo mundo).” (Weinberg, 2007, p.32.)
- (51) “Dor narcísica é isso: a gente sente toda vez que ‘cai do cavalo’.” (Ibidem, p.43.)
- (52) “Mas que bem-estar é esse, que as pessoas descrevem como ‘um barato’, ‘um êxtase’, ‘uma viagem’?” (Ibidem, p.110.)
- (53) “E a maior dificuldade para ajudá-las é que elas se recusam a admitir que têm um problema, não procuram e não cooperam com tratamentos até que alguém as interne ‘na marra’.” (Ibidem, p.118.)
- (54) “Geralmente passam por obedientes, mas a sua obediência é uma forma de se afastar dos outros, para que ninguém venha lhes ‘encher o saco’.” (Ibidem, p.120.)

Por fim, cabe ressaltar o uso de aspas com a função de delimitar as não coincidências das palavras consigo mesmas, ou seja, com o papel de registrar algum tipo de inadequação de termos empregados, quanto aos seus sentidos mais usuais, nos enunciados em que as palavras são empregadas. Parece se tratar de uma tentativa do enunciador de facilitar o entendimento de seu discurso por parte de seu interlocutor, sinalizando-lhe a inadequação de seu próprio discurso, o que confere a este um tom mais didático, conforme se pode perceber nos exemplos a seguir.

- (55) “Fica preso a uma pedra, contorcendo-se, enquanto um tio materno mais alguém da tribo que se ‘especializou’ em fazer incisões na pele recortam desenhos em suas costas.” (Weinberg, 2007, p.19.)
- (56) “O medo (e o desejo) de ser um só com o outro, de se perder no desejo do outro (no outro conjunto), de ser ‘sufocado’ é perfeitamente compreensível [...]” (Ibidem, p.60.)

- (57) “E aí elas descobrem um jeito ‘alternativo’ de se masturbar.”
(Ibidem, p.72.)
- (58) “Enquanto as meninas têm a sexualidade mais ‘espalhada’.”
(Ibidem, p.76.)
- (59) “Os animais, que nascem sabendo muita coisa, ‘sabem’ essas coisas instintivamente.” (Ibidem, p.83.)

Além de simular diálogos entre jovens e adultos e de empregar um modo de enunciação próximo ao dos adolescentes,² o enunciador da obra adota outros procedimentos para reforçar a imagem que projeta de si como sendo a de alguém que conhece e compreende os sentimentos dos adolescentes. Dentre esses procedimentos, encontram-se os seguintes recursos: as enumerações, as analogias e as relações dialógicas manifestadas nos enunciados, aspectos analisados na próxima seção.

Enumeração, analogias e relações dialógicas

Neste livro, seguindo a tradição do pensamento bakhtiniano sobre linguagem, considera-se que os discursos são sempre heterogeneamente constituídos, são produtos da interação de diversas vozes sociais. Ou seja, considera-se que o dialogismo é o princípio constitutivo da linguagem e, conseqüentemente, dos discursos.

Assim, os enunciados são atravessados ou habitados pelas palavras de um outro e pelos sentidos oriundos de outros lugares discursivos. Também pressupõem, polemizam, refutam, confirmam, completam outros enunciados, ou seja, são constituídos como ecos de um já dito em relação ao qual se posicionam. Nas palavras de Bakhtin (2002):

2. Apesar dessa aproximação, conforme já dito, as aspas e o *itálico* tratam de sinalizar que o sujeito enunciatador tem um outro modo de enunciar que *lhe* é próprio e que não coincide exatamente com o dos jovens.

Um enunciado existente, surgido de maneira significativa num determinado momento social e histórico, não pode deixar de tocar os milhares de fios dialógicos existentes, tecidos pela consciência ideológica em torno de um dado objeto de enunciação, não pode deixar de ser participante ativo do diálogo social. Ele também surge desse diálogo como seu prolongamento, como sua réplica [...]. (Bakhtin, 2002, p.86.)

Diante do exposto, neste livro analisa-se o discurso de autoajuda para adolescentes considerando-se as relações dialógicas que estabelece com outros. Não se trata, entretanto, de identificar procedimentos textuais de citação ou alusão a outros enunciados no intradiscurso, mas de verificar relações de sentido que o discurso de autoajuda para adolescentes estabelece com outros discursos, na medida em que converge ou não com outros dizeres no universo de sentido legítimo desse posicionamento discursivo.

Na obra, há várias enumerações que listam sentimentos, receios, angústias, inseguranças e reflexões juvenis referentes a diversos tipos de situações, o que reforça o grau de observação e experiência do enunciador na identificação e na compreensão do universo juvenil. Mais uma vez, o sujeito enunciador revela um saber sobre os adolescentes, o que pode aproximá-lo de seu público. Nota-se, aqui também, o tom de confidencialidade do discurso, em função desse conhecimento exposto. Como exemplos desses enunciados, têm-se as ocorrências a seguir.

- (60) “Não conseguem parar de rir (ou de chorar...), falam ao telefone mil vezes por dia, cutucam o irmão menor, chutam o cachorro, comem como uns esfomeados...” (Weinberg, 2007, p.14-5.)
- (61) “Não é à toa, portanto, que a angústia, desorientação, insegurança façam parte do seu dia a dia. [...] Ser maduro, ser responsável, saber o que fazer, fazer sexo seguro...” (Ibidem, p.24.)

- (62) “Chato na escola é ter que ficar quieto quando se quer brincar, é ter que olhar para o professor quando se quer olhar pela janela, escutar o que ele está dizendo quando se quer escutar música, ficar parado quando se quer sair correndo.” (Ibidem, p.82.)
- (63) “Ninguém gosta de passar por frustrações, de ser avaliado, de estudar coisas que não fazem parte do interesse imediato.” (Ibidem, p.88.)
- (64) “Os motivos são vários: curiosidade, pressão do grupo, desejo de parecer independente, vaidade.” (Ibidem, p.109.)

Encontram-se, também, com frequência, analogias ou comparações, que procuram esclarecer o real significado ou o sentido das teses apresentadas pelo sujeito enunciador. Segundo Garcia (1986), o emprego de recursos de comparação e de analogia “pressupõe a existência de semelhanças em qualquer grau” e

visa, sobretudo, a tornar mais clara, mais compreensível uma ideia nova, desconhecida para o receptor, mediante o cotejo ou confronto com outra mais conhecida, cuja característica *predominante* ou atributo *por excelência* se evidencie de maneira ostensiva, concreta, mais sensível. (Garcia, 1986, p.84, grifos do autor.)

Dessa forma, ressalta-se o papel de orientador e professor daquele que enuncia, que é capaz de esclarecer a relação entre fatos distintos, compartilhando com os jovens seu conhecimento, de um modo que lhes seja acessível. Emerge, assim, enunciativamente, a figura do sábio, do experiente, do apto, daquele indivíduo cujo poder de destrinchar os percalços da adolescência é destacado e que está, portanto, em uma relação assimétrica com seu público. O enunciador dispõe de conhecimentos cujo acesso é ou será compartilhado com os adolescentes, inicialmente destituídos desse saber, que os auxiliaria no enfrentamento das suas inseguranças e questões pessoais. Algumas das analogias presentes na obra são ilustradas adiante.

- (65) “Temporariamente, você pode até representar o papel dos outros, mas vai ter que achar o seu. E, talvez, lutar contra os Procustos da vida. Os gregos contavam que Procustos era um assaltante que vivia na estrada que ligava Megara a Atenas. Ele possuía duas camas, uma grande e uma pequena. Quando aprisionava os viajantes, deitava os pequenos na cama grande e os altos na cama menor. E, para que as camas lhes servissem, cortava os pés de uns e esticava violentamente os de outros, com o que os matava. Então lição de casa: achar uma cama do seu tamanho. E cuidado, porque muitas vezes a gente nem precisa de alguém que nos force a deitar numa cama que não é para nós. A gente mesmo se estica para parecer grande ou se mutila para caber num bercinho.” (Weinberg, 2007, p.30.)
- (66) “Enfim, o amor de verdade, aquele que a gente quer para a vida toda, dá trabalho, é exigente. Tem que ser construído, envolve riscos e necessita de cuidados. Minha avó dizia que é como fazer bolo. Quando você põe um bolo no forno, tem que ficar ali por perto, tomando conta. Se você põe o bolo no forno e se distrai, vai embora, quando volta o bolo está todo queimado. Com o amor é igual. Você não pode se distrair, tem que cuidar. Mas também, se abrir a porta do forno sem parar, naquela ansiedade, tomando conta demais, pergunta para a sua avó o que acontece com o bolo...” (Ibidem, p.65.)
- (67) “O que acontece é que esses meninos e meninas sempre descrevem a sua primeira relação sexual como uma coisa banal, sem graça. Como um dever cumprido. [...] É como aquelas redações que você vai fazendo tão bem, fica um tempão na introdução, desenvolve o enredo, está chegando ao clímax da história e aí o professor diz que o tempo acabou e você tem que entregar de qualquer jeito. Para quem lê, parece que acabou de repente. E para você, além da frustração, fica a raiva de ter terminado assim uma história, só porque os outros queriam.” (Ibidem, p.79.)
- (68) “É como se você, que está nessa fase, vivesse num casarão que possui duas alas, uma infantil e uma dos adultos. E você está

exatamente no corredor que liga essas duas alas. Esse percurso não é linear, quer dizer, você não vai caminhando sempre na mesma direção e no mesmo ritmo. Você avança um pouco, para, às vezes volta, às vezes dá uma corridinha.” (Ibidem, p.97-8.)

- (69) “Eu conheço uma história que fala de sapos, mas que serviria muito bem para falar de pessoas. É a história de um fazendeiro que, todas as noites, guardava todo o leite que ia ser vendido em grandes latões de alumínio. Certa noite, sem perceber, deixou dois latões destampados. Durante a noite, dois sapos caíram no leite, cada um em um latão diferente. Na manhã seguinte, ele encontrou os dois sapos. Um estava morto no fundo de um latão de leite. E o outro estava vivo em cima de um latão de manteiga. O mesmo acontece com as pessoas. Umas passam a vida no fundo do latão. Outras se debatem até conseguir sair. Às vezes com ajuda, às vezes sozinhas. Depende do destino? Não. Depende de como cada um é.” (Ibidem, p.125-6.)

Nos exemplos mencionados, o enunciador discute os processos de desenvolvimento sexual dos adolescentes e de amadurecimento de sua personalidade (seus avanços e retrocessos), os comportamentos dos pais na infância, os relacionamentos amorosos, a relação com a escola, o desenvolvimento de doenças como a bulimia etc. O emprego de analogias atenua o tom mais sério em que determinados temas são apresentados e estabelece um tom mais didático e mais informativo.

Além dessas analogias, a imagem de sábio e experiente do sujeito enunciator também se constrói a partir do diálogo que o sujeito enunciator mantém com outros discursos (Psicanálise, Biologia, História etc.). Seja por meio de narrativas, seja por meio de discurso indireto ou por descrições, nota-se que o discurso do sujeito enunciator se constrói também a partir dos saberes relativos a outros discursos.

O principal discurso com o qual o enunciador estabelece diálogo é o da Psicanálise. Muitas vezes, é em função desse lugar de saber que o enunciador explica a adolescência. Dessa forma, muitos dos processos emocionais que marcam a adolescência são justificados do ponto de vista da atuação do inconsciente no que diz respeito às relações dos jovens com os pais, com a imagem de si mesmos e com os sentimentos que o desenvolvimento pessoal acarreta, por exemplo. A seguir, seguem-se exemplos da retomada do saber psicanalítico.

- (70) “Vários psicanalistas tentaram explicar a origem desses sentimentos e sensações, mas uma psicanalista em especial, Arminda Aberastury, argentina, já falecida, o fez muito bem. Ela, juntamente com outro psicanalista argentino, Maurício Knobel, fala que a adolescência é uma época de lutos. [...] Aberastury diz que o adolescente deve passar por três lutos. O primeiro é o luto pelo corpo infantil perdido. [...] O segundo é o luto pelo papel e pela identidade infantis. [...] O terceiro é o luto pelos pais da infância.” (Weinberg, 2007, p.32-3.)
- (71) “Inconscientemente, você o amava, queria se parecer com ele, mas ao mesmo tempo o odiava, porque ele era o seu rival. Isso acontece com todo mundo, e é o famoso Complexo de Édipo. [...] Mas o Complexo de Édipo não é assim uma equação tão fácil: meninos apaixonados pelas mães e meninas apaixonadas pelos pais. O caso da menina é bem diferente. Antes de querer casar com o papai, foi a mamãe que ela amou.” (Ibidem, p.42.)
- (72) “Maurício Knobel, psicanalista, criou uma expressão ‘síndrome da adolescência normal’ para designar o conjunto de ‘sintomas’ que são normais na adolescência. Aqueles comportamentos que têm sentido nessa fase.” (Ibidem, p.124.)

Outro discurso recorrentemente retomado é o mitológico. Conferindo um traço de erudição ao enunciador (o conhecimento da cultura clássica greco-romana), o uso de narrativas mitológicas cumpre também a função de estabelecer analogias entre certos aspectos de cada narrativa com o desenvolvimento pessoal na adolescência, o que pode estar relacionado ao fato de a própria psicanálise dialogar com o discurso mitológico. Ilustram tais narrativas os trechos a seguir:

- (73) “Diz esse mito que na Grécia antiga Liríope, uma ninfa, deu à luz uma criança de beleza extraordinária, a quem chamou de Narciso. Preocupada com o futuro de seu filho, a ninfa consultou o adivinho Tirésias. Ele previu que Narciso viveria, desde que nunca visse sua própria imagem. Sob essa condição, ele cresceu e tornou-se um jovem tão belo quanto o fora em criança. Não havia quem não se apaixonasse por ele. Narciso, entretanto, permanecia indiferente. Um dia, estando com muita sede, aproximou-se de um lago e, ao curvar-se para beber, viu sua imagem refletida no espelho das águas. Maravilhado com sua própria figura, apaixonou-se por si mesmo. Desesperadamente, passou a precisar do objeto do seu amor, viu que não conseguiria viver sem aquele ser deslumbrante. Sua vida reduziu-se à contemplação daquele jovem tão belo: desejava-o, queria possuí-lo. Desvairado, inclinando-se cada vez mais ao encontro do ser amado, mergulhou para a morte.” (Weinberg, 2007, p.39-40.)
- (74) “Os gregos, por exemplo, acreditavam que Eros, o deus do Amor, era a força fundamental do mundo. Era um deus considerado nascido ao mesmo tempo que a Terra, saído diretamente do Caos primitivo, que asseguraria não só a continuação da vida como a união de todos os elementos do universo nascente. Era representado por um menino com asas, nu, levando o arco e as flechas, com as quais feria de amor os corações, tanto dos homens como dos deuses. Eros (Cupido, para os romanos) era filho de Afrodite, a deusa do Amor. Afrodite teria

nascido das ondas do mar. Seu pai, Urano, teve seus órgãos genitais cortados e atirados ao mar. Do espermatozóide do deus e das águas do mar nasceu Afrodite, engendrada nas espumas. Saída nua de entre as águas, era muitas vezes representada com um pé sobre uma concha marinha.” (Ibidem, p.52.)

Para esclarecer certos aspectos da adolescência, o sujeito enunciador também se vale de comparações entre tais aspectos e rituais de iniciação de determinadas sociedades, dialogando, desse modo, com o discurso antropológico, o que também reforça a sua imagem de sábio. Nessas comparações, trata-se de fazer o jovem adolescente constatar o quanto a adolescência pode trazer sofrimento também para indivíduos de outras sociedades, o que pode, inclusive, implicar danos físicos aos iniciantes dos rituais descritos. Desse modo, fica esboçada uma espécie de paralelo entre os processos mais emocionais dessa fase da adolescência para os jovens das culturas ocidentais e os processos mais físicos e comportamentais das sociedades citadas, a maioria grupos indígenas.

- (75) “Por exemplo, entre as tribos da Nova Guiné existe um grupo chamado tchambuli. O menino tchambuli, mais ou menos entre seus 8 e 12 anos, dependendo mais da vontade do pai do que propriamente da sua idade, é, literalmente, ‘retalhado’. Fica preso a uma pedra, contorcendo-se, enquanto um tio materno mais alguém da tribo que se ‘especializou’ em fazer incisões na pele recortam desenhos em suas costas. [...] Seus gritos serão ignorados, enquanto o cerimonial se desenrola à sua volta: presentes são trocados, mulheres da família recebem novas saias, novos cestos, tudo com muita ostentação. Depois de feitas as incisões, ele é pintado com óleo e um pó corante extraído de uma planta chamada açafrão. Em seguida, deve ficar recluso por um longo período na casa dos homens. De quatro em quatro dias é lavado e novamente pintado. Passado o período de reclusão, é considerado um iniciado, ou

seja, alguém que já faz parte do mundo adulto.” (Weinberg, 2007, p.18-9.)

- (76) “Ainda na Nova Guiné existe um outro povo, chamado arapesh, que promove seus ritos de passagem de forma bem mais suave. Entre eles, as festas de iniciação ocorrem de seis em seis anos, e todos os meninos com idade apropriada participam dela. Enquanto a grande festa é preparada, às vezes com anos de antecedência, os candidatos à iniciação devem observar certos tabus alimentares. Na ocasião da festa, os segredos da tribo lhes são revelados. Entre essas revelações, a melhor é a de que o *tamberan*, uma espécie de espírito que faz muito barulho e que assusta as crianças não existe e que os sons atribuídos a ele eram feitos pelos adultos.” (Ibidem, p.21.)

Ainda conferindo um estatuto de saber privilegiado ao enunciador, encontram-se trechos que tratam dos traços biológicos do desenvolvimento corporal dos indivíduos adolescentes (77), dos saberes históricos relativos à adolescência (78) e das relações entre tal fase e alguns rituais religiosos (79).

- (77) “Na puberdade as características sexuais vão se definindo, se você é menino, nasce barba no seu rosto e seu pênis cresce. Se é menina, seus seios se desenvolvem, seus quadris se alargam.” (Ibidem, p.29.)
- (78) “Ou que em outras épocas, como na Idade Média, não havia nem uma palavra sequer para definir esse período de vida? Existiam crianças, adultos e velhos. Nada de adolescentes.” (Ibidem, p.18.)
- (79) “A Igreja Católica, por exemplo, mantém o costume da Primeira Comunhão, que o jovem faz depois de um curso de iniciação, chamado Catecismo. A tradição judaica celebra o Bar Mitzvah para os meninos que chegam aos 13 anos e o Bat Mitzvah para as meninas de 12 anos – nessas ocasiões, o jovem é chamado pela primeira vez para ler um trecho do Torá, o livro sagrado.” (Ibidem, p.22.)

Por fim, algumas outras citações de outros discursos, para além do reforço do estatuto de conhecimento e sabedoria do enunciador, cumprem também a função de estabelecer um contato mais próximo com o adolescente, já que os textos citados pertencem a domínios considerados de interesse desse público, a saber: o literário e o musical. Convém indicar que as citações literárias, em geral, pertencem a autores mais conhecidos do público, que está em idade escolar. Ou seja, trata-se de nomes mais facilmente reconhecidos pelos adolescentes (Cecília Meirelles, Adélia Prado, Fernando Pessoa). Também são apresentados textos clássicos infantis ou contemporâneos, que podem apresentar uma linguagem mais próxima da realidade (e do interesse) de leitura desses jovens.

No que concerne ao domínio musical, apresentam-se trechos de duas canções, pertencentes ao gênero *rock*, comumente associado à adolescência, pelos aspectos de rebeldia, agitação e intensidade proporcionados pelos temas e pelo próprio ritmo do estilo. Tratam-se especificamente das canções “Rebelde sem causa”, do grupo Ultraje a Rigor, e “Quase sem querer”, do grupo Legião Urbana. Para exemplificar tais citações (do domínio literário e musical), seguem-se os trechos a seguir.

- (80) “Amor é a coisa mais alegre
amor é a coisa mais triste
amor é a coisa que mais quero.” (Adélia Prado apud Weinberg, 2007, p.51.)
- (81) “Não faças de ti
Um sonho a realizar.
Vai.
Sem caminho marcado.
– Tu és o de todos os caminhos.” (Cecília Meireles apud Weinberg, 2007, p.97.)
- (82) “Você se lembra da história da Alice no País das Maravilhas?
Quando ela seguiu o coelho pela toca adentro, ela caiu numa espécie de antessala, com portas para todos os lados. Vendo que o coelho passara por uma delas, quis ir atrás mas se

deparou com um problema: a porta era muito pequenininha. Então ela bebeu o líquido de uma garrafa e ficou do tamanho da porta. Ficou contente, mas descobriu que a chave estava sobre a mesa, e que agora ela não podia mais alcançá-la. Então comeu um pedaço de bolo, ficou enorme, conseguiu alcançar a chave, só que aí não podia mais passar pela porta. Então começou a chorar. Chorou muito, até que ficou pequena novamente. E como tinha chorado muito, quase se afogou no lago das suas próprias lágrimas.” (Weinberg, 2007, p.100-1.)

- (83) “Quantas chances desperdicei
Quando o que eu mais queria
Era provar pra todo mundo
Que não precisava
Provar nada pra ninguém.
Mas não sou mais tão criança
A ponto de saber tudo.” (Legião Urbana apud Weinberg, 2007, p.36.)

Considerações sobre a cenografia e o *ethos* da obra em análise

Observou-se, pela análise dos tons do discurso, dos usos de modalização autonímica, dos modais, das analogias, das relações dialógicas e das enumerações, que o enunciador da obra apresenta-se como um confidente, como alguém que compreende sentimentos, comportamentos e angústias que caracterizam a vida dos adolescentes, mas, simultaneamente, distancia-se dele para o orientar, ressaltando seu conhecimento e saber na orientação dos jovens no processo de superação de suas dificuldades.

O uso de tons como o hiperbólico e o jocoso, próximos à enunciação e à imagem adolescente, como um ser intenso, dramático, mas ao mesmo tempo alegre e entusiasta, visa estabelecer uma aproximação entre enunciador e público. Esse efeito de aproximação também se deve ao diálogo com o domínio literário e mu-

sical, pela enumeração pormenorizada de emoções e angústias que afetam os adolescentes (conferindo um traço de confidencialidade ao discurso), pelo relato, em estilo direto, de simulações de conflitos que os jovens podem experienciar em relação aos adultos e pelo uso da modalidade deôntica atenuada, com ordens e fórmulas não direcionadas diretamente aos adolescentes.

Entretanto, o uso de modalização autonímica que marca a não coincidência interlocutiva (as aspas e o *itálico*), o tom infantil (e irônico) por vezes empregado pelo enunciador, as citações de textos de diversos tipos de discursos ligados a saberes específicos (Biologia, Psicanálise, Antropologia, mitologia, História), o uso de aspas marcando as não coincidências das palavras consigo mesmas, as analogias estabelecidas entre fatos da vida adolescente com outros dados da realidade fazem emergir uma figura sábia e experiente, apta a orientar os jovens, com um saber distinto que a faz se diferenciar e se distanciar do público, inclusive em termos de linguagem, condição necessária para que o jovem possa encontrar, com a leitura da obra, o entendimento e a superação dos percalços emocionais que afetam seu cotidiano.

Assim, a aproximação ao público assumido, na e pela enunciação, cumpre a função de estabelecer um primeiro contato entre enunciador e adolescente, desarmando-o contra possíveis objeções pelo fato de o enunciador ser e mostrar-se como um adulto (fonte de tantos dilemas e confrontos para os jovens). Entretanto, o distanciamento faz-se necessário na medida em que o enunciador precisa mostrar o domínio de um saber que deve auxiliar seu público na resolução de suas questões pessoais, atreladas à fase adolescente pela qual passa. Tal orientação só pode ser de fato concretizada por quem sabe ou aparenta saber quais são e como podem ser solucionados os dilemas com os quais o adolescente se defronta.

Portanto, essa enunciação, caracterizada por um mecanismo de intercalação entre aproximação e distanciamento entre público e enunciador, pode indicar uma cenografia próxima à de alguns tipos de terapia psicológica ou psicanalítica, em que o terapeuta inicialmente se aproxima do seu paciente para ganhar-lhe a confiança,

oferecendo-lhe, posteriormente, seus conhecimentos de um modo em que se evidencia seu *status* de homem de conhecimento, experiente, orientador.

Considerando-se tais observações, verifica-se que a obra apresenta pontos de intersecção com as obras de autoajuda mais tradicionais, na medida em que há um enunciador que orienta um público aflito, inseguro e angustiado, com problemas que não pode resolver por si mesmo. Entretanto, a forma como o enunciador se dirige ao público (de forma mais íntima e confidente e menos dogmática e autoritária) o distancia do discurso de autoajuda para adultos, relativo à temática do sucesso profissional e/ou financeiro.

5

A CENA DA PROPAGANDA

A obra analisada neste capítulo, *Não faça tempestade em copo d'água para adolescentes*, foi escrita por Richard Carlson, terapeuta americano especializado em relacionamentos. Autor reconhecido de outras obras de autoajuda, é apresentado pelos editores como palestrante e consultor de estresse.

A escolha por uma obra de autor estrangeiro deve-se ao fato de que o mercado editorial de obras de autoajuda para adolescentes em outros países é mais desenvolvido do que no Brasil (como os números de publicações citados na Introdução puderam confirmar), onde os autores e obras desse gênero só mais recentemente passaram a focar no público adolescente.

Para a análise da cenografia e do *ethos* da obra são considerados os seguintes aspectos linguístico-discursivos: modalidade, uso de glosas, léxico e procedimentos discursivos de persuasão.

Modalidade

Quando comparada às outras obras analisadas, a obra em questão apresenta pontos diferenciais no que se refere às ocorrências de itens modais lexicais presentes nos enunciados. A seguir, os dados sobre os modalizadores encontrados na obra.

Tabela 12 – Classificação dos modalizadores encontrados na obra *Não faça tempestade em copo d'água*

<i>Tipo de modal</i>	<i>Número de ocorrências</i>	<i>Porcentagem</i>
Evidencial	413	23,5
Deôntico	684	38,5
Epistêmico	418	23,5
Facultativo	258	14,5
Total	1.773	100

Se, nas primeiras obras, se observou um percentual considerável de modais epistêmicos, na obra em análise eles constituem apenas o segundo tipo de modalidade empregada, ao lado dos evidenciais. Seu emprego compromete o enunciador em relação ao que diz mais diretamente, uma vez que esses modais, em mais da metade de suas ocorrências, incidem sobre as proposições, principalmente quando o sujeito enunciador faz uso de expressões modais como *estar convencido de*, *certamente*, *realmente*, *ter certeza de*, *obviamente*, *de fato*, *não há dúvida de que*.

O emprego de modais epistêmicos orientados para a proposição compromete, em diversos graus, o sujeito enunciador com a verdade das proposições. A seguir alguns exemplos dessas ocorrências:

- (1) “*Não há dúvida de que os anos da adolescência podem ser repletos de drama.*” (Carlson, 2001, p.55.)
- (2) “*Estou convencido de que um dos motivos das pessoas estarem sempre com uma pressa danada é que elas não se dão o tempo*

adequado para aprontar as coisas. Por exemplo, se levam uma hora para fazer tudo que precisam fazer, a maioria se permite um máximo de uma hora para isso.” (Ibidem, p.144.)

- (3) “O seu comprometimento em ser útil para as pessoas *realmente* conta e *realmente* ajuda.” (Ibidem, p.79.)
- (4) “Quer admitamos ou não, e *certamente* quer gostemos quer não, a vida é cheia de dificuldades.” (Ibidem, p.113.)
- (5) “*Tenho certeza de que* quando você entender a lógica que existe por trás, ela parecerá tão óbvia quanto a necessidade de comer ou dormir!” (Ibidem, p.143.)

Em relação aos modais lexicais epistêmicos orientados para os eventos, nas predicações, nota-se que expressam alto grau de certeza do enunciador sobre aquilo que diz. O principal recurso empregado pelo sujeito enunciador para esse tipo de qualificação epistêmica são as orações de cópula em que o sujeito é “a verdade” (Neves, 1996, p.181-2). Trata-se de uma qualificação epistêmica que indica que determinados eventos na vida adolescente ou que dizem respeito, principalmente, aos fatos que envolvem a vida das pessoas e ao seu comportamento são verdades e não somente possibilidades. Segundo Neves, na qualificação epistêmica de um estado de coisa,

este não se constrói na primeira pessoa, transferindo-se para fora do eixo enunciador-enunciatário, o que constitui poderoso recurso para sugerir distanciamento; com isso o falante, adquirindo foros de isenção, obtém dar maior autoridade a suas declarações. (Neves, 1996, p.181)

Esse resultado difere, portanto, das obras anteriores, em que os modais epistêmicos orientados ao evento expressavam, na maioria das ocorrências, a possibilidade dos eventos na vida do adolescente. Os exemplos da modalidade epistêmica nos enunciados dessa obra são:

- (6) “A *verdade* é que, por mais complicado que possa parecer, o fim dos namoros é parte essencial da vida, para todos nós.” (Carlson, 2001, p.32.)
- (7) “A *verdade* é que vou ser criticado, e você também.” (Ibidem, p.49.)
- (8) “Uma reconfortante *verdade* da vida, para ser sempre lembrada, é que quando uma porta se fecha, outra se abre.” (Ibidem, p.373.)
- (9) “A *verdade* é que temos muitos problemas e que alguns são muito sérios.” (Ibidem, p.355.)

Se a modalidade deôntica característica das obras de autoajuda não se destacava, em termos de frequência, nas obras anteriormente analisadas, na obra de Carlson é o tipo de modalidade que ocupa a primeira posição da categoria, em termos percentuais (38,5%). Trata-se, portanto, de um alto índice de enunciados modalizados deonticamente, imprimindo o tom de autoridade típico das obras de autoajuda mais tradicionais.

Com o emprego dos modais deônticos que expressam ordens e necessidades, o interlocutor fica rebaixado a uma posição inferior discursivamente, o que o impede de questionar essas orientações. A grande maioria dos modais deônticos empregados recai sobre os participantes dos eventos descritos nas predicções, que, na grande maioria dos casos, é o interlocutor da obra (*você*), ou seja, as ordens, as permissões, as proibições são direcionadas ao leitor e, em geral, não destacam a pertinência, a obrigatoriedade ou a necessidade de os eventos descritos se realizarem, mas a atitude dos adolescentes em fazê-los acontecer ou não. Dessa forma, justifica-se a alta frequência de verbos no imperativo encontrada na obra.

Mecanismos de atenuação da modalidade deôntica anteriormente verificados em outras obras (expressões de terceira pessoa, uso de *a gente*, *você* impessoal etc.) são pouco frequentes nessa obra, o que contribui, mais uma vez, para a aproximação com as obras de autoajuda mais tradicionais. Os exemplos a seguir ilustram ocorrências dos modais deônticos.

- (10) “*Você deve encarar esse exercício como uma verdadeira experiência de aprendizado, uma chance de ver alguma coisa nova sobre você mesmo e sobre seu comportamento.*” (Carlson, 2001, p.89.)
- (11) “*Só estou dizendo que você deve abrir seu coração e alargar seu círculo de amizades para nele incluir outras pessoas.*” (Ibidem, p.93.)
- (12) “*O que você tem de fazer é limpar sua mente e relaxar – mas, ao mesmo tempo, estar realmente presente com a outra pessoa.*” (Ibidem, p.261.)
- (13) “*Em vez de ficar se culpando, ou culpando os outros, ou as circunstâncias, ou a sua vida, pelo modo que está se sentindo, ponha pelo menos um pouco da culpa no seu devido lugar... no seu estado de espírito! Lembre que se estivesse com um humor melhor, estaria encarando as mesmas coisas de um jeito bem diferente.*” (Ibidem, p.101-2.)
- (14) “*Sorria para os adultos. Expresse um interesse sincero e entusiasmo por tudo que faz e demonstre curiosidade pelo que os outros estão fazendo.*” (Ibidem, p.125.)

Comparativamente às outras obras, o livro de Carlson apresenta algumas semelhanças no que diz respeito ao emprego de evidenciais e de modais facultativos. Observa-se, semelhantemente às obras anteriores, um número considerável de evidenciais. Na obra presente, há um relativo equilíbrio entre os evidenciais que têm o falante como fonte e os evidenciais que estão ligados às formas definidas de terceira pessoa. Na maioria das ocorrências desses evidenciais, o enunciador põe em jogo suas convicções e crenças para, na sequência, utilizar outras fontes para justificar suas observações sobre o que é dito a respeito dos momentos de estresse da vida adolescente. Por conseguinte, constrói-se para o enunciador uma imagem de experiente e conhecedor das atitudes humanas, do sábio que descreve situações e emoções que outras pessoas confirmam com relatos pessoais.

Por fim, as ocorrências de modais facultativos também são as menos numerosas dentre os tipos de modais encontrados. Entre-

tanto, nos enunciados em que são empregados, esses modais se relacionam mais particularmente à tese de que os adolescentes devem confiar nas próprias habilidades e potencialidades, ainda que não se sugira de forma recorrente que essa crença os ajudará a superar os momentos de estresse de suas vidas. É possível que tanto o baixo uso de modais facultativos em obras de autoajuda para adolescentes quanto a ausência da tese da necessidade de crer nos potenciais individuais para concretizar metas pessoais estejam relacionados ao fato de que os enunciadores parecem conscientes de que é justamente durante a adolescência que o processo de desenvolvimento dessas potencialidades e capacidades se inicia. Ou seja, ao contrário do que acontece com os adultos, não é fácil para os adolescentes reconhecerem suas habilidades e capacidades.

A maior parte do uso de facultativos na obra diz respeito às potencialidades e habilidades que os adolescentes devem desenvolver em momentos de tensão e estresse, identificando, para cada situação, o que o adolescente precisa ser capaz para enfrentar tais dificuldades. Trata-se, pois, da própria proposição de habilidades e capacidades a serem desenvolvidas pelos adolescentes que é tematizada nos enunciados com modais facultativos empregados pelo enunciador. A seguir, apresentam-se alguns enunciados que ilustram os empregos dos modais facultativos na obra.

- (15) “Para começar, hoje em dia se sabe que os adolescentes *podem* e realmente fazem uma grande diferença.” (Carlson, 2001, p.79.)
- (16) “*Será capaz de* relevar as coisas com mais facilidade, saberá quando recuar, poderá manter o seu senso de humor e se relacionar melhor com todo mundo, especialmente com você mesmo.” (Ibidem, p.99.)
- (17) “Estou me referindo a *ser capaz de* ir para longe de discussões e de conflitos que podem levar ao estresse, a uma dor de cabeça, à angústia, ansiedade ou controvérsias.” (Ibidem, p.135.)

- (18) “Esquecemos quantas vezes superamos obstáculos no passado e que *temos uma grande capacidade* de recuperação.” (Ibidem, p.163.)
- (19) “Mas você provavelmente *é capaz de* entender que, a menos que tenha consciência de que está pensando de forma negativa, e que seus pensamentos são pelo menos em parte responsáveis pelo que sente, então, realmente, você está sim praticando ser infeliz. [...] Se você *puder* se policiar para afastar os pensamentos negativos quando eles surgirem, então *poderá* sair de algum estado negativo muitas vezes simplesmente compreendendo [...]” (Ibidem, p.300-1.)

Glosas

Outro fenômeno enunciativo considerado na análise são as glosas. As glosas são fórmulas linguísticas de explicação do dizer (com funções de esclarecimento, de delimitação, de avaliação, de antecipação ou de correção de interpretações do que foi mencionado), que demarcam enunciativamente uma negociação com outros sentidos possíveis.

Segundo Authier-Revuz (1998), a glosa caracteriza-se por ser uma “modalidade enunciativa de desdobramento do dizer de X” e ela pode indicar, pelos comentários que o enunciador faz sobre sua própria enunciação, um distanciamento em relação ao interlocutor, uma inadequação em seu discurso de palavras (e também de sentidos) oriundas de outros discursos, um desvio entre as palavras e as coisas que representam. Como ressalta a autora, “aparece o problema do *sentido* ‘que não é óbvio’ para um elemento X do dizer, mostrado através de glosas que desdobram o dizer desse elemento pela explicitação aqui e agora do seu sentido” (Authier-Revuz, 1998, p.29.)

Ainda de acordo com a autora, na análise das formas linguísticas que permitem ao sujeito enunciador estabelecer um desdobramento de sentidos dos lexemas e dos processos interpretativos

que as caracterizam, a glosa pode exercer duas funções principais: a de fixar explicitamente um sentido e a de solicitar explicitamente uma pluralidade de sentidos. No primeiro caso, o enunciador pretende estabelecer qual o sentido previsto para uma determinada unidade de sua cadeia enunciativa em detrimento de outros possíveis sentidos que tal unidade possa vincular. No segundo caso, o enunciador demonstra enunciativamente a presença da não univocidade dos sentidos de um dizer, acolhendo, exibindo explicitamente a pluralidade de sentidos para uma determinada unidade.

Na obra em análise, as glosas não incidem sobre palavras, unidades lexicais, mas todo um conjunto anterior de enunciados. Elas exercem, principalmente, a primeira função a que se referiu Authier-Revuz (1998): o enunciador, dentre múltiplas interpretações possíveis para seus enunciados (especialmente sobre suas sugestões de comportamentos para os adolescentes), estabelece qual a mais adequada, qual é a leitura que previu como a mais pertinente para suas sugestões. Na maioria de suas ocorrências, as glosas vinculam-se ao que a autora denominou de “um dizer em acordo com uma intenção de dizer”: trata-se de registrar qual o sentido pretendido pelo enunciador para o que foi enunciado, para o que foi sugerido aos adolescentes.

Esse movimento de delimitação do dizer que caracteriza a enunciação apresenta-se, linguisticamente, por meio de estruturas linguísticas parafrásticas, tais como: *ou seja* e *em outras palavras*. Essas parafrases explicitam claramente uma tentativa de controlar o sentido. Nesse caso, ao explicitar o sentido “legítimo” estabelecido para o discurso, o sujeito enunciador procura assumir o controle sobre seu dizer, delimitando e sustentando-o em função apenas do que considera legítimo. Essa manobra, que silencia outros discursos, outros sentidos, pode ser considerada como um indício do tom doutrinário desse discurso, na medida em que é conferido aos enunciados um aspecto de lei ou estatuto a ser ensinado e não de um posicionamento discursivo do enunciador sobre os temas abordados (em especial, sobre tipos de comportamento agressivo, de estresse, de negatividade, de frustração dos adoles-

centes). Esse tipo de enunciado associa-se a um tom mais asseverativo, com o qual se expressam as afirmações. Como exemplos desse tipo de enunciado, seguem-se as ocorrências a seguir.

- (20) “Devo admitir que parece um pouco assustador no início, mas a única maneira de fazer isso é tendo humildade para reconhecer que pelo menos uma parte das coisas que você considera dramáticas não são tão ‘vida ou morte’, como às vezes você as encara. *Em outras palavras*, muitas vezes ficamos perturbados e aborrecidos com coisas que, pensando bem, não são tão sérias assim.” (Carlson, 2001, p. 56.)
- (21) “A vida exatamente igual e o mesmo conjunto de circunstâncias – os mesmos problemas, desafios, corpo, pais, dever de casa, brigas, professores, irmãos, e assim por diante – parecem bem diferentes, dependendo do seu estado de espírito. *Em outras palavras*, quando você se sente ‘desligado’, ou ‘na fossa’, a sua visão e o modo como vivencia tudo ficam prejudicados.” (Ibidem, p.100-1.)
- (22) “A grande maioria das pessoas reage a esse ‘baixo astral’ como se o que estivesse acontecendo fosse exatamente o que sentem. *Ou seja*, não percebem que estão deprimidas e que esse estado de espírito desvirtua sua visão das coisas.” (Ibidem, p.104.)
- (23) “É lógico que se você não consegue tratar nem mesmo das menores coisas com certo grau de paciência, objetividade e capacidade de manter a calma, então, à medida que o que está em jogo aumenta, as suas reações vão aumentando também. *Ou seja*, alguém que não sabe lidar com uma situação como um pouco de estática na tela da televisão – ou um brinquedo que não está no lugar – certamente não vai ser capaz de tratar de coisas maiores mais tarde, como ser abandonado pela namorada ou pelo namorado, criticado pelos colegas, ou tirar uma nota baixa numa prova importante.” (Ibidem, p.167-8.)

Os enunciados nos quais se empregam elementos parafrásticos adquirem um estatuto de naturalidade e não se caracterizam como

hipóteses ou teses do enunciador, pois são apresentados como conclusões lógicas do que se discutiu em enunciados anteriores. Essa naturalização do sentido dos enunciados explicativos registra, mais do que uma enunciação modalizada epistemicamente, que os únicos sentidos possíveis para determinados fatos e condutas são os explicados pelo enunciador. Dessa forma, o tom autoritário advindo de enunciados deonticamente modalizados ganha reforço com o estatuto doutrinário dessas formulações, já que elas imprimem, pelo uso de expressões parafrásticas, a assertividade necessária aos enunciados para que adquiram o estatuto de teses, silenciando outros sentidos, outros discursos.

Outro recurso que parece contribuir para a construção desse tom autoritário do discurso diz respeito ao emprego de orações negativas seguidas de orações afirmativas que as corrigem. Nesses casos, nota-se que o enunciador da obra nega determinadas leituras ou interpretações sobre suas declarações anteriores para, em sequência, explicitar o sentido legítimo de seu próprio discurso. Essa operação, tal como no caso das glosas, pode servir não para “dissipar uma dúvida real do destinatário”, mas para “simular retoricamente uma resposta a uma dúvida fictícia” (Authier-Revuz, 1998, p.56). Desse modo, o tom autoritário do discurso fica mais evidente, já que, com essa manobra, o sujeito enunciador antecipa possíveis objeções às suas afirmações, nega-as e determina quais são os sentidos corretos, adequados. Assim, o sujeito enunciador afasta sentidos outros que não os “pretendidos”, reforçando seu posicionamento discursivo e assumindo, momentaneamente, um suposto controle sobre outros discursos que poderiam emergir de seus enunciados. É essa nova tentativa de controle da voz dos outros discursos que realça o traço autoritário do sujeito enunciador, mais próximo do *ethos* discursivo do enunciador do discurso de autoajuda para adultos. A seguir, apresentam-se exemplos desses enunciados.

- (24) “Uma das formas mais poderosas e inspiradoras do despertar espiritual, e um caminho certo para a felicidade, é fazer as

pazes com seus erros. *Não estou falando* de aceitar essa sabedoria dizendo, da boca para fora, ‘É claro, eu sei disso, todo mundo erra’, e sim de fazer as pazes mesmo com o fato de que os erros não apenas são inevitáveis, mas também importantes.” (Carlson, 2001, p.71.)

- (25) “É quase impossível ser rígido demais com você mesmo (ou com qualquer outra pessoa) quando você compreende a importância dos erros no plano maior das coisas. Obviamente isso *não significa* que cometemos erros de propósito, ou que não fazemos o melhor possível para evitá-los – isso seria ridículo. E também não quer dizer que devemos tolerar ou gostar dos erros dos outros. De modo algum. O que estou sugerindo é que os erros são uma forma de aprender a dar um desconto ao nosso modo de pensar e agir. São eles que nos estimulam a mudar de direção e crescer como seres humanos.” (Ibidem, p.72.)
- (26) “Quando você estende a mão para alguém, especialmente para alguém que não tem um milhão de amigos, ou que pode ser um pouco solitário, isso demonstra que você é uma pessoa generosa, que enxerga além do que está ‘na moda’ no momento. [...] Por outro lado, centenas de pessoas me contaram que ser gentil com pessoas que precisavam de amigos proporcionou-lhes muita alegria e satisfação. Torcer pelo mais fraco *não quer dizer* sentir pena dele ou dela. Significa simplesmente que você reconhece que aquela pessoa ainda não foi abençoada – como você já deve ter sido – com a aprovação, o reconhecimento e a amizade alheia. Não estou sugerindo, de modo algum, que você pare de ser simpático com as pessoas populares. [...] Só estou dizendo que você deve abrir seu coração e alargar seu círculo de amizades para nele incluir outras pessoas.” (Ibidem, p.92-3.)
- (27) “Dá para imaginar como sua vida será mais fácil e quantas discussões, conflitos e problemas poderá evitar se não levar seu mau humor tão a sério – e quando não levar tão a sério as ideias que tem nessas fases de ‘baixo astral’? Quando você re-

conhecer que não está vendo as coisas direito naquele momento? *Não quero dizer* que você não tenha problemas de verdade. Você tem, sim. Estou simplesmente dizendo que vai encarar esses problemas de um modo bem diferente, dependendo do seu estado de espírito. E saber disso é um alívio enorme.” (Ibidem, p.101.)

- (28) “Quando você começa a entender o poder enganador do humor fica fácil não levá-lo tanto pelo lado pessoal. Você o vê como realmente é. Passa a compreender que as pessoas (todas), literalmente, não conseguem evitar! Não estamos querendo reagir assim, ser tão críticos; simplesmente acontece. [...] Isso *não significa* que você deva perdoar tudo que as pessoas dizem e fazem quando estão de ‘baixo astral’, que não deva considerá-las responsáveis, nem que deva deixar que façam você de gato e sapato. Apenas sugere que muitas vezes, quando alguém está dizendo ou fazendo alguma coisa que você não gosta ou não aprova, não tem absolutamente nada que ver com você, e tudo a ver com o estado de espírito daquela pessoa.” (Ibidem, p.104-6.)

Léxico

Em relação ao léxico empregado, verifica-se que, diferentemente das obras anteriores, a informalidade e o uso de expressões mais comumente utilizadas pelos jovens são pouco frequentes na obra. Também nota-se a inexistência de gírias e de palavras de baixo calão. O sujeito enunciativo, embora apresente uma linguagem “adequada” ao interlocutor (que não é incompreensível para um jovem), não emprega as mesmas expressões informais ou mais típicas dos indivíduos da faixa etária juvenil. Assim, ele distancia-se do padrão de linguagem do jovem e não faz uso desse recurso para aproximar-se do interlocutor.

Por outro lado, o emprego de itens lexicais como *segredo*, *truque*, *remédio*, *ingrediente*, *filosofia*, *estratégia*, empregados espe-

cialmente na posição de tópico do enunciado, reforçam o caráter dogmático do discurso, pois os enunciados são apresentados como revelações de um conhecimento especial para o adolescente resolver determinados empecilhos de sua vida de estresse. Adiante, seguem alguns exemplos.

- (29) “Essa *estratégia* foi um dos recursos determinantes do meu crescimento e desenvolvimento como ser humano.” (Carlson, 2001, p.89.)
- (30) “Na minha opinião, um dos *ingredientes* mais importantes de uma vida feliz, cheia de realizações e sucesso é a compreensão dos humores.” (Ibidem, p.99.)
- (31) “O *segredo* é aprender a tomar decisões sem se basear numa necessidade fútil de fazer tudo diferente, mas no que você honesta e objetivamente sabe que é verdade... para você.” (Ibidem, p.352.)
- (32) “Essa *filosofia* tem me ajudado a enfrentar os diversos períodos de transição e as muitas decepções na minha vida, dando-me paz.” (Ibidem, p.374.)
- (33) “O *truque*, claro, é avaliar corretamente o grau de importância de qualquer batalha em potencial.” (Ibidem, p.69.)

Na próxima seção, analisam-se os procedimentos que caracterizam o modo de organização discursivo da obra como argumentativa ou persuasiva, conforme proposta de Charaudeau (2010b).

Procedimentos argumentativos

Para analisar aspectos argumentativos da obra em questão consideram-se as reflexões de Charaudeau (2010b) sobre o tema. A esse respeito, algumas ressalvas são necessárias, especificamente por causa das possíveis incompatibilidades teóricas que uma abordagem argumentativa poderia acarretar para uma análise baseada na AD.

Charaudeau (2010b) analisa os modos de organização dos textos. Segundo o autor, esses modos de organização constituem-se por “princípios de organização da materialidade linguística”, ou seja, por procedimentos de utilização de categorias linguísticas selecionadas e combinadas em função das finalidades discursivas de um texto. Cada um dos modos apresenta uma lógica de organização do mundo e uma organização de sua encenação, esta última compreendida pelo autor como um componente em que se especifica:

- a) a identidade tanto do sujeito falante (enquanto ser social e psicológico externo à enunciação) quanto do sujeito enunciator (enquanto protagonista da enunciação, interno ao ato de linguagem);
- b) a imagem que se tem do sujeito receptor (correspondente ao sujeito falante) e do sujeito destinatário (correspondente ao sujeito enunciator) e
- c) a imagem do que está sendo dito.

Desse modo, há o modo de organização narrativo, o descritivo e o argumentativo. Embora os textos combinem diferentemente os variados modos de organização, há, em geral, a predominância de um modo sobre os outros.

Essa predominância é determinada, segundo o ponto de vista assumido neste livro, por um modo de enunciação típico ou característico de uma dada formação discursiva e não por uma finalidade comunicativa, o que implicaria uma concepção de sujeito tal como pressuposta, por exemplo, na Pragmática, incompatível com a perspectiva discursiva aqui adotada. Assim, são as restrições enunciativas de um discurso que delimitam os traços pertinentes para a organização discursiva dos textos (e para sua encenação) em diferentes modos ou tipologias textuais.

Pelo exposto, entende-se que a argumentação não é identificada como um processo individual de escolha por um sujeito enunciator sobre as categorias linguísticas referentes à argumentatividade de um

texto, mas um modo de organização discursivo (ou textual) delimitado pelos traços típicos do modo de enunciação de um determinado posicionamento discursivo ou de uma cena de enunciação legítima para esse posicionamento. Assim, pretende-se analisar como o modo de organização preponderantemente argumentativo relaciona-se a um modo específico de enunciação que, por sua vez, produz consequências para a análise da cenografia e do *ethos* do enunciador.

Sobre o modo de organização argumentativo, destacam-se as seguintes considerações de Charaudeau (2010b) para a análise do *ethos* e da cenografia: os elementos de base da argumentação, os componentes da encenação argumentativa, os escopos do valor de verdade da argumentação, seus tipos de configuração da argumentação e os procedimentos semânticos (domínios semânticos de avaliação) e discursivos (mais propriamente textuais) da encenação argumentativa.

Sobre o modo argumentativo, Charaudeau (2010b) trata seus componentes organizando-os em função da lógica argumentativa e da encenação argumentativa. No que concerne à organização da lógica argumentativa, seus elementos de base são: a asserção de partida, a asserção de chegada e a asserção de passagem. Em relação à primeira, trata-se de um dado dizer sobre o mundo de modo que por meio dele se dê a existência de seres, a atribuição de suas características e a descrição de suas ações ou feitos. Em outras palavras, refere-se a determinada proposta sobre o mundo. Charaudeau (2010b) identifica a asserção de partida como o dado ou a premissa a ser questionada e justificada pela argumentação.

A asserção de chegada, por outro lado, indica aquilo “que deve ser aceito em decorrência da asserção de partida (A1) em decorrência da relação que une uma à outra”. Ou seja, trata-se da afirmação que deve ser aceita como verdade, válida ou legítima pelo outro a quem se dirige o sujeito que argumenta.

As asserções de passagens são formadas por enunciados que justificam a relação das asserções de partida e de chegada e, segundo Charaudeau (2010b), formam “um universo de crença sobre a maneira como os fatos se determinam mutuamente na expe-

riência ou no conhecimento de mundo”. Esse universo de crença é determinado, segundo uma perspectiva discursiva, pelas formações discursivas às quais os sujeitos se identificam e às formações ideológicas que as sustentam. Essas asserções de passagem são as provas, as inferências ou os argumentos que informam sobre as relações de causalidade entre as duas primeiras asserções.

Os escopos do valor de verdade das asserções podem ser diferenciados como *genéricos* (válidos para inúmeros casos em que ocorre a relação da asserção de partida com a asserção de chegada), *particulares* (a relação entre as asserções de partida e de chegada limitam-se a situações específicas) ou *hipotéticos* (a relação entre as asserções depende do grau de existência da asserção de partida).

Como elementos que compõem o dispositivo argumentativo básico (o contrato de fala pressuposto nesse modo de organização discursiva), estão uma *proposta* (uma tese), uma *proposição* (referente à tomada de posição do sujeito sobre a proposta de mundo colocada em questionamento: acordo ou desacordo com a tese questionada ou ainda uma neutralidade em relação a esta, ponderando os seus prós e os contras) e um *ato de persuasão* (consiste na justificativa, refutação ou ponderação do ponto de vista em questão).

Charaudeau (2010b) especifica, ainda, os diversos tipos de configuração de um processo argumentativo: os que se referem à situação de troca monologal ou à situação de troca dialogal. Na situação de troca monologal, um mesmo sujeito oferece uma proposta a ser questionada, constrói a proposição que sustenta seu ponto de vista sobre a tese em questão e desenvolve os processos de persuasão. Na situação de troca dialogal, são as réplicas da troca linguageira que desenvolvem os componentes da proposta, proposição e persuasão do texto.

Por fim, Charaudeau (2010b) classifica os procedimentos semânticos e discursivos que contribuem na produção de argumentos. No caso dos procedimentos semânticos, eles “consistem em utilizar um argumento que se fundamenta num consenso social pelo fato de que os membros de um grupo sociocultural comparti-

lham determinados valores, em determinados domínios de avaliação”. Esse consenso de formações sociais é proporcionado pela identificação dos sujeitos às formações discursivas que reúnem os valores sociais por eles partilhados. Os domínios de avaliação dos argumentos que agrupam critérios e valores para sua legitimação são: o da *verdade* (refere-se ao domínio que identifica, em termos de verdadeiro ou falso, a existência de seres, sua autenticidade e sua unicidade e o âmbito de saber como princípio de explicação dos fenômenos do mundo), o do *estético* (a avaliação dos seres, suas representações ou seus objetos ocorre em termos de belo e feio), o do *ético* (os comportamentos humanos são definidos em termos de bem ou mal em relação a uma moral determinada pelas regras do consenso social ou em relação a uma moral determinada pelas regras de conduta do próprio indivíduo), o do *hedônico* (que identifica os sentidos dos sujeitos em relação aos projetos e ações como agradável ou desagradável) e o do *pragmático* (que avalia, mediante um cálculo, a utilidade ou não de projetos e ações humanas).

Os procedimentos discursivos, por outro lado, identificam-se pelos usos sistemáticos de certas categorias linguísticas para a produção dos efeitos de persuasão dos textos. Charaudeau (2010b) destaca os seguintes: a *definição*, a *comparação*, a *citação*, a *descrição narrativa* e o *questionamento*.

A definição tem como objetivo a descrição de traços semânticos que caracterizam seres, objetos, ações, palavras, emoções, entre outros. Embora também seja um procedimento linguístico utilizado para a construção do modo de organização descritivo, é o uso estratégico que a identifica como um procedimento argumentativo. A definição com fins argumentativos auxilia na produção de efeitos de evidência e de saber para o indivíduo que a utiliza em sua argumentação. Ela é subdividida por Charaudeau (2010b) em dois tipos principais: a definição de um ser (por meio de distinções de sentido em torno de uma noção, de recurso à propriedade dos termos ou de falsa tautologia) e a definição de comportamentos.

A comparação focaliza a relação de similaridade e de diferença entre as entidades envolvidas (na comparação qualitativa) ou foca-

liza a relação de quantidade ou de gradualidade de propriedades entre elas (na comparação quantitativa). Segundo o autor, o recurso à comparação visa reforçar uma evidência, produzindo um efeito pedagógico ao buscar melhorar o processo de compreensão de um dado fenômeno.

A descrição narrativa refere-se ao processo de descrever fatos para reforçar provas ou produzi-las. Como efeito, ela funciona como exemplificação dos argumentos selecionados.

Outro procedimento discursivo analisado por Charaudeau (2010b) é a citação. Como fenômeno do que se denomina de discurso relatado, a citação relaciona-se à referência mais fiel possível aos dizeres de outros sujeitos para conferir à argumentação traços de autenticidade. A citação visa ser a fonte de verdade, o testemunho de um dizer (destaca as próprias declarações de outra fonte para constatar ou comprovar algo), de uma experiência (destaca o que alguém declara sobre o que vivenciou ou experienciou) ou de um saber (destaca o que se conhece em um determinado quadro científico ou o que diz uma voz de autoridade).

O último procedimento discursivo de argumentação descrito por Charaudeau (2010b) é o questionamento, que busca produzir validação de uma hipótese. O questionamento, como procedimento argumentativo, exerce as seguintes funções: de incitação a fazer (solicita uma solução para uma lacuna a ser preenchida da tese colocada em discussão), de proposta de uma escolha (solicita a decisão do interlocutor sobre uma oferta que lhe é feita), de verificação do saber (mostra o que o sujeito argumentante sabe e assegura a sua superioridade, em relação a um quadro de conhecimento, sobre aquele a que se dirige o questionamento), de provocação (revela uma apreciação do sujeito argumentante sobre o questionado, colocando em causa o estatuto deste, forçando-o a uma resposta) e de denegação (propõe um argumento que já será rejeitado, ao colocá-lo sob a forma como é apresentada a questão).

A obra em análise apresenta-se organizada em cem capítulos e cada um deles indica um dos passos que o enunciador propõe para a superação, pelos adolescentes, dos momentos de estresse de suas

vidas. Não se trata, nessa obra, de especificar dicas ou modos de enfrentamento dos dilemas que são próprios aos adolescentes, os problemas específicos dessa fase da vida, embora seja a eles direcionada. A enunciação é fundamentalmente argumentativa, já que o enunciador apresenta seus enunciados de forma a tentar convencer o seu jovem leitor da utilidade e da validade das sugestões mencionadas no alcance de uma vida mais tranquila.

Cada capítulo parte da premissa de que a adoção de cada sugestão do enunciador será válida para o enfrentamento de momentos de estresse. Ou seja, a asserção de partida de cada capítulo é a de que adotar determinada conduta evita o estresse. As asserções de transição que compõem os argumentos do texto evidenciam ou definem os benefícios de comportamentos associados à asserção de partida ou indicam os malefícios da adoção de comportamentos contrários às sugestões propostas nos capítulos. A asserção de chegada implica a necessidade ou a obrigatoriedade da adoção das sugestões mencionadas pelo enunciador para a resolução de situações de estresse pelos adolescentes, descartando outros tipos de conduta que poderiam agravá-las.

Os argumentos pelos quais o enunciador justifica suas dicas ressaltam as implicações psicológicas e sociais dos comportamentos mencionados, sejam eles os que o enunciador considera adequados, sejam os que ele considera inadequados, inapropriados. Esses comportamentos também são avaliados, principalmente, considerando-se a utilidade ou inutilidade, ou seja, as consequências ou resultados que trazem para a vida do adolescente, no domínio semântico pragmático (o tipo mais recorrente na obra); considerando-se a obediência ou não às regras de conduta oriundas de um consenso social, ou seja, no domínio semântico do ético e considerando-se as sensações de bem-estar ou mal-estar acarretadas por tais comportamentos, ou seja, no domínio semântico do hedônico.

O enunciador também simula, enunciativamente, uma situação de troca dialogal, em que expressa pontos de vista distintos dos seus, que poderiam ser argumentos dos adolescentes contrários às suas afirmações, encenando, desse modo, um diálogo com seu

público leitor. O contrato de comunicação estabelecido na enunciação é explícito: as sugestões do enunciador constituem as propostas da argumentação, seus argumentos favoráveis a sua adoção compõem a proposição e os procedimentos discursivos de justificação dos argumentos favoráveis e de refutação dos argumentos contrários, o quadro de persuasão.

Como já observado, portanto, em relação às propostas, o sujeito enunciador será sempre favorável e adotará um posicionamento engajado na defesa ou no julgamento dos argumentos colocados em causa a favor das dicas e sugestões que propõe aos adolescentes sobre como controlar suas emoções em momentos de estresse. A validade das dicas e sugestões do enunciador ou o escopo de seu valor de verdade é, na grande maioria dos casos, genérica, ou seja, os passos para uma vida tranquila para os adolescentes aplicam-se a inúmeras situações da vida, em relação a inúmeros relacionamentos que estabelecem ao longo da adolescência, a diversos setores de sua vida.

Em relação ao processo de persuasão do público adolescente, o enunciador apresenta, entre os procedimentos discursivos mais recorrentes, as definições de comportamento, comparações qualitativas, citações de experiência e os questionamentos de denegação.

Na obra em análise, essencialmente orientada para a condução de atitudes que os jovens devem adotar para enfrentar as situações de estresse do cotidiano, as definições de comportamentos são o principal recurso argumentativo. Através das qualificações das consequências dos comportamentos definidos (o que já implica a adoção de um dado ponto de vista associado à formação discursiva da autoajuda), o enunciador conduz o enunciatário para a avaliação do que é adequado ou não para as situações de estresse que o atingem. Especificamente, as condutas relacionadas aos passos sugeridos pelo enunciador apresentam definições de comportamentos e listam suas vantagens. Outros comportamentos que não se relacionam a essas dicas são considerados maléficos ao indivíduo, tanto em termos psicológicos quanto emocionais e sociais. Como exemplos dessas definições, seguem-se estes enunciados:

- (34) “Sempre que você toma uma decisão ética, oferece seu apoio, opta pela honestidade ou estende a mão para alguém, você faz a diferença. Sempre que é educado, que recolhe o lixo, ou manda um cartão de agradecimento para alguém, você faz a diferença.” (Carlson, 2001, p.29.)
- (35) “Costumo definir a angústia do trabalho completo como uma tendência a não completar as coisas, provavelmente por provocar uma certa angústia ou desconforto. É uma maneira de ‘quase’ terminar as coisas, mas não chegar ao fim [...]” (Ibidem, p.159.)
- (36) “Uma das coisas mais fáceis do mundo é ser um descobridor de erros. Como o nome sugere, essa é a tendência quase universal de estar sempre alerta, pensando nisso e constantemente apontando as falhas e imperfeições dos outros, da sociedade, do mundo e as suas também.” (Ibidem, p.61.)

No que diz respeito às comparações, o que se verifica é o uso de comparações qualitativas, que enfocam especialmente semelhanças e diferenças entre comportamentos em diferentes situações de estresse ou semelhanças entre estes e comportamentos outros do cotidiano. No primeiro tipo, comparam-se as vantagens dos comportamentos não agressivos às desvantagens dos comportamentos agressivos em situação de nervosismo. Tais comparações valem como modelos de condutas que os adolescentes devem seguir em momentos de estresse considerando-se outros fatos do mundo. Para exemplificar esse procedimento, apresentam-se as seguintes ocorrências:

- (37) “Não vomite nos seus amigos! [...] No entanto, é interessante considerar o que muitos de nós são tentados a fazer quando têm o equivalente emocional da indisposição estomacal – quando estamos desnorteados, caímos em depressão e ficamos perdidos emocionalmente. Em vez de manter distância para não contagiar os outros, como certamente fazemos quando estamos doentes, às vezes agredimos as pessoas que

conhecemos – amigos, nossos pais e outros – com nossas lamentações.” (Carlson, 2001, p.23.)

- (38) “Você é o carpinteiro. Cada dia você martela um prego, prende uma tábua, ou levanta uma parede. As suas atitudes e as escolhas que você faz *hoje* constroem a “casa” na qual você vai morar amanhã.” (Ibidem, p.224.)
- (39) “Se o seu objetivo é criar um monte de estresse em sua vida, sugiro que queime quantas pontes puder pelo caminho. Queimar pontes significa interagir com as pessoas de modo a garantir que elas nunca mais possam gostar de você e nunca mais queiram ter alguma coisa que ver com você. É como fechar uma porta para sempre. Uma ponte representa a ligação entre você e o outro lado. Se queimasse uma ponte, estaria eliminando um meio de atravessar. Da mesma forma, quando você queima uma ‘ponte humana’, está destruindo a sua ligação com outra pessoa, muitas vezes para sempre.” (Ibidem, p.247.)

Outro tipo de procedimento argumentativo encontrado, as citações (que visam atribuir um efeito de autenticidade aos argumentos do próprio enunciador) apresentam-se na obra em duas formas: citação de dizer e citação de experiência (Charaudeau, 2010b, p.240). A primeira forma tem como objetivo, segundo Charaudeau (2010b), “provar a veracidade de alguma coisa, para constatá-la, ou para destacar sua exatidão”. Porém ela é muito menos frequente que a citação de experiência, que destaca testemunhos dos pacientes do autor da obra sobre a adoção dos comportamentos propostos por ele nas terapias que realizavam. O enunciador, a instância enunciativa interna ao ato de linguagem, cita experiências de pacientes a fim de comprovar as consequências positivas de suas sugestões, muito embora as citações não sejam exatamente por meio de depoimentos em discurso direto e sim análises do enunciador sobre os testemunhos desses pacientes, o que pode acarretar um direcionamento do enunciador para determinados pontos,

uma “interferência” deste na interpretação do enunciatário sobre o que de fato foi experienciado pelos pacientes. Tais testemunhos, que reafirmam as fórmulas do enunciador, tratam das consequências e das utilidades dessas orientações para as vidas desses pacientes. A seguir estão exemplos dessas ocorrências.

- (40) “Segundo a opinião das duas, essa única mudança na comunicação entre elas teve um papel determinante no relacionamento. Estimulou-as a ouvir o que a outra dizia com atenção e a aprender uma com a outra.” (Carlson, 2001, p.40.)
- (41) “Adolescentes de todo mundo me escreveram me dizendo que essa ideia foi muito útil para eles. [...] Vários disseram que escrever livrou-os de uma fossa ou de um mau humor. Quase todos afirmaram que essa prática se transformou numa parte bem-vinda e constante da vida deles, que fez com que sentissem melhor praticamente o tempo todo.” (Ibidem, p.119.)
- (42) “Fiquei muito impressionado com um grupo de adolescentes que conheci no Alabama. Pedi que me contassem como haviam expressado sua generosidade. Vários responderam que era divertido e fácil, além de tremendamente gratificante, ajudar alguém com o dever de casa, ou um exercício, ensinando alguma coisa, ou ajudar alguém a sair de uma enrascada – todas ótimas ideias.” (Ibidem, p.128.)

Assim como as citações de experiência, descrições narrativas encontradas na obra também têm papel argumentativo. Segundo Charaudeau (2010b), tal procedimento produz efeito de exemplificação aos argumentos utilizados, reforçando ou produzindo uma prova. Seja para ressaltar um comportamento tido como benéfico pelo enunciador, seja para descrever consequências maléficas de comportamentos contrários aos propostos pelo enunciador, tais narrativas são sempre comentadas pela ótica do enunciador, reforçando o traço persuasivo desse mecanismo. O enunciador descreve fatos em que indica tanto atitudes consideradas nocivas aos adoles-

centes quanto atitudes positivas, que busca reforçar como modelos de conduta. Todos os exemplos descritos são dos próprios adolescentes, o que visa aproximar o público das situações narradas.

Por fim, como último recurso discursivo encontrado na obra está o questionamento de denegação. Esse tipo de pergunta implica, em sua própria formulação, uma resposta que o enunciador pressupõe como correta ou ainda uma desqualificação de um argumento, colocando em questão as razões de determinados comportamentos por parte dos adolescentes em situações de estresse. Trata-se de perguntas com função retórica.

Segundo Fontes (2012), nesse tipo de pergunta, “o falante não necessariamente busca uma informação nova no conhecimento de seu ouvinte, mas se utiliza da estrutura interrogativa como um mecanismo argumentativamente saliente de se transmitir uma informação nova ao ouvinte” (Fontes, 2012, p.99).

Assim, o enunciador avalia e declara (ainda que manifeste tais convicções como perguntas) que não há motivos suficientes que poderiam conduzir a tais atitudes. O enunciador orienta os adolescentes desmotivando-os a adotar comportamentos de raiva, de negativismo, de frustração e de decepção, o que faz indiretamente, por meio de perguntas e não por meio de afirmações, que poderiam soar muito autoritárias e impositivas, ao mesmo tempo em que simula um diálogo com seu público.

O que parece mais evidente no que diz respeito ao emprego dessas perguntas é o fato de que, nas suas formulações, o enunciador não abre espaço para outros sentidos ou “respostas” possíveis para as questões. O enunciador desse tipo de interrogativa não apresenta, em seu modo de enunciar, diferentes soluções ou possibilidades de interpretações dos fatos colocados em questão, que não as suas próprias, ainda que ele promova certo tipo de diálogo com quem o lê ou ouve, através de um simulacro de interação que se instaura mediante o uso desse tipo de recurso. Nota-se, então, que este simulacro de diálogo é uma tentativa de atenuar o tom autoritário do discurso.

Ainda que faça referência a outras possibilidades de conduta, o direcionamento para a adoção do que considera válido demonstra, mais uma vez, a conduta mais impositiva e orientadora do enunciador. Por conseguinte, nas ocorrências a seguir, encontradas na obra em análise, verifica-se um modo de enunciação que escamoteia o autoritarismo do enunciador, mas que não o apaga por completo de seus enunciados.

- (43) “Mas para que ficar nervoso e frustrado com coisas que não pode controlar?” (Carlson, 2001, p.49.)
- (44) “Por que você ia querer estar envolvido? Por que ia querer se misturar com alguém assim?” (Ibidem, p.66.)
- (45) “E quem precisa disso? [...] Afinal de contas, quem quer estar com alguém que está sempre discutindo, que alimenta conflitos, alguém que raramente consegue deixar passar qualquer coisa?” (Ibidem, p.68.)
- (46) “Por que não gastar menos tempo e energia desejando estar em outro lugar e mais fazendo de cada dia o máximo que pode ser?” (Ibidem, p.258.)
- (47) “Por que incluir pensamentos negativos, de raiva, de derrotismo ou de frustração na mistura, se você sabe, tem certeza absoluta, que o resultado serão sentimentos estragados?” (Ibidem, p.329.)

Considerações sobre a cenografia e o *ethos* da obra em análise

O *ethos* discursivo presente na obra destaca-se por uma aproximação do *ethos* do discurso de autoajuda para adultos relativo à temática do sucesso profissional e/ou financeiro. Trata-se de uma obra adaptada de uma versão para adultos, o que pode justificar tal aproximação com o discurso de autoajuda para adultos. Tal como constatado por Brunelli (2004), o enunciador dessa obra manifesta

em seus enunciados um tom bastante presente nesse tipo de discurso: o tom autoritário.

Pelo uso mais frequente de modais deônticos orientados aos participantes e o emprego de glosas, constata-se a presença de um sujeito enunciator autoritário e controlador, que instaura leis e princípios a serem seguidos, que direciona os sentidos e avaliações do público adolescente sobre quais comportamentos são adequados ou não, que restringe as interpretações de seu dizer pelo público. Esse enunciator também enuncia de forma persuasiva para que convença e não simplesmente faça seu enunciatário compreender o que está sendo debatido. Ele se afasta do enunciator característico das outras obras analisadas na medida em que o didatismo cede lugar a um tom mais impositivo e autoritário.

No modo de enunciação dessa obra, não se trata de explicar modos de condutas, temas próprios da adolescência, direcionados a uma autoavaliação, um autoconhecimento de si mesmo, mas de persuadir o adolescente de que as técnicas oferecidas pelo enunciator para o combate de comportamentos agressivos são as mais eficientes, as mais adequadas. O enunciator instaura com o enunciatário uma relação de publicitário e consumidor: para que o adolescente “compre” seu produto (suas dicas e sugestões de autocontrole emocional), ele precisa ser persuadido de que esse produto é o melhor do “mercado”, que apresenta as melhores condições para satisfazer suas necessidades, nesse caso, emocionais.

A estrutura argumentativa da enunciação apresenta, explicitamente, em cada capítulo da obra, seus componentes lógicos básicos: (i) uma proposta sobre o mundo, no caso, a de que as dicas e sugestões de comportamento do sujeito enunciator auxiliam no combate ao estresse; (ii) uma proposição, determinando a tomada de posição favorável do sujeito enunciator em relação aos passos e sugestões oferecidas por ele para o combate ao estresse pelos adolescentes e contrária a outros tipos de comportamentos; e (iii) um quadro de persuasão, composto de argumentos favoráveis às dicas e desfavoráveis aos comportamentos contrários ou diferentes aos propostos.

Essa forte correlação da enunciação com a estrutura argumentativa indica o comprometimento do enunciador em convencer o público adolescente de que, se ele deseja alcançar uma vida mais tranquila e menos estressada, a resolução para seus problemas encontra-se exatamente naqueles passos que lhe são oferecidos pelo enunciador. Dessa forma, definir comportamentos aceitáveis ou não nas situações de estresse, comparar benefícios e malefícios de diferentes atitudes perante momentos de estresse, citar experiências de outras pessoas em relação à adoção de determinados condutas são mecanismos de persuasão que visam mostrar o engajamento do enunciador em fazer com que seu interlocutor, o público adolescente, escolha suas dicas, suas propostas e suas sugestões de condutas de combate ao estresse e não outras.

Além disso, o enunciador mostra suas habilidades e potencialidades como avaliador desses comportamentos, em função de uma capacidade, de um saber ou de uma experiência de observação e teorização sobre o comportamento humano, e como orientador do público adolescente na resolução de situações de nervosismo. Suas dicas e sugestões compõem o “produto” que o enunciador tem a oferecer aos adolescentes: ou seja, nota-se que há, entre enunciador e interlocutores, praticamente uma relação de consumo.

Assim, o enunciador, como um “publicitário” ou “vendedor” de um serviço, indica as qualidades de seus produtos, salienta os problemas de seus “concorrentes” (que são, no caso, os comportamentos considerados inadequados pelo enunciador), compara os prós e os contras, relata as experiências de outros “consumidores” tanto no que diz respeito ao seu “produto” como no que diz respeito ao “outro”, numa relação direta com seus “clientes”.

Essa relação direta entre enunciador e enunciatário justifica, portanto, a configuração enunciativa que simula uma situação de troca dialogal entre eles. O enunciador dirige-se, tal como nas propagandas e nas situações de vendas, diretamente ao público, no caso, o jovem. Considerando-se que o discurso de autoajuda, por meio de suas fórmulas, deve promover uma mudança de comportamento de seu público, pode-se dizer que o enunciador da obra em

análise adota uma enunciação característica de um “publicitário” ou “vendedor” de um produto ou serviço simultaneamente a uma enunciação típica de um orientador e de um experiente e sábio avaliador do comportamento e das emoções humanas, estabelecendo um lugar social legítimo que lhe autorize determinar os critérios para tal avaliação e orientação.

No que se refere aos domínios semânticos a que se vinculam os argumentos selecionados pelo enunciador, o domínio do pragmático (que estabelece os valores de utilidade/benefício ou inutilidade/malefício dos comportamentos em momentos de estresse) como o mais recorrente indica, mais uma vez, a relação do enunciador com seu papel de “vendedor” de um serviço para seu “cliente” jovem, já que valoriza seu “produto” (suas dicas e sugestões), apresentando-o como o mais pertinente e mais eficaz.

A amplitude da utilidade das fórmulas apresentadas também aparece como um procedimento para valorizá-las, já que a validade do “produto” oferecido é associada a inúmeras situações de estresse, a vários tipos de relacionamentos sociais, a inúmeros setores da vida do adolescente. Dessa forma, o enunciador valoriza o produto, destacando a aplicabilidade de suas dicas e sugestões a inúmeros casos de estresse que o seu público poderá enfrentar.

Por outro lado, o uso de questionamentos de denegação, em que um argumento é antecipadamente excluído, evidencia o tom autoritário do discurso, já que o discurso descarta a possibilidade de considerar esse argumento como válido, e impõe ao adolescente uma única opção de comportamento. Embora simule uma interação com o ponto de vista do jovem, o enunciador, por meio desse artifício, descarta a legitimidade de certos comportamentos que o adolescente poderia adotar em situações de estresse, desqualificando-os.

Por conseguinte, a obra analisada aproxima-se em alguns aspectos do *ethos* típico do discurso de autoajuda de outras vertentes, especificamente pelo autoritarismo e pelo estatuto de saber diferenciado do enunciador em relação ao público. O enunciador manifesta-se, também, como um publicitário, um vendedor de suas

fórmulas e dicas, enunciando em defesa da sua adoção por parte do público.

Assim, a cenografia instaurada nessa obra, fundamentalmente argumentativa, diferencia-se das obras anteriores, em que seus enunciadores adotavam um modo de enunciação mais didático, informativo e expositivo. Trata-se de convencer o público da utilidade de um produto oferecido pelo enunciador (suas estratégias de bem-estar emocional) e não de explicar ou esclarecer o público jovem sobre os tópicos da adolescência e da vida. Ao enunciatário adolescente cabe o papel de consumidor das técnicas formuladas pelo enunciador, e não o de aprendiz, de ser em conflito, angustiado, inseguro, imagem típica tanto das cenografias das demais obras de autoajuda quanto da própria adolescência, principalmente segundo o discurso da Psicologia do Desenvolvimento.

Na medida em que tais técnicas poderiam, indiferentemente, ser adotadas por pessoas de diferentes idades por não explicitarem uma especificidade delas para o público jovem, o enunciatário não é qualificado necessariamente como jovem, com todos seus conflitos, problemas, inseguranças e angústias, a não ser pelos exemplos de situação de estresse específicos dessa fase citados pelo enunciador. Assim, embora a obra se destine a adolescentes, não é como adolescente que esse enunciatário assume seu papel nessa cenografia (aquele que busca uma autocompreensão, como nas obras anteriores): o enunciatário é o potencial consumidor e beneficiário das sugestões “compradas” de seu enunciador.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste livro, analisou-se a cenografia e o *ethos* de quatro obras de autoajuda para adolescentes que circulam atualmente no mercado editorial brasileiro.

Na análise da primeira obra, constatou-se uma cenografia caracterizada pelo diálogo entre dois adultos a respeito de suas experiências, sentimentos e opiniões sobre sua própria adolescência, bem como sobre essa etapa de vida para os jovens de hoje.

Trata-se de uma cenografia em que os dois enunciadores estabelecem entre si (e também entre eles e seu público) uma relação mais próxima e íntima, na medida em que se configura uma cena de interação informal entre dois amigos que trocam experiências, que confidenciam entre si vivências particulares e observações de suas próprias adolescências, pela ótica de quem as vivenciou e não apenas da perspectiva de quem estudou ou se especializou na temática adolescente. Dessa maneira, há uma aproximação dos enunciadores com o seu enunciatário, uma vez que tal cenografia e tal tipo de interação entre os enunciadores indicam que compreendem o que os jovens experienciam pelo fato de terem vivenciado situações semelhantes.

A cena de enunciação dessa obra dilui o tom autoritário do discurso de autoajuda voltado ao público adulto, estabelecendo entre

o enunciador e o enunciatário, isto é, o público adolescente, uma relação hierárquica menos evidente, ou seja, uma relação menos assimétrica entre eles. Em relação ao adolescente, cabe salientar que não é caracterizado como um ser rebelde, que quebra padrões de comportamento. Ele é um indivíduo inseguro e angustiado que busca compreender a fase que vive, através de experiências de outras pessoas, e não de um guia que determine autoritariamente seus comportamentos, tal como ocorre nas obras de autoajuda mais tradicionais.

Essa imagem de jovem se aproxima daquela caracterizada pelo discurso da Psicologia do Desenvolvimento, segundo a qual o jovem se afasta de modelos de autoritarismo, como o dos pais, por exemplo, considerando-se que nessa etapa os jovens procuram se emancipar dos indivíduos adultos, tomando suas próprias decisões.

Em relação à segunda obra analisada, a cenografia apresenta como principal característica a combinação de gêneros, o que se assemelha às cenografias de almanaques e revistas juvenis. A obra compõe-se de listas, histórias em quadrinhos, depoimentos, testes etc.

Essa associação de gêneros implica distintas funções para a obra em questão, como a de instrução (mais prototípica do discurso de autoajuda), a de informação e a de entretenimento. Assim, alguns dos gêneros associados, como testes e histórias em quadrinhos, implicam, tal como na primeira obra, uma relação menos hierárquica entre enunciador e público jovem, além de uma diluição do tom autoritário e impositivo das obras de autoajuda.

Muito embora haja essa aproximação do tom enunciativo assumido na cenografia dessa obra com a anterior, o livro de Iacocca e Iacocca (2008) distancia-se do de Bauer e Francine (2005) porque ainda mantém um estatuto diferenciado de saber entre enunciador e público.

Se, em Bouer e Francine (2005), o *ethos* de seus enunciadores é o de amigos, de pessoas íntimas e próximas, de pessoas confiantes, em Iacocca e Iacocca (2008), o *ethos* discursivo é o de um sujeito divulgador de fatos e conhecimentos, ou, como já dito, o de

um professor, de um jornalista, que cumpre o papel de instruir, informar e entreter na cenografia de almanaque juvenil construída nessa segunda obra. É o enunciador instituído de um saber específico, o articulador de opiniões, fatos, tipos de comportamentos, ainda que faça tal articulação de forma menos impositiva do que nas obras de autoajuda para adultos. O enunciatário implicado nessa cenografia não é também semelhante aos adultos leitores de autoajuda, seres desorientados, inseguros e angustiados em busca de soluções para suas crises emocionais, mas indivíduos dinâmicos e curiosos, interessados em saber mais, em divertir-se e instruir-se de maneira ágil e prática. Assumem, assim, uma imagem mais “positiva” da adolescência: são indivíduos repletos de entusiasmo, de alegria e de descontração.

O que se observou na obra de Weinberg (2007) a respeito da cenografia instaurada foi que se trata de uma cena próxima à de uma sessão de psicoterapia individual, na medida em que o enunciador alterna enunciados em que se aproxima do público jovem para demonstrar que o compreende, que sabe exatamente quais suas emoções e pensamentos em determinadas situações, com enunciados em que se distancia do jovem e delimita seu estatuto de saber e de especialização na área de terapia adolescente para angariar credibilidade às suas teses e afirmações. Assim, ele pode auxiliar o adolescente a compreender a fase pela qual está passando.

A aproximação ao “paciente” garante à obra um tom de confidencialidade entre enunciador e público, mas, simultaneamente, o distanciamento permite ao terapeuta partilhar seus conhecimentos e experiências para contribuir para a superação dos problemas que os jovens vivenciam, sem destituir-se, portanto, de seu estatuto de experiência, de conhecimento ou orientador.

Diante do exposto, pode-se dizer que o *ethos* discursivo da obra reforça o estatuto diferenciado de saber do enunciador, o que a diferencia das obras anteriores, em que esse estatuto está mais amenizado ou diluído. A enunciação manifesta-se com traços didáticos, explicativos, próprios a um cenário em que se atenua o autoritarismo do discurso de autoajuda para adultos, muito embora tal

cenografia apresente uma imagem do enunciatário mais próxima desse discurso, caracterizada pela insegurança e desorientação.

Por fim, na obra de Carlson (2001) verificou-se que a cenografia instaurada se aproxima mais das cenografias prototípicas do discurso de autoajuda, tal como o caracterizam Brunelli (2004) e Sobral (2006). Nessa obra, o enunciador assume um tom mais autoritário e impositivo de suas normas de conduta, adotando procedimentos persuasivos para que o enunciatário se convença da validade e eficiência dos métodos oferecidos pelo enunciador no combate ao estresse da vida cotidiana.

A cenografia instaurada assemelha-se a uma relação de empresa-consumidor: para que este “compre” a ideia do enunciador e a aplique em seu dia a dia, o enunciador precisa persuadir o consumidor adolescente de que suas teses são verdadeiras, de que seu produto é o único apropriado para as finalidades mencionadas. Dessa forma, o enunciador posiciona-se em um lugar de orientador, de condutor de comportamentos, de indivíduo experiente e sábio, apto a mostrar todas as razões para que suas dicas e sugestões sejam seguidas. Ao jovem, cabe o papel de consumidor dessas normas e padrões de comportamentos estabelecidos pelo sujeito enunciador para seus problemas.

Portanto, nas três primeiras obras (*Tipo assim: adolescente, O livro do adolescente: discutindo ideias e atitudes com o jovem de hoje e Por que estou assim? Os momentos difíceis da adolescência*), embora tenham se verificado diferentes *ethé* discursivos e diferentes cenografias, constatou-se também que elas se assemelham pela atenuação da relação de distância estabelecida entre seus enunciadores e o público.

Essa atenuação da relação hierárquica entre as instâncias de enunciação, que se concretiza em cada obra de um modo específico, afasta essas obras daquelas analisadas por Brunelli (2004) e Sobral (2006). Esses autores verificaram que a assimetria de papéis dessas instâncias enunciativas é um aspecto constitutivo do discurso de autoajuda. Seja em obras que visam à orientação da conduta espiritual do público, seja em obras que se destinam à adoção

de fórmulas que conduzam ao sucesso profissional e/ou financeiro, os enunciadores do discurso de autoajuda procuram legitimar sua autoridade e seu estatuto de saber diferenciado para que possam, ou melhor, para que estejam autorizados a prescrever o que os seus respectivos públicos devem ou não fazer, considerando-se o lugar enunciativo ao qual pertencem.

Desse modo, considerando-se os resultados das análises desenvolvidas neste livro, poder-se-ia dizer que o discurso de autoajuda para adolescentes se caracteriza por oferecer sugestões e dicas de comportamentos de modo específico, isto é, de maneira atenuada e por meio de uma linguagem mais familiar ao universo dos jovens.

Entretanto, na análise da última obra analisada, constatou-se que ela apresenta uma relação entre enunciador e enunciatário mais próxima da que se estabelece no discurso de autoajuda, nos termos de Brunelli (2004) e de Sobral (2006). Há uma relação diferenciada de saber entre enunciador e enunciatário, o que permite ao primeiro posicionar-se como um sujeito experiente, sábio, orientador, típico das obras de autoajuda. Dessa forma, o sujeito enunciador mostra-se como um indivíduo apto a direcionar os comportamentos de seu interlocutor e, portanto, assume o mesmo tom autoritário e impositivo do discurso de autoajuda.

Observou-se também que, enquanto as obras de autoria brasileira apresentam algumas semelhanças (especialmente o modo atenuado de orientar os adolescentes), essas obras se distanciam da obra de autoria de um psicoterapeuta americano. Assim, a obra de Carlson (2001) apresenta mais semelhanças enunciativas e discursivas com os discursos de autoajuda mais tradicionais, o que pode estar relacionado ao fato de essa obra ser a adaptação de um livro de autoajuda de sua autoria, destinada ao público adulto.

Considerando-se esse novo dado, constata-se que o discurso de autoajuda para adolescentes caracteriza-se pela heterogeneidade, já que ora assume cenografias mais próximas ao universo juvenil e ora se aproxima do discurso de autoajuda para adultos.

Como a análise realizada baseou-se somente em uma obra americana e como esse tipo de publicação para adolescentes é mais

desenvolvido nos mercados editoriais internacionais, pesquisas que expliquem as semelhanças e diferenças entre essas obras no Brasil e no exterior poderiam contribuir para a compreensão não só do discurso de autoajuda em diferentes culturas como para a análise dessas publicações para os adolescentes em diferentes contextos sociais.

Cabe ressaltar ainda que a imposição de modelos de comportamento, que é típico do discurso de autoajuda, visa à homogeneização das subjetividades, ao apagamento da alteridade que constitui os sujeitos, objetivo este que reflete os processos ideológicos do individualismo pós-moderno, descritos na Introdução deste livro.

Assim, ao atingir o público adolescente, o discurso de autoajuda também procura estabelecer padrões de comportamento considerados adequados a certas formações ideológicas contemporâneas em relação aos indivíduos “em formação”, que ainda estão em processo de desenvolvimento de suas personalidades.

Uma questão que emerge a partir dessa constatação é: quais são as consequências psicológicas e ideológicas do discurso de autoajuda para adolescentes justamente na fase de formação de sua identidade? Que valores e tipos de subjetividades são propagados a esses indivíduos?

Por fim, o fato de o discurso de autoajuda direcionar-se ao público adolescente indica que o grau de disseminação desse tipo de discurso nas sociedades atuais é alto e suas implicações sociais e ideológicas já são foco de estudos de diversas pesquisas discursivas, sociológicas, psicológicas e muitas outras ainda, que poderão contribuir para a produção de conhecimentos sobre o assunto.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ARTERBURN, S.; ELTHRIDGE, S. *A batalha de toda adolescente*. São Paulo: Mundo Cristão, 2007.
- AUTHIER-REVUZ, J. *Palavras incertas: as não coincidências do dizer*. Campinas: Editora da Unicamp, 1998.
- BAKHTIN, M. O discurso no romance. In: *Questões de literatura e de estética: a teoria do romance*. 5.ed. São Paulo: Hucitec; Anna-blume, 2002. p.71-210.
- BAUMAN, Z. *O mal-estar da pós-modernidade*. Trad. Mauro Gama e Cláudia M. Gama. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.
- BOUER, J.; FRANCINE, S. *Tipo assim: adolescente*. Campinas: Papirus, 2005.
- BROWN, P.; LEVINSON, S. *Politeness*. Cambridge: Cambridge University Press, 1987.
- BRUNELLI, A. F. *O sucesso está em suas mãos: análise do discurso de autoajuda*. Campinas, 2004. 149f. Tese (Doutorado em Linguística) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas.
- _____. Aforização no discurso de autoajuda. *Revista do Gel*, São Paulo, v.8, n.1, p.125-37, 2011.
- _____; DALL'AGLIO-HATTNER, M. M. As qualificações do saber, do dever e do poder: uma análise linguística do discurso de autoajuda. In: BARONAS, R. G. *Análise do Discurso: teorias e métodos*. Campinas: Mercado de Letras, 2010. p.13-31.

- CARLSON, R. *Não faça tempestade em copo d'água para adolescentes: maneiras simples de manter a calma em momentos de estresse*. Trad. Alyda Christina Sauer. Rio de Janeiro: Rocco, 2001.
- CARNEGIE, D. D. *Como fazer amigos e influenciar pessoas para adolescentes*. Rio de Janeiro: Best Seller, 2006.
- CHAGAS, A. T. S. das. *A ilusão no discurso de autoajuda e o sintoma social*. Ijuí: Editora Unijuí, 2001.
- CHARAUDEAU, P. Modo de organização descritivo. In: *Linguagem e discurso: modos de organização*. 2.ed. São Paulo: Contexto, 2010a. p.107-50.
- _____. Modo de organização argumentativo. In: *Linguagem e discurso: modos de organização*. 2.ed. São Paulo: Contexto, 2010b. p.201-49.
- COVEY, S. *Os sete hábitos dos adolescentes altamente eficazes*. Rio de Janeiro: Best Seller, 2009.
- DALL'AGLIO-HATTNER, M. M. Pesquisas em sintaxe: a abordagem funcionalista da evidencialidade. In: MASSINI-CAGLIARI, G. et al. (Org.). *Trilhas de Mattoso Câmara e outras trilhas: fonologia, morfologia e sintaxe*. Araraquara: Cultura Acadêmica Editora, 2007. p.103-45.
- DUARTE, E. B. Televisão: sobre o tom do tom. In: ENCONTRO ANUAL DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DOS PROGRAMAS DE PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO, 14, Niterói, 2005. *Anais eletrônicos...* Niterói: UFF, 2005. Disponível em: <<http://www.unicap.br/gtspm/artigos2005/Elizabeth.pdf>>. Acesso em: 17 set. 2012.
- FIORIN, J. S. *O regime de 1964: discurso e ideologia*. São Paulo: Atual, 1988.
- _____. *As astúcias da enunciação: as categorias de pessoa, espaço e tempo*. 2.ed. São Paulo: Ática, 2001.
- FONTES, M. G. *As interrogativas de conteúdo na história do português brasileiro: uma abordagem discursivo-funcional*. São José do Rio Preto, 2012. 180f. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) – Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”.
- GARCIA, O. M. *Comunicação em prosa moderna*. 13.ed. Rio de Janeiro: Editora da Fundação Getúlio Vargas, 1986.

- GUERRA, A. R. *Funções textual-interativas dos marcadores discursivos*. São José do Rio Preto, 2007. 233f. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) – Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”.
- HENGVELD, K. Mood and modality. In: BOOIJ, G.; LEHMANN, C.; MUGDAN, J. (Ed.). *Morphology: a Handbook on Inflection and Word Formation*. v.2. Berlim: Mouton de Gruyter, 2004. p.1.190-202.
- IACOCCA, L.; IACOCCA, M. *O livro do adolescente: discutindo ideias e atitudes com o jovem de hoje*. São Paulo: Ática, 2008.
- JERSILD, A. T. *Psicologia da Adolescência*. Trad. José Severo de Carmargo Pereira e João Alves dos Santos. 2.ed. São Paulo: Nacional, 1964.
- MAINGUENEAU, D. *Novas tendências em Análise do Discurso*. Campinas: Pontes; Editora da Unicamp, 1989.
- _____. *Gênese dos discursos*. Trad. Sírio Possenti. Curitiba: Criar Edições, 2005a.
- _____. *Análise de textos de comunicação*. Trad. Cecília P. de Souza e Silva e Décio Rocha. 4.ed. São Paulo: Cortez, 2005b.
- _____. *Ethos, cenografia, incorporação*. In: AMOSSY, R. (Org.). *Imagens de si no discurso: a construção do ethos*. São Paulo: Contexto, 2008a. p.69-92.
- _____. A propósito do *ethos*. In: MOTTA, A. R.; SALGADO, L. (Org.). *Ethos discursivo*. São Paulo: Contexto, 2008b. p.11-29.
- _____. *Cenas da enunciação*. Trad. Maria Cecília Pérez de Souza e Silva et al. São Paulo: Parábola, 2008c.
- _____. Aforização: enunciados sem texto? In: *Doze conceitos em Análise do Discurso*. Trad. Ana Raquel Motta. São Paulo: Parábola, 2010. p.9-24.
- MOLINARI, S. *Adolescente de A a Z*. São Paulo: Paulinas, 2003.
- NEVES, M. H. M. A modalidade. In: KOCH, I. G. V. (Org.). *Gramática do português falado*. v.VI: Desenvolvimentos. Campinas: Editora da Unicamp, 1996. p.163-99.
- OLIVEIRA E SILVA, G. M. de; RISSO, M. S.; URBANO, H. Traços definidores dos marcadores discursivos. In: JUBRAN, C. C.

- A. S.; KOCH, I. G. V. (Org.). *Gramática do português culto falado no Brasil*. Campinas: Editora da Unicamp, 2006. p.403-25.
- RAPPAPORT, C. *Encarando a adolescência*. São Paulo: Ática, 2011.
- RIBEIRO, M. *Adolescentes: um bate-papo sobre sexo*. São Paulo: Moderna, 2008.
- RÜDIGER, F. *Literatura de autoajuda e individualismo*. Porto Alegre: Editora da Universidade do Rio Grande do Sul, 1996.
- SOBRAL, A. U. *Elementos sobre a formação de gêneros discursivos: a fase parasitária de uma vertente do gênero de autoajuda*. São Paulo, 2006. 305f. Tese (Doutorado em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.
- WEINBERG, C. *Por que estou assim: os momentos difíceis da adolescência*. São Paulo: Sá Editora, 2007.

SOBRE A AUTORA

MARÍLIA MOLINA FURLAN graduou-se em Licenciatura em Letras pela UNESP (*campus* de São José do Rio Preto) no ano de 2009. Mestra em Estudos Linguísticos pela mesma universidade (2013) e cursa o doutorado pelo Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos, também na UNESP, desde 2014. Desenvolve, desde o estágio de Iniciação Científica realizado entre 2009 e 2010, pesquisa sobre o discurso de autoajuda para adolescentes. Apresentou trabalhos relativos a essa temática no I Colóquio Internacional de Texto e Discurso, no I Simpósio Internacional Sociedade, Discurso e Identidade e no V Colóquio da Associação Latino-Americana de Estudos do Discurso (Aled).

SOBRE O LIVRO

Formato: 14 x 21 cm

Mancha: 23, 7 x 43,16 paicas

Tipologia: Horley Old Style 10,5/14
2014

EQUIPE DE REALIZAÇÃO

Coordenação Geral

Tulio Kawata

